



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL – CCBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGLB

MAIARA AMORIM PEREIRA

O GÊNERO COMENTÁRIO ONLINE: interação dialógica e polêmica na rede social
Instagram

BACABAL- MA
2024

MAIARA AMORIM PEREIRA

O GÊNERO COMENTÁRIO ONLINE: interação dialógica e polêmica na rede social
Instagram

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Bacabal da Universidade Federal do Maranhão, UFMA- Centro de Ciências de Bacabal - CCBA.

Linha de Pesquisa: Linha 1 – Texto e Discurso

Orientador(a): Prof. Dr. Luís Henrique Serra

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Pereira, Maiara Amorim.

O GÊNERO COMENTÁRIO ONLINE : interação dialógica e polêmica na rede social Instagram / Maiara Amorim Pereira.
- 2024.

120 f.

Orientador(a): Luís Henrique Serra.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras - Bacabal, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2024.

1. Comentário online. 2. Dialogismo. 3. Instagram.
4. Polêmica. I. Serra, Luís Henrique. II. Título.

MAIARA AMORIM PEREIRA

O GÊNERO COMENTÁRIO ONLINE: interação dialógica e polêmica na rede social
Instagram

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Bacabal da Universidade Federal do Maranhão, UFMA- Centro de Ciências de Bacabal - CCBA.

Linha de Pesquisa: Linha 1 – Texto e Discurso

Orientador(a): Prof. Dr. Luís Henrique Serra

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Henrique Serra
PPGLB/UFMA - Presidente

Prof. Dr. João Benvindo de Moura
PPGL/UFPI – Examinador Externo

Prof. Dr. José Magno Sousa Vieira
PPGLB/UFMA – Examinador Interno

Profa. Dra. Kátia Cilene Ferreira França
PPGLB/UFMA – Examinadora Interna – SUPLENTE

Aos meus pais e aos meus irmãos, pelos cuidados diários e por sempre estarem ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar forças para continuar, mesmo quando tudo parece difícil.

Aos meus pais, Andréia Amorim e Gilberto Lima, por todo apoio e incentivo, e por me amarem incondicionalmente.

Aos meus irmãos, em especial à Naiara, Matheus e Iara, por todo cuidado que tiveram comigo durante esse doloroso percurso.

Agradeço aos meus avós, Francisco, Esmeralda, Genésio, por todo carinho e preocupação comigo, à minha avó, Maria, que infelizmente não pôde acompanhar a concretização deste sonho. Aos meus tios, em especial às minhas tias, Eliane e Maria, pelo incentivo. A todos os meus familiares que sempre torceram pelo meu sucesso.

Aos meus amigos, Paulo Henrique, Rafaela Freitas e Aline Kananda, por cada palavra de incentivo e por sempre acreditarem no meu potencial.

Agradeço a todo o corpo docente do curso de Licenciatura em Linguagens e Código/Língua Portuguesa, que contribuíram para o meu crescimento enquanto graduanda e para o meu ingresso no mestrado.

À professora Eliane Santos, por ter me acompanhado durante a graduação, e ter me impulsionado a viver o sonho do mestrado.

Aos amigos do mestrado, por todas as palavras de incentivo.

Ao meu orientador, Luís Henrique Serra, por construir juntamente comigo essa pesquisa, pelo carinho e paciência em todos os momentos.

Aos meus colegas de trabalho, por todo incentivo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal, que de forma direta ou indireta contribuíram para a construção desta pesquisa.

Aos que não citei, mas que fizeram parte da construção e concretização deste sonho, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Esta pesquisa trata de um estudo acerca do gênero comentário *online*, objetivando investigar as relações dialógico-valorativas e polêmicas que atuam na construção dos sentidos do gênero. O comentário *online* é constituído por uma multiplicidade de fios dialógicos e, na esfera jornalística, materializa a polêmica, aspectos que nos fazem considerar sua análise relevante. A pesquisa tem como norte a teoria dialógica do Círculo Linguístico de Praga e teorias do campo do discurso, estabelecemos diálogos principalmente com autores como: Volóchinov (2018), Bakhtin (2013, 2015), Amossy (2017, 2020), Authier-Revuz (2004), Paveau (2021), dentre outros. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa é de natureza básica, de caráter descritivo e documental. O *corpus* é constituído por 38 comentários *online* da esfera político-jornalística. A descrição dos dados foi feita a partir da análise de comentários *online*, coletados em notícias publicadas em dois perfis presentes na rede social *Instagram*, a saber: Carta Capital e CNN Brasil. As notícias (texto fonte) tratam de duas temáticas específicas: as manifestações em 8 de janeiro de 2023 e a visita de Nicolás Maduro ao Brasil. A pesquisa parte das seguintes inquietações: como se dá a construção de relações dialógico-valorativas no gênero comentário *online* sobre notícias? Como os elementos linguísticos, o contexto extraverbal, e os aspectos valorativos e ideológicos atuam nessa construção de sentidos? Como as interações sustentam a polêmica nesse gênero? Ao final das análises, foi possível observar que o gênero comentário *online* é propício para a materialização de relações dialógicas. Os internautas dialogam entre si, estabelecendo conexões tanto com o conteúdo da notícia quanto com outros fios discursivos exteriores, mobilizados para auxiliar na ampliação das discussões nos comentários. Esses aspectos apontam para a presença do dialogismo interlocutivo e interdiscursivo. As relações dialógicas recorrentes no comentário *online* são aquelas sem marcas linguísticas delimitadoras de fronteiras entre um discurso e outro, com isso, foi possível observar a ocorrência da heterogeneidade mostrada não marcada, dada a presença de recursos como: a ironia, a alusão e o discurso indireto. Observou-se que, independente dos portais, os comentários apresentam discursos marcados pelo dissenso, prevalecendo o desacordo, o que favoreceu a construção de uma argumentação polêmica, com a ocorrência de comentários que manifestam argumentos tais como: a distorção do ponto de vista, o *argumentum ad hominem*, a desqualificação, a dicotomização, a polarização, dentre outros. Além disso, nota-se a menção a figuras políticas nos comentários, o que sugere a incidência de fios ideológicos nas discussões.

Palavras-chave: Comentário *online*. *Instagram*. Dialogismo. Polêmica.

ABSTRACT

This research deals with a study of the online commentary genre, aiming to investigate the dialogical-evaluative and controversial relationships that act in the construction of the genre's meanings. Online commentary is made up of a multiplicity of dialogic threads and, in the journalistic sphere, it materializes controversy, aspects that make us consider its analysis relevant. The research is guided by the dialogic theory of the Prague Linguistic Circle and theories from the field of discourse, we establish dialogues mainly with authors such as: Volóshinov (2018), Bakhtin (2013, 2015), Amossy (2017, 2020), Authier-Revuz (2004), Paveau (2021), among others. From a methodological point of view, the research is basic in nature, descriptive and documentary in nature. The corpus consists of 38 online comments from the political-journalistic sphere. The description of the data was made based on the analysis of online comments, collected in news published on two profiles on the social network Instagram, namely: Carta Capital and CNN Brasil. The news (source text) deals with two specific themes: the demonstrations on January 8, 2023 and Nicolás Maduro's visit to Brazil. The research is based on the following concerns: how is the construction of dialogic-evaluative relationships in the online commentary genre about news? How do linguistic elements, the extraverbal context, and the evaluative and ideological aspects act in this construction of meanings? How do interactions sustain controversy in this genre? At the end of the analyses, it was possible to observe that the online comment genre is conducive to the materialization of dialogical relationships. Internet users dialogue with each other, establishing connections both with the content of the news and with other external discursive threads, mobilized to help expand discussions in the comments. These aspects point to the presence of interlocutive and interdiscursive dialogism. The recurrent dialogical relationships in online commentary are those without linguistic marks delimiting boundaries between one discourse and another, with this, it was possible to observe the occurrence of heterogeneity shown unmarked, given the presence of resources such as: irony, allusion and discourse indirect. It was observed that, regardless of the portals, the comments present speeches marked by dissent, with disagreement prevailing, which favored the construction of a controversial argument, with the occurrence of comments that express arguments such as: the distortion of the point of view, the argumentum ad hominem, disqualification, dichotomization, polarization, among others. Furthermore, there is mention of political figures in the comments, which suggests the incidence of ideological threads in the discussions.

Keywords: Online commentary. Instagram. Dialogism. Controversy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração das formas de interação no espaço destinado aos comentários	69
Figura 2 - Captura de tela da notícia postada no perfil da Carta Capital.....	74
Figura 3 - Captura de tela da notícia postada no perfil da CNN Brasil.....	84
Figura 4 - Captura de tela da notícia - Carta Capital	93
Figura 5 - Captura de tela da notícia postada no perfil da CNN Brasil.....	100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Primeiro bloco de comentários - Carta Capital.....	74
Quadro 2 - Segundo bloco de comentários - Carta Capital.....	78
Quadro 3 - Primeiro bloco de comentários – CNN Brasil	84
Quadro 4 - Segundo bloco de comentários - CNN Brasil.....	87
Quadro 5 - Primeiro bloco de comentários - Carta Capital.....	93
Quadro 6 - Segundo bloco de comentários - Carta Capital.....	98
Quadro 7 - Primeiro bloco de comentários – CNN Brasil	101
Quadro 8 - Segundo bloco de comentários – CNN Brasil	105

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PERCURSO METODOLÓGICO.....	15
3 O DIALOGISMO E SUAS DIFERENTES MANIFESTAÇÕES	18
3.1 Dialogismo: a língua enquanto evento social e dialógico	18
3.1.1 O dialogismo interlocutivo e o dialogismo interdiscursivo.....	27
3.2 HETEROGENEIDADE MOSTRADA E HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA: o Outro/outro em cena	28
4 TEORIAS DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO	34
4.1 O Modo Argumentativo em cena	34
4.2 Os argumentos na perspectiva de Fiorin.....	39
4.3 Por uma teoria da argumentação no discurso	43
4.4 Argumentação polêmica: o dissenso no discurso.....	48
5 O DISCURSO NO AMBIENTE DIGITAL	53
5.1 O gênero comentário <i>online</i>: interação no mundo digital	57
5.2 Ideologia e esfera jornalística	60
5.1.1 Ideologia: reflexão e refração da realidade.....	60
5.1.2 A esfera midiática/jornalística: o jogo da não neutralidade	62
5.1.3 Direita x Esquerda: dois extremos opostos.....	64
6 ANÁLISE DE COMENTÁRIOS <i>ONLINE</i>: a interação na rede social <i>Instagram</i>	68
6.1 Ferramentas de interação disponíveis no espaço de materialização dos comentários	68
6.2 O texto fonte: ponto de partida para a interação	70
6.3 O dialogismo no gênero comentário <i>online</i>: uma investigação das relações entre internautas e entre discursos	73
6.4 Argumentação polêmica: o dissenso no gênero comentário <i>online</i>.....	92
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS.....	118

1 INTRODUÇÃO

Tendo como norte a teoria dialógica do Círculo Linguístico de Praga e as teorias do campo do discurso e da argumentação, esse estudo objetiva investigar as relações dialógico-valorativas e polêmicas na construção dos sentidos do gênero comentário *online* sobre notícias, na rede social *Instagram*. Partimos do pressuposto de que o ambiente digital tem ocupado um importante espaço na sociedade, principalmente após o período pandêmico, em que as interações *online* tornaram-se cada vez mais frequentes. Nesse espaço de constante interação, como nas demais instâncias da vida humana, o caráter dialógico da linguagem se faz presente, dado que é baseado nele que as relações com o outro e seu dizer são estabelecidas, tanto na vida fora das telas, como na vivência através delas.

O caminho percorrido até a constituição desta pesquisa iniciou-se ainda na graduação, no interior do Grupo de Estudos e Pesquisa GEPFEMEM¹, a partir de discussões acerca dos gêneros discursivos e da teoria dialógica na perspectiva de Bakhtin e o Círculo, do contato com estudos realizados por Santos (2013; 2018), que problematizam acerca da organização e funcionamento do gênero comentário *online*, dentre outras. Tais discussões nos atravessaram, dando margem para o desejo de pesquisar a constituição discursiva do gênero comentário *online*, que na graduação, resultou no trabalho de conclusão de curso, intitulado “O discurso outro na construção dos sentidos no gênero comentário *online*”. Na monografia, foi possível criar a percepção de que o gênero comentário *online* é dialógico em todas as suas instâncias, apresentando complexidade em sua constituição. Assim, as inquietações que permaneceram após a graduação e o desejo em aprofundar as discussões acerca do gênero comentário *online*, considerando suas propriedades polêmicas e ideológicas, deram margem para a continuidade da pesquisa no âmbito do mestrado, resultando na constituição desta pesquisa e de artigos publicados, tais como Pereira e Serra (2023a, 2023b, 2023c, 2023d, 2023e, 2022), Pereira e Santos (2023), Pereira (2023), dentre outros.

Nesse contexto, esta pesquisa se alinha aos trabalhos que têm como ponto de partida a investigação acerca da constituição do gênero comentário *online*², entretanto, ressaltamos que, diferente de trabalhos mais atuais, esta pesquisa centra-se no estudo do gênero comentário *online*, a partir de uma perspectiva discursiva, considerando sua dimensão dialógica, ideológica e também polêmica, dadas as discussões que são suscitadas nesse gênero, principalmente no

¹ Grupo de Estudos e Pesquisa Sobre Formação e Prática Docente de Línguas, Práticas de Linguagem e Memórias do Ensino de Espanhol no Maranhão (GEPFEMEM), linha - Práticas de Linguagem em Diferentes Contextos.

² Catelão e Oliveira (2021); Ciulla et al. (2022); Pereira e Brito (2020).

que diz respeito a debates em que o texto fonte emerge da esfera política.

O comentário *online*, de acordo com Paveau (2021), é uma das formas de tecnodiscurso mais frequentes na *internet*, pois tem se constituído em diferentes espaços de escrita, tais como redes sociais, blogs, etc. Nesse sentido, trata-se de um gênero presente em diferentes esferas de interação do mundo virtual. Partindo desse contexto, consideramos esta pesquisa relevante e justificável por promover uma discussão centrada em compreender a dinâmica de interação que se dá em um gênero que atua como palco de autoexpressão, desempenhando um importante papel na comunicação digital contemporânea.

A pesquisa se constitui a partir das seguintes inquietações: como se dá a construção de relações dialógico-valorativas no gênero comentário *online* sobre notícias? Como os elementos linguísticos, o contexto extraverbal e os aspectos valorativos e ideológicos atuam nessa construção de sentidos? Como as interações sustentam a polêmica nesse gênero? Acerca desses questionamentos, adotamos a seguinte hipótese: a possibilidade de resposta oferecida pelo gênero comentário *online* ao internauta faz com que ele apresente um potencial interativo, propício para a manifestação de relações dialógico-valorativas marcadas por uma argumentação conflituosa, visto que os internautas acabam refletindo nos comentários suas ideologias e opiniões sobre diversos assuntos.

Visando colocar em prática nosso estudo, intentamos: (i) analisar como se dão as formas de dialogismo interdiscursivo e interlocutivo no gênero comentário *online*; (ii) verificar as marcas linguístico-estilísticas que constituem o gênero enquanto manifestações ideológicas do falante e ainda, (iii) destacar os aspectos que evidenciam a argumentação polêmica. Selecionamos como *corpus* desta pesquisa comentários *online* retirados da esfera político-jornalística, mais especificamente, da rede social *Instagram*, a partir de dois perfis de notícias, a saber: Carta Capital e CNN Brasil. A escolha desses perfis se justifica por considerarmos a grande recorrência de comentários em suas publicações de cunho político, além de considerarmos a ideia de que, para a grande mídia e no imaginário popular, esses perfis defendem posicionamentos situados em extremos opostos. A escolha da rede social *Instagram* se justifica por sua atual popularidade, além de possuir um fácil acesso, reunir um público diverso de leitores, ter uma estrutura dinâmica para escrita de comentários e a possibilidade de ampliação das discussões, a partir de ferramentas que permitem ao internauta reagir, curtir, compartilhar e comentar.

A dissertação se organiza em sete capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos esta introdução, que expõe os pressupostos básicos da pesquisa, tais como objetivos, perguntas de

pesquisa, motivações e justificativas para seu desenvolvimento.

O segundo capítulo, “Percursos metodológicos”, detalha a metodologia adotada para a realização da pesquisa, como a forma com que se deu a seleção das páginas de notícias, os critérios usados para a seleção das notícias, e ainda, os critérios para a coleta do *corpus* e sua análise. Além disso, este capítulo detalha a forma de apresentação do *corpus*, bem como das notícias, apresentando também a organização das categorias.

O terceiro capítulo, “Dialogismo e suas diferentes manifestações” levantamos reflexões acerca da constituição dialógica da linguagem a partir da perspectiva de Bakhtin e o Círculo, apresentamos as diferentes nuances do dialogismo, além de teorias que se sustentam nessa perspectiva dialógica. O capítulo fundamenta-se em autores como Bakhtin (2013, 2015, 2016), Volochínov (2018), Authier-Revuz (1998, 2004). Assim, para uma melhor organização, o capítulo se divide em tópicos e subtópicos. 1) Dialogismo: a língua enquanto evento social e dialógico, este tópico contempla ainda um subtópico: O dialogismo interlocutivo e o dialogismo interdiscursivo; 2) Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: o Outro/outro em cena, que expõe considerações acerca das formas de heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva, como esquemas de negociação de evidenciação do outro que é constitutivo do discurso.

O quarto capítulo, “Teorias da argumentação no discurso”, apresenta considerações acerca do discurso argumentativo, da argumentação no discurso, contemplando a apresentação de tipos argumentativos, além de expor considerações sobre a argumentação polêmica, as discussões desse capítulo fundamentam-se em Charaudeau (2019), Fiorin (2023), Amossy (2017, 2020). O capítulo está dividido em subtópicos: 1) O Modo Argumentativo em cena; 2) Os argumentos na perspectiva de Fiorin; 3) Por uma teoria da argumentação no discurso; 4) Argumentação polêmica: o dissenso no discurso.

O quinto capítulo, “O discurso no ambiente digital”, apresenta reflexões acerca da produção discursiva no ambiente digital, fundamentando-se em Dias (2018), Paveau (2021), apresenta ainda considerações sobre o gênero comentário *online*, partindo da perspectiva de Paveau (2021), Santos (2018), dentre outros. O capítulo expõe ainda a incidência da ideologia na esfera jornalística, apontando para sua não neutralidade. Este capítulo é organizado em tópicos e subtópicos. 1) O discurso no ambiente digital, este tópico contempla o subtópico: O gênero comentário *online*: interação no mundo da digital; 2) Ideologia e esfera jornalística, contemplando os subtópicos: Ideologia: reflexão e refração da realidade; A esfera midiática/jornalística: o jogo da não neutralidade; Direita x Esquerda: dois extremos opostos.

O sexto capítulo, “Análise de comentários *online*: a interação na rede social *Instagram*”, apresenta aspectos ligados à organização e desenvolvimento das análises, com a mobilização dos conceitos teóricos e a interpretação dos dados. Assim, o capítulo se divide nos seguintes tópicos: Ferramentas de interação disponíveis no espaço de materialização dos comentários; O texto fonte: ponto de partida para a interação; O dialogismo no gênero comentário *online*: uma investigação das relações entre internautas e entre discursos; Argumentação polêmica: o dissenso no gênero comentário *online*. Os dois últimos tópicos apresentam as categorias de análises com a exposição analítica dos comentários. Por fim, temos a exposição das considerações finais, reunindo apontamentos sobre os resultados obtidos.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Tomando como ponto de partida a necessidade de situar o leitor acerca dos aspectos que constituem a pesquisa, traçamos neste capítulo o percurso metodológico. Nossa investigação teórica e nossas análises situam-se na teoria dialógica do Círculo Linguístico de Praga e nas teorias do campo do discurso e da argumentação, bem como da análise do discurso digital.

O *corpus* faz parte da esfera político-jornalística, sua constituição do *corpus* se deu a partir de alguns procedimentos, tais como: 1) Seleção dos perfis do *Instagram*, conforme já mencionados, (CNN Brasil e Carta Capital; 2) Seleção das notícias/postagens, a partir dos seguintes critérios: a grande repercussão nacional, a temática ligada ao campo político, número significativo de interações/comentários. É importante destacar que antes de iniciarmos a seleção das notícias, fizemos uma pesquisa geral nos dois portais, possibilitando verificar que os acontecimentos, em sua maioria, se repetiam. Diante disso, consideramos a possibilidade de selecionar a mesma notícia em ambos os portais, objetivando fazer um comparativo entre os comentários de cada perfil; 3) Seleção dos comentários e análise.

Esses procedimentos resultaram na seleção de notícias de duas temáticas específicas em cada portal: **temática I** (Os atos de 8 de janeiro que culminaram na invasão do Congresso Nacional em Brasília); **temática II** (Visita do presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, ao Brasil). Com relação à primeira temática, considerando os perfis mencionados, selecionamos duas notícias que apresentam as seguintes manchetes: **notícia 1**: Carta Capital (Bolsonaristas invadem Congresso Nacional em Brasília); **notícia 2**: CNN Brasil (Manifestantes furam bloqueio e invadem Esplanada dos Ministérios). Já na segunda temática, as notícias têm como manchetes: **notícia 3**: Carta Capital (‘Que nunca mais fechem as portas entre Brasil e Venezuela’, diz Maduro após encontro com Lula); **notícia 4**: CNN Brasil (Lula critica “preconceito contra Venezuela” e considera “histórica” visita de Maduro). Nesse contexto, os comentários aqui analisados são coletados a partir de quatro manchetes. É necessário destacar que as notícias não são nosso foco central, entretanto, por serem o texto fonte, que desencadeiam os comentários, consideramos a necessidade de fazer uma delimitação, para que o *corpus* seja coletado com êxito.

A partir das notícias selecionadas, fizemos o recorte dos comentários considerando o fato de as postagens dos internautas formarem uma grande cadeia comunicativa, com centenas de comentários. Assim, selecionamos tanto comentários que possuem réplicas (respostas de outros internautas), como aqueles que não possuem. Para a coleta dos comentários usamos os seguintes critérios: comentários que, de forma mais recorrente, materializam diálogos entre si,

proporcionando debates que ampliam o texto fonte e levam a outros sentidos/discussões e, ainda, aqueles que apresentam um resgate de discursos outros, marcados pelo acordo ou pelo desacordo. Na coleta foram descartados aqueles comentários que, além de não possuírem réplicas, apresentavam uma fuga em relação ao debate político, sendo, portanto, comentários que apresentavam uma aleatoriedade. A seleção dos comentários se deu em sequência, visando conservar as relações entre um comentário e outro, visto que esses enunciados formam uma grande corrente entre si, originando reações/respostas.

Com base nos critérios apresentados, a coleta do nosso *corpus* resultou em uma seleção de um total de 38 comentários, esse número engloba tanto os comentários principais, como também suas réplicas. Consideramos esse quantitativo pertinente para o atendimento dos objetivos aqui propostos. Por questões éticas, os nomes dos internautas foram preservados, deixamos expostos apenas as primeiras iniciais dos nomes dos usuários, além disso, cada internauta/comentário foi identificado a partir de numeração, assim, os comentários desencadeadores ou comentários principais, ou seja, que respondem diretamente à notícia foram identificados como: (01; 02; etc.); já os comentários que correspondem a réplicas, ou seja, comentário de comentário, foram identificados como: (1.1; 1.2; etc.). Quanto à apresentação dos dados, optamos por expor o texto fonte e os comentários por meio de capturas de telas feitas no computador, garantindo a exposição de ambos conforme se apresentam em seus espaços de origem, embora algumas funções (curtir, compartilhar, etc.) sejam comprometidas, interferindo, assim, na representação fiel do ambiente digital.

Após uma observação geral do *corpus* e considerando os aspectos teóricos discursivos da pesquisa, mobilizamos duas categorias de análise, sendo elas: 1) Dialogismo no gênero comentário *online*: uma investigação das relações entre internautas e entre discursos; 2) Argumentação polêmica: o dissenso no gênero comentário *online*. As análises foram feitas a partir do método qualitativo, com foco na descrição e interpretação dos sentidos expostos linguisticamente e os sentidos extraverbais a que os comentários nos remetem. Dessa forma, consideramos nas análises aspectos que possam indicar as marcas de presença do outro, bem como marcas de argumentação polêmica e de aspectos ideológicos que apontem para a defesa de pontos de vista marcados pelo antagonismo entre esquerda e direita, nesse sentido, considerando a não neutralidade da língua, conforme pontua Volóchinov (2018). Assim, foram considerados também os aspectos linguísticos, *emoticons*, sinais gráficos com repetição, caixa alta. Buscamos observar também a forma com que os internautas se mobilizam a depender de cada segmento/espço de materialização do texto fonte. As análises levaram em consideração

os aspectos teóricos já mencionados.

Após a apresentação dos aspectos metodológicos da pesquisa, nos dedicamos abaixo a tecer uma discussão que considera o dialogismo e suas nuances.

3 O DIALOGISMO E SUAS DIFERENTES MANIFESTAÇÕES

Neste capítulo, discorreremos acerca da instância dialógica tratada por Bakhtin e o Círculo que concebe a língua enquanto evento social, perpassada por um Outro/outro que constitui toda e qualquer interação. Partindo dessa premissa, consideramos a relevância dessa discussão para compreender como se dão as relações entre os indivíduos e entre os discursos no âmbito do gênero comentário *online*. Assim, para fundamentar a discussão deste capítulo, mobilizamos autores tais como Volóchinov (2018), Bakhtin (2016), Cunha (2011), Authier-Revuz (1998, 2004), dentre outros autores. Esses teóricos fundamentam as discussões acerca de conceitos tais como, dialogismo, heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva, polifonia, dialogismo interlocutivo e dialogismo interdiscursivo, dentre outros conceitos que nos ajudarão a pensar a constituição dialógica da linguagem.

3.1 Dialogismo: a língua enquanto evento social e dialógico

O dialogismo é o tecido que constitui todas as relações de interação entre os indivíduos, sendo estas indispensáveis para a materialidade das ações sociais, dialógicas em todas as instâncias regidas pela linguagem. Para a compreensão do dialogismo bakhtiniano, uma perspectiva teórica bastante frutífera nos estudos sobre o discurso e as ideologias dominantes e dominadas na nossa sociedade, é necessário pensar algumas questões colocadas acerca dos estudos da linguagem, para o entendimento da “dinâmica” da linguagem enquanto evento dialógico. Nessa perspectiva, Volóchinov (2018), expõe os contrastes entre duas tendências do pensamento filosófico-linguístico, a saber: o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato, o autor se coloca em oposição a essas duas tendências, para situar os estudos da linguagem em uma perspectiva dialógica.

No subjetivismo individualista, a língua é vista a partir do ato discursivo individual e criativo enquanto seu verdadeiro fundamento. Volóchinov (2018) explicita que, para essa tendência, a língua é entendida como um produto pronto, imutável e imóvel. Além disso, a língua é concebida também como individual, se originando no psiquismo do indivíduo, portanto, nasce no interior sendo projetada para o exterior. Neste caso, o meio social é deixado de lado. Para Volóchinov (2018), o subjetivismo individualista não nega a existência do enunciado, entretanto, ele não é visto em seu aspecto integral.

Quando trata sobre o objetivismo abstrato, Volóchinov (2018) expõe uma ideia de

unicidade da língua, sendo também um elemento imóvel. Para essa tendência, a língua é um sistema de regras fixas e normativas que são idênticas entre si, ou seja, não existe espaço para mudanças, ela é vista como um sistema que é passado de geração a geração como algo pronto, sendo inquestionável, devendo ser apenas aceita pelos indivíduos. Além disso, no objetivismo abstrato, o aspecto ideológico é excluído, o que interessa são os elementos linguísticos, eles são a parte central dos estudos sobre a linguagem, assim, todo o contexto social do enunciado é deixado de lado.

Colocando-se em oposição ao subjetivismo idealista e ao objetivismo abstrato, Volóchinov (2018) comenta:

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados. (Volóchinov, 2018, p. 2018-219).

Nesse sentido, Volóchinov (2018) concebe a linguagem a partir do meio social, os aspectos linguísticos são considerados, mas o estudo da língua não se limita apenas aos recursos linguísticos, engloba todas as relações que constituem e rodeiam a produção dos enunciados. O monológico, os atos psicológicos e fisiológicos não são considerados as únicas instâncias pelas quais a língua se materializa. Na instância dialógica, a interação, enquanto relação que se estabelece entre indivíduos, entre enunciados e o contexto social não são desprezadas, já que a constituição dos enunciados precede a existência de dois indivíduos socialmente organizados, conforme defende Volóchinov (2018).

A concepção dialógica de Bakhtin e do Círculo parte do pressuposto de que a vida e todos os aspectos que envolvem a linguagem são sempre perpassados pelo dialogismo, se dando a partir do contato com o meio social, com as inúmeras vozes sociais que ajudam a formar a consciência dos indivíduos. Isso pode ser visto na prática quando pensamos sobre as interações de uma criança no seio de sua família, sua criação/educação passa a ser constituída a partir do dito pelos familiares, a partir daquilo que lhe é ensinado pelo outro e, conseqüentemente, é reproduzido. A consciência vai sendo formada pelas interferências do outro, pelos discursos que a rodeiam. Assim, tudo que se sabe chega ao indivíduo por meio de relações exteriores que estabelece com o outro, seja em casa, nas relações com os colegas de trabalho, na igreja, dentre outros espaços. Essas relações são perpassadas por conflitos, por valorações que concordam entre si ou ainda que discordam, assim, os indivíduos em sua vivência social se relacionam com outros sujeitos, o que faz com que estejam sempre imersos na instância dialógica.

Ao discorrer acerca dos aspectos que constituem a comunicação, Bakhtin (2016) ressalta

que o emprego da língua acontece em forma de enunciados, sejam eles orais ou escritos, sendo esses únicos e concretos, proferidos pelos integrantes de cada campo de atividade humana. Para o autor, esses enunciados refletem as condições e finalidades de cada campo a partir de seu conteúdo temático, o estilo da linguagem e sua construção composicional. Nesse sentido, os enunciados são elementos que constituem os gêneros do discurso em cada campo de atividade humana e são por esses campos determinados. É nessa perspectiva que Bakhtin (2016) pontua: “[...] cada campo de utilização da linguagem elabora seus ³*tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*”. Os gêneros do discurso regem todos os campos de utilização da linguagem, tendo em vista que é por meio deles que a comunicação acontece, por meio de enunciados que diferem entre si dado ao caráter único da interação. Bakhtin (2016) aponta para a riqueza e diversidade dos gêneros do discurso, tendo em vista as inesgotáveis possibilidades de manifestação da atividade humana por meio da linguagem. Nesse contexto, são infinitas as formas de construção do gênero, constituindo-se como maleáveis dadas as transformações comunicativas.

Considerando os aspectos que constituem os gêneros do discurso, Bakhtin (2016) ressalta que sua composição contempla três elementos: o estilo, o tema e a forma composicional. Esse conjunto de elementos define as características de cada gênero, bem como suas especificidades. Assim, cada gênero corresponde a um estilo, um tema e uma forma composicional, bem como atua em um determinado campo de atividade humana.

O estilo é visto por Bakhtin (2016) como aspecto linguístico, estando relacionado às escolhas linguísticas feitas pelo falante para a composição de seu enunciado, ou seja, trata-se dos elementos linguísticos empregados pelo falante. Para o autor, a própria escolha de uma determinada construção gramatical já evidencia um ato estilístico. Bakhtin (2016) ressalta que todo enunciado reflete um estilo individual, por manifestar as individualidades do falante ao empregar suas construções linguísticas. Entretanto, nem todos os gêneros estão propícios à expressão individual, tendo em vista suas formas mais padronizadas, nesse caso, o autor destaca que estes podem refletir somente os aspectos mais superficiais da individualidade do sujeito. O estilo é determinado pelas situações comunicativas as quais os sujeitos estão inseridos, integrando, de acordo com Bakhtin (2016), a unidade do gênero como seu elemento constitutivo. Bakhtin (2016, p. 21) ressalta: “A passagem do estilo do gênero para outro não só modifica o caráter do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como também destrói ou renova tal gênero”. Nesse sentido, a mudança de estilo implica o deslocamento de um gênero

³ Grifos do autor.

para outro.

O tema é considerado por Volochínov (2018) como único, individual e irrepetível. Nesse sentido, cada enunciação possui um tema diferente, ainda que possua as mesmas construções linguísticas, o tema passa a ser outro todas às vezes em que um enunciado é proferido, tendo em vista que, para o autor, o tema expressa a situação concreta que gerou o enunciado. Bakhtin (2018) ressalta que o tema é definido tanto pelas formas linguísticas, como também pelos aspectos extraverbais da situação comunicativa. Assim, a cada nova situação um novo tema se apresenta. O tema é concebido a partir de uma relação com o contexto imediato, tendo em vista que atua como fenômeno histórico. Dessa forma, o tema é constituído pelos significados, entonações que atravessam as situações comunicativas no contexto em que se materializam. Assim, conforme o autor, o tema não pode ser visto em uma dissociação com o contexto do qual o enunciado emerge, sob o risco de tornar-se incompreensível.

A forma composicional, enquanto parte da tríade (estilo, tema e forma composicional) que constitui o gênero comentário *online*, é definida por Santos (2018) como:

[...] as formas de organização do material que servem a um fim determinado, a um propósito. Nesse sentido, diríamos que são tanto as formas de organização dos recursos linguísticos, quanto as formas típicas dos enunciados (formas dos gêneros discursivos). (Santos, 2018, p. 97).

Desse modo, trata-se da forma como um gênero organiza seu material linguístico conforme os fins comunicativos, definindo uma organização estrutural do gênero. Essa forma composicional permite perceber as diferenças de organização de cada gênero, além disso, determina a escolha do gênero, a depender das intenções do falante para dar segmento ao ato comunicativo, conforme pontua Bakhtin (2016, p. 38).

Falamos apenas através de certos gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do conjunto*. [...] Esses gêneros do discurso nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo teórico da gramática.

Os gêneros do discurso atuam organizando as formas comunicativas pelas quais a comunicação acontece, assim, todos os enunciados proferidos situam-se em gêneros discursivos variados, desde as mais elaboradas construções/situações, como os discursos que perpassam as grandes esferas sociais, até os discursos que se dão no cotidiano dos sujeitos. Assim, os gêneros circulam no meio social constitutivamente, são materializados pelos sujeitos nas diversas situações comunicativas em que estes estão inseridos.

Esses enunciados/gêneros são acompanhados por uma responsividade, sendo uma

evidência do caráter dialógico da linguagem. Essa responsividade faz com que ocorra a materialização de uma corrente de enunciados. Bakhtin (2016) ao falar sobre a propriedade responsiva do enunciado, ressalta:

[...] todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes dos seus e alheios - com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (Bakhtin, 2016, p. 26)

O ato responsivo é constitutivo da comunicação real e social, a compreensão de um enunciado é precedida de uma resposta, pois o indivíduo envolvido no ato comunicativo com o outro não consegue ser indiferente em relação ao que é dito, ele toma uma atitude responsiva, ainda que não seja explicitada imediatamente ou em voz alta, conforme ressalta Bakhtin (2016). Nesse processo de enunciar/responder ao outro, não se mobilizam apenas as unidades da língua para formular o dizer, mas também os enunciados anteriores. Bakhtin (2016) exemplifica essa relação com o outro a partir da afirmação de que o falante não é um Adão bíblico que se relaciona com objetos ainda não nomeados, que dá nome pela primeira vez. Para o autor, o enunciado não é apenas o reflexo de algo já existente, ele cria algo que não existia, algo novo que tem relação com o valor. Nesse sentido, o enunciado é perpassado pelo já dito e, ao mesmo tempo, reflete também o novo, o caráter único de cada situação comunicativa.

A relação entre enunciados é a expressão mais pura do dialogismo, com uma construção milimetricamente perfeita, o enunciado tem seus limites definidos pela alternância entre os sujeitos. Bakhtin (2016) ressalta que todo enunciado, do mais simples ao mais complexo, tem um princípio e um fim absoluto: antes do seu início, temos os enunciados dos outros e no seu fim os enunciados responsivos. Assim, Bakhtin (2016, p. 29) pontua que: “O falante termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva”, nessa perspectiva, essa ideia de alternância faz com que se tenha a materialização de réplicas, de respostas, conseqüentemente, de outros enunciados que alimentam a corrente intensa e constante de enunciados, que fazem com que a linguagem seja dialógica. Essas interações entre enunciados nem sempre são marcadas pela concordância entre os sujeitos, são relações instáveis, em que embates são materializados.

Assim, Bakhtin (2016) reflete sobre os discursos, levando à compreensão de que a materialização do dizer é marcada pela influência do outro, seja daquele a quem se dirige, ao supor as possíveis respostas e elaborar o dizer em função delas, ou também pela influência de

discursos já ditos, sendo assim, o dito é o resultado da união de diferentes vozes e discursos que ajudam a compor a enunciação.

Tendo por base essa relação entre enunciados, Volóchinov (2018) trata acerca do que ele chama de discurso alheio, compreendido como modelos sintáticos de discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre, além de suas variações. Nesse sentido, o autor trata o discurso alheio como “[...] o ⁴*discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado*, mas ao mesmo tempo, é também *o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado*” (Volóchinov, 2018, p. 249). Desse modo, podemos compreender o discurso alheio como enunciados que se atravessam, que no interior do enunciado dialogam entre si. Essa interação entre enunciados expressa-se a partir de um processo de reacentuação da palavra do outro, explicitado a partir de mecanismos linguísticos. Volóchinov (2018) ressalta que o discurso alheio é concebido pelo falante como um enunciado outro, autônomo, independente e já acabado. Desse modo, trata-se de uma enunciação que surge a partir de outro contexto exterior, sendo incorporada a outra enunciação a partir do que Volóchinov (2018, p. 250) chama de “[...] normas sintáticas, estilísticas e composicionais [...]”. Assim, o enunciado é assimilado, bem como sofre as interferências daquele que o apreende para que assim possa dialogar com o enunciado que o acolheu.

Ao tratar das formas de transmissão do discurso alheio, Volóchinov (2018) aponta a existência de um terceiro, ou seja, aquele para quem se transmite a enunciação. Esse terceiro, na visão do autor, é importante, tendo em vista que influencia na organização desse discurso, já que a palavra é organizada em função dele.

Volóchinov (2018), considerando esse processo de apreensão do discurso outro, ressalta que o enunciado alheio não é apreendido por um ser mudo, vazio de palavras interiores, ou seja, desprovido de intenções, de percepções acerca do mundo, pelo contrário, para o autor, trata-se de um ser carregado de palavras interiores, de vivências. Nesse sentido, para o autor, no processo de apreensão do dizer do outro, a palavra apreendida entra em contato com as palavras do indivíduo que a acolheu. Assim, é nessa relação que o discurso outro é compreendido e avaliado, comentado e replicado no interior da enunciação. Volóchinov (2018) ressalta que a relação entre o discurso alheio e o contexto de transmissão compreende relações tensas, complexas e dinâmicas, em que a transmissão desse discurso outro só pode ser percebida a partir da observação dessas relações, já que essa inter-relação dinâmica reflete, conforme o autor, a orientação social entre as pessoas na sua comunicação verboideológica.

⁴ Grifos do autor.

É observando essa inter-relação entre o discurso alheio e contexto de transmissão que Volóchinov (2018) apresenta o estilo linear e o estilo pictórico, que atuam nessa dinâmica. No estilo linear, para o autor, a língua pode criar limites claros para o discurso alheio, o protegendo de entonações autorais. O autor ressalta que a tendência desse estilo é criar contornos claros ao discurso alheio, portanto, nele o discurso outro é conservado, isolado das entonações outras a partir de esquemas linguísticos que mantêm a integralidade desse discurso. Já no estilo pictórico, acontece o oposto, a língua elabora meios sutis de introduzir o outro no contexto do enunciado, apagando os contornos nítidos e exteriores da palavra. Para Volóchinov (2018), essa tendência comporta tipos variáveis de modelos de transmissão do discurso que atuam no enfraquecimento das fronteiras entre os discursos.

Essa relação da palavra, enquanto ponto de encontro de relações dialógicas, é vista por Bakhtin (2016) como um processo em que a palavra tem seu tom valorativo assimilado, reelaborado e reacentuado. Fiorin (2022) chama essa relação da palavra de dialogização interna da palavra. Volóchinov (2018) concebe a palavra enquanto ato bilateral, determinada tanto por aquele que a precede, como também por aquele a quem se dirige. Nessa perspectiva, a palavra não só é um meio de materializar a língua, como também carrega um horizonte dialógico, seus sentidos são construídos no uso social. É por meio dela da palavra que as vozes sociais, os discursos outros chegam à consciência de cada indivíduo, transportando consigo as impressões do outro, o dizer do outro, que se incorpora a outros enunciados, bem como sentidos vão sendo atribuídos. A palavra é então social e, ao passo em que vai sendo utilizada, vai sendo preenchida por diversas entonações, que vão se acumulando ao longo da vida. Para Pereira e Serra (2023c), as palavras constituem usos intencionais, portanto, são sempre usadas para cumprir determinados propósitos discursivos.

Nesse emaranhado dialógico, Bakhtin (2015), ao tratar sobre o romance, aponta para a palavra enquanto uma entidade heterodiscursiva que, carregando as vozes do autor e dos personagens, é definida em sua bivocalidade. Essa palavra enquanto bivocal, na visão de Bakhtin (2015), não se limita apenas à representação ficcional do romance, estende-se aos discursos constituídos no dia a dia, aqueles que transmitem as intenções dos falantes nas relações de interação da vida em seu contexto real. Nesse sentido, Bakhtin (2015) argumenta:

A palavra de uma língua é uma palavra semialheia; só se torna palavra quando o falante satura de sua intenção, de seu acento, assume o domínio da palavra, fá-la comungar em sua aspiração semântica e expressiva. Até este momento de apropriação, a palavra não está numa língua neutra e impessoal (pois não é do dicionário que o falante tira a palavra!), mas em lábios alheios, em contextos alheios, a serviço de intenções alheias: é daí que deve ser tomada e tornada sua. (Bakhtin, 2015, p. 69).

Na passagem de um contexto a outro, no contexto social, a palavra nunca é impessoal, fazer uso da palavra é estar em constante diálogo com o outro, sempre em contato com as palavras do outro. Bakhtin (2013), na perspectiva também do romance, trata o conceito de polifonia ao observar os romances de Dostoiévski, os concebendo enquanto romances polifônicos. Para Bakhtin (2013), os personagens de Dostoiévski são vistos a partir de uma relação entre consciências, e não em uma individualidade que os isola das relações com o outro. Nessa perspectiva, Bakhtin (2013, p. 05) ressalta: “Dentro do plano artístico de Dostoiévski, suas personagens principais são, em realidade, não apenas objetos do discurso do autor, mas os próprios sujeitos desse discurso diretamente significante”. Desse modo, os personagens são sujeitos ativos no romance, suas vozes não se subordinam à voz do autor, pelo contrário, se igualam, demonstrando sua autonomia. No romance, o autor atua junto a essas vozes, ele age como o arquiteto das diversas vozes que se relacionam, ele as organiza dentro do romance conservando sua liberdade.

Nessa perspectiva, Bakhtin (2013) ressalta que a polifonia tem como essência a independência entre as vozes, que se combinam formando uma unidade que se apresenta como superior à homofonia, ou seja, as relações de semelhança entre as vozes. Assim, Bakhtin (2013) aponta para a relação dialógica que perpassa a consciência, tendo em vista que ela se constitui a partir de uma relação marcada por tensões com outras consciências. Dessa forma, a consciência não se reduz a ela mesma, mas sim em uma intensa relação dialógica com outras consciências.

Ao conceber o romance polifônico enquanto plenamente dialógico, considerando seu caráter social e essas relações constantes com consciências outras, Bakhtin (2013) argumenta:

As relações dialógicas – fenômeno bem mais amplo do que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente – são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância. (Bakhtin, 2013, p. 47).

O dialogismo é uma instância constitutiva da linguagem humana, diante disso, não se pode conceber a linguagem enquanto indissociável do dialogismo, estando presente em todas as vertentes da vida humana. Assim, podemos dizer que onde existe a materialização da linguagem, o aspecto dialógico se faz presente. Nesse sentido, Bakhtin (2013) aponta para o fato de Dostoiévski reconhecer a existência de dialogismo em toda a parte, em todas as manifestações da vida humana, a começar pela consciência, ao mesmo tempo, o exclui das relações mecânicas, ou seja, que negligenciam a interação.

Volóchinov (2018, p. 219), ao tratar sobre as formas de interação, ressalta que: “[...] o diálogo, no sentido estrito da palavra é somente uma das formas de interação discursiva, apesar de ser a mais importante”. Assim, para o autor, o diálogo é visto em seu sentido amplo, compreende toda e qualquer comunicação discursiva, indo além da comunicação face a face.

O dialogismo é uma corrente que dá sentido à vida, não nasce na individualidade, mas sim no contexto da vida social, na relação com o outro, perpassada por palavras impregnadas de vozes sociais que resultam das relações entre diferentes sujeitos, pertencentes a diferentes grupos sociais. As relações dialógicas não podem ser pensadas fora da relação com o outro, este que é parte fundamental, pois é sempre nessa relação que a linguagem se manifesta e cumpre seus propósitos.

Bakhtin (2016) aponta para a ausência de dialogismo na linguagem quando vista apenas em seu aspecto linguístico, do ponto de vista gramatical, portanto, coloca-se de lado o dialogismo. Nessa mesma perspectiva, Fiorin (2022, p. 23), ao discutir sobre o pensamento de Bakhtin, pontua que:

Não são as unidades da língua que são dialógicas, mas os enunciados. As unidades da língua são os sons, as palavras e as orações, enquanto os enunciados são as unidades reais de comunicação. As primeiras são repetíveis. Com efeito, um som como /p/, uma palavra como *irmão*, uma oração como *É preciso ser forte* são repetidos milhares e milhares de vezes. No entanto, os enunciados são irrepetíveis, uma vez que são acontecimentos únicos, cada vez tendo um acento, uma apreciação, uma entonação própria.

No contexto comunicativo os enunciados são postos em cena, as interações acontecem sempre envolvendo um contexto, um propósito, delas participam diferentes indivíduos, com acentos valorativos e entonações únicas, colocadas em jogo em cada enunciação. Assim, pode-se dizer que cada enunciado é um evento único, ainda que possua o mesmo enunciador, sendo apenas um fragmento da imensa corrente de enunciados que tece as linhas do discurso, da vida em si. Já as unidades da língua, conforme pontua Fiorin (2022), possuem caráter repetível, além de serem estáticas e fragmentadas, quando utilizadas fora de um contexto dialógico, são desprovidas de relações dialógicas, dada a ausência de significações atribuídas pelos sujeitos em seu contexto social.

Ao tratar sobre essa diferenciação dos enunciados e das unidades da língua, Fiorin (2022) ressalta que o primeiro possui um autor, portanto, revela uma posição, já o segundo não, está aí à disposição para ser utilizado. O autor utiliza a palavra *água* como exemplo. Assim, ele afirma que, quando o termo *água* é usado, em uma brincadeira que envolve luta, ela deixa de ser uma unidade da língua, passando a ganhar um autor, bem como a pertencer a um contexto,

ganhando uma significação. Outra diferença explicitada por Fiorin é o fato de as unidades da língua não permitirem uma resposta, ao contrário dos enunciados, que são marcados por um acabamento e permitem uma resposta. Na perspectiva do autor, as unidades da língua não são dirigidas a ninguém, ao contrário dos enunciados, sendo sempre endereçados ao outro. As unidades da língua, apenas quando são inseridas em um contexto, quando são convocadas/utilizadas em uma situação discursiva é que passam a integrar o universo dialógico.

As discussões acerca do dialogismo não se esgotam, pelo contrário, vão sendo ampliadas. Apresentamos, a seguir, algumas formas de manifestações do evento dialógico.

3.1.1 O dialogismo interlocutivo e o dialogismo interdiscursivo

Considerando o aspecto dialógico que perpassa a linguagem, Cunha (2011) apresenta duas formas de manifestação dialógica, o dialogismo interlocutivo e o dialogismo interdiscursivo, que de acordo com a autora, se encontram nos estudos de Authier-Revuz (2010a, 2010b, 1998, 2008). Cunha (2011, p. 122), ao falar sobre os dois tipos de dialogismo, ressalta: “a) o dialogismo interdiscursivo, das figuras do discurso outro no discurso atual, do já-dito; b) o dialogismo interlocutivo, do direcionamento ao outro, àquele a quem o enunciador se dirige”. Nesse sentido, o dialogismo interdiscursivo diz respeito às relações de atravessamento existentes entre os enunciados, ou seja, trata-se do dizer já proferido, que perpassa o dizer atual, constituindo uma cadeia de enunciados que se atravessam. Essa forma de dialogismo se assemelha ao dialogismo constitutivo explicitado por Fiorin (2022). Quanto ao dialogismo interdiscursivo, este se materializa a partir de relações mais específicas entre os indivíduos envolvidos no processo comunicativo, em que a fala é antecipada e endereçada ao outro interlocutor. Essas formas de dialogismo interlocutivo e interdiscursivo são possíveis dado ao caráter social da língua, da interação, que faz com que os indivíduos em seus processos comunicativos sempre retomem palavras outras.

Authier-Revuz (2011), ao se reportar às formas de dialogismo interlocutivo e interdiscursivo, nos convida a pensá-los de modo conjunto, como duas heterogeneidades que articulam o dizer, portanto, como duas instâncias que se complementam, e não em uma relação de oposição. A autora nomeia essas formas de dialogismo como heterogeneidades enunciativas. Authier-Revuz (2011) se apoia na concepção dialógica da linguagem, enfatizando que não existe discurso que não seja endereçado ao outro, bem como se encontra atravessado pelo pensamento do que o outro dirá, sendo na relação com outro que o dizer toma forma.

Assim, todo dizer se constrói a partir de um direcionamento específico ao outro, materializando o dialogismo interlocutivo. Apesar de se encontrar inserido em uma materialidade interdiscursiva maior, o dialogismo interlocutivo é delimitado, nele o interlocutor se direciona especificamente a alguém, seja um destinatário real ou presumido. O dialogismo interlocutivo se manifesta não só pelo endereçamento, mas também pela réplica antecipada, aspectos que para a autora são constitutivos de todo o dizer. Quando se reporta ao dialogismo interdiscursivo, a autora o concebe em uma relação estreita com a exterioridade que envolve o já dito de outros discursos. Desse modo, temos o dialogismo em um plano maior, que de acordo com Authier-Revuz (2011) se relaciona com a exterioridade, comportando os discursos que se atravessam.

Para Authier-Revuz (2011), o dialogismo interlocutivo e o dialogismo interdiscursivo são inerentes a todo o dizer, se articulando no momento que este entra em cena, ou seja, não se pode fugir dessa instância dialógica. Nesse sentido, de um lado, temos os discursos perpassados pelas vozes do já dito, o dialogismo interdiscursivo; do outro lado, temos as vozes marcadas pelo direcionamento, a fala em função do outro, portanto, o dialogismo interlocutivo. Considerando o caráter dialógico da linguagem, partindo das formas de representação do outro no discurso, Authier-Revuz (1998, 2004) discorre acerca das heterogeneidades enunciativas, conforme apresentaremos a seguir.

3.2 HETEROGENEIDADE MOSTRADA E HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA: o Outro/outro em cena

A língua, na perspectiva de Authier-Revuz (2004), é perpassada por uma alteridade discursiva que pode se mostrar mediante recursos de marcação ou não. A autora explicita sua ancoragem nos exteriores teóricos do dialogismo de Bakhtin e na psicanálise, como um aspecto necessário para fundamentar essa heterogeneidade que apresenta em seus estudos. As heterogeneidades se delimitam em mostrada e constitutiva, a primeira evidenciando os diversos tipos de negociação do sujeito com a segunda. Assim, as heterogeneidades centram-se no dizer e em formas de apresentar o outro que atravessa os discursos.

Authier-Revuz (2004) concebe a heterogeneidade mostrada enquanto explícita, apresentando-se a partir de diferentes formas linguísticas, que expõem o outro na linearidade do discurso. Desse modo, a autora apresenta o discurso relatado, em que o outro se faz presente nas modalidades de discurso direto e discurso indireto. Authier-Revuz (2004) explicita que, no discurso indireto, o locutor toma o lugar de tradutor, que faz uso de suas palavras, remetendo

ao outro como fonte do dizer que é por ele relatado. Já no discurso direto, o espaço é ocupado pelas próprias palavras do outro, como a citação, em que o locutor é apenas um porta-voz do dizer. Nessa forma de heterogeneidade, o outro é facilmente detectável nas linhas do discurso. Nessa mesma categoria de heterogeneidade, porém, demonstrando mais complexidade, de acordo com Authier-Revuz (2004) encontram-se as aspas, o itálico e a entonação. Nesses casos, as palavras do outro se apresentam de forma isolada da enunciação. Todas as formas citadas acima são colocadas por Authier-Revuz (2004) no campo do explícito, do marcado.

Nesse sentido, entrando no campo do não explícito, Authier-Revuz (2004) apresenta o discurso indireto livre, a ironia, a antífrase, a imitação, a alusão, dentre outros, como formas que aparecem ligadas à estrutura enunciativa da conotação autonímica, explicitando um outro que só é reconhecido a partir de aspectos recuperáveis no discurso. Nessa perspectiva, o exterior é um importante elemento no reconhecimento do discurso outro nessa forma de heterogeneidade mais implícita, dado que seu reconhecimento é possível a partir da relação com outros discursos já materializados no exterior, recuperando-se, assim, as marcas do outro.

Tendo por base os recursos da heterogeneidade mostrada, Authier-Revuz (2004) aponta para a instauração de um *contínuum*, representando uma evolução, que vai desde as formas implícitas, em que a presença do outro não aparece, mas se encontra ali, presente, indo até as formas mais incertas, aquelas em que o outro pode ou não aparecer nitidamente. Nesse *contínuum* as formas de heterogeneidade mostrada vão se esgotando, chegando, portanto, na presença do outro, as suas palavras que se encontram presentes no discurso sem depender de uma abordagem linguística, sendo, então, a heterogeneidade constitutiva, conforme pontua Authier-Revuz (2004), nela ocorre o esgotamento da descrição linguística. Nesse sentido, na heterogeneidade constitutiva, o outro se faz presente de forma inerente, ultrapassando as formas linguísticas examináveis da heterogeneidade mostrada.

A partir da apresentação dessas duas formas de heterogeneidade, entende-se que o outro se faz presente em todo o discurso, isso é verificável por meio do entendimento da heterogeneidade constitutiva; além disso, esse outro pode se manifestar linguisticamente marcado, dada a heterogeneidade mostrada.

Authier-Revuz (2004) afirma:

[...] a heterogeneidade mostrada não é um espelho, no discurso, da heterogeneidade constitutiva do discurso; ela também não é 'independente': ela corresponde a uma forma de *negociação*⁵ – necessária – do sujeito falante com essa heterogeneidade

⁵ Grifos da autora.

constitutiva – *inelutável mas que lhe é necessário desconhecer*⁶ [...] (Authier-Revuz, 2004, p. 71-72).

Nesse sentido, a heterogeneidade mostrada se trata de mecanismos linguísticos para evidenciar o outro que é constitutivo do discurso, conservando a ilusão do locutor de que o outro se apresenta apenas nas palavras colocadas em evidência pela heterogeneidade mostrada. O isolamento do outro por meio da heterogeneidade mostrada é uma forma de colocar as palavras do locutor distanciadas das palavras do outro. Assim, podemos dizer que o outro atravessa o discurso independente de apresentar-se marcado ou não.

É a partir da categoria lacaniana de imaginário, concebendo um sujeito como clivado, afetado pelo inconsciente, regido pela ilusão de centro, que a autora se preocupa em anular no imaginário a divisão que o afeta. Partindo disso, Authier-Revuz (1998) situa o estudo da reflexividade opacificante da modalidade autonímica, que, de acordo com Authier-Revuz (2004), confere ao elemento do dizer uma relativização. Portanto, trata-se de uma reflexão do sujeito sobre seu próprio dizer, que se desdobra em forma de glosas/comentários, configurando-se a conotação autonímica, que consiste no acúmulo do uso e da menção. Nesse contexto, a conotação autonímica diz respeito a um uso duplicado do dizer.

A modalização autonímica é apresentada por Authier-Revuz (1998) a partir do plano linguístico, observando-se as formas com que ela acontece no fio do discurso, tendo em vista o caráter reflexivo do dizer, e a partir dos tipos de representação da interlocução no discurso. Assim, no plano da língua, Authier-Revuz (1998) apresenta as formas de modalização autonímica, que configuram esquemas linguísticos inscritos no fio único do discurso, evidenciando a heterogeneidade mostrada, manifestando uma relação de sobreposição de X e uma representação desse dizer de X, sendo elas: 1) Formas mais explicitamente metaenunciativas complexas, manifestam-se como em: “*X, eu emprego esta palavra se bem que; ela faz eu diria X; o que eu chamo de X*” (Authier-Revuz, 1998, p. 19); 2) Formas explícitas metaenunciativas, como em: “*X, se eu posso dizer; como se diz, por assim dizer, no sentido p, sem jogo de palavras...; X, palavra, expressão que...*” (Authier-Revuz, 1998, p. 19); 3) Formas explicitamente metalinguísticas, por exemplo: “*X, a palavra X’ é inconveniente; o Paulo diz X’...; o que Paulo chama X’; X, Paulo diz y’...*” (Authier-Revuz, 1998, p. 19); 4) Formas sem elemento autônomo, ou sem elemento metalinguístico unívoco: “*X, quer dizer Y; X ou Y; X, enfim, y; X que; X, etc...*” (Authier-Revuz, 1998, p. 19); 5) Sinais tipográficos (aspas, itálico) e de entonação, elementos que destacam a relação com o outro; 6) Formas

⁶ Grifos da autora.

interpretativas, como alusões, discurso indireto livre, jogo de palavras não marcadas, esses elementos abrem espaços para a heterogeneidade constitutiva, ou seja, que figuram o jogo do não marcado.

Partindo dessa forma reflexiva de modalidade autonímica, Authier-Revuz (2004) circunscreve um conjunto de formas que refletem aspectos ligados ao dizer, alterando seu caráter absoluto, sendo elas: formas isoláveis, formas estritamente reflexivas e as formas opacificantes. As formas isoláveis se referem a propriedades sintático-semânticas para se referir a segmentos presentes na cadeia discursiva. As formas reflexivas dizem respeito ao desdobramento do dizer por um comentário, nesse contexto, temos uma reflexão/comentário, conforme: “*dizer de x / comentário desse dizer*” (Authier-Revuz, 2004, p. 82). Já as formas opacificantes associam significado e significante, bloqueando a sinonímia, assim, nenhum outro signo pode se considerar como possuindo o mesmo significado.

Authier-Revuz (1998) apresenta um conjunto de quatro tipos de não-coincidências retomando a noção de heterogeneidade que atravessa/afeta o dizer constitutivamente, assim, as não coincidências partem de um processo de negociação obrigatória não intencional do enunciador com seu dizer, fazendo-se presente a denegação, que mascara a existência do não-um e, ao mesmo tempo, as mostra. Essas não-coincidências, de acordo com Authier-Revuz (2004), são: 1. Pontos de não-coincidência do discurso com ele mesmo, que assinalam no discurso a presença de palavras que pertencem a outro discurso, traçando uma fronteira de outro discurso, como em: “*X como diz fulano[...]*” (Authier-Revuz, 2004, p. 83), dentre outras formas que colocam em cena o dizer outro; 2. Pontos de não-coincidência entre as palavras e as coisas, que apresentam glosas que se empenham em evidenciar a busca pela palavra adequada ao contexto, como em: “*X, por assim dizer; X, na maneira de dizer [...]*” (Authier-Revuz, 2004, p. 83), dentre outras; 3. Pontos de não-coincidência das palavras com elas mesmas, que apresenta glosas que evidenciam a rejeição, integração aos sentidos, trocadilhos em relação aos sentidos que se quer expressar. Para Authier-Revuz (1998), essa não coincidência representa o encontro do enunciador com o equívoco de suas palavras. Assim, se apresentam como: “*X, no sentido próprio, figurado; x, não no sentido de... [...]*” (Authier-Revuz, 2004, p. 83); 4. Pontos de não-coincidência interlocutiva, que evidenciam a relação entre enunciador e destinatário em glosas que representam elementos que não são compartilhados imediatamente pelos envolvidos na enunciação, como em: “*X, se você quiser; dê-me o termo exato [...]*” (Authier-Revuz, 2004, p. 83).

Nesse contexto, as formas de não-coincidência representam esquemas de negociação do

sujeito com seu dizer a partir de mecanismos linguísticos que alteram localmente o dizer, conservando a existência do não-um, na ilusão de que o outro não se faz presente no discurso. Essas não-coincidências representam uma relação entre os participantes da interação, do discurso consigo mesmo, as palavras com elas mesmas, e as palavras com as coisas.

Nessa relação de distanciamento das palavras do outro, as aspas ganham lugar de destaque nos estudos de Authier-Revuz (2004), que as concebe como um sinal de distância das palavras utilizadas pelo locutor, possuindo dois valores distintos, a saber, a autonímia e a conotação autonímica. No contexto autonímico, de acordo com a autora, o locutor faz a menção e não o uso das palavras aspeadas, portanto, elas são inscritas em um nível de afastamento, mantidas a distância, conforme o exemplo: “Ele disse: ‘I don't mind’”.⁷ Quanto à conotação autonímica, de acordo com Authier-Revuz (2004), se manifesta não só a menção, mas também um uso duplicado do signo linguístico.

Authier-Revuz (2004) centra suas discussões nas aspas de conotação autonímica, que propõe um distanciamento. Assim, a autora pontua:

As aspas estão presentes em uma fala sob vigilância, sob controle, uma fala “*mantida*”, em um terceiro sentido; aquele em que se diz que “se mantém seu cachorro, seus empregados, sua casa” ou que “se sabe se manter”. Opõe-se a uma fala do “deixar acontecer”, abandonada a si mesma, que se perde. Nesse sentido, pode-se considerar as aspas como “antilapso”. (Authier-Revuz, 2004, p. 219, grifos originais).

O uso das aspas é visto como uma suspensão da responsabilidade, onde o locutor se coloca de fato à distância. As palavras aspeadas são colocadas como recursos para se atribuir o dito ao outro, caracterizando um distanciamento do locutor. Ao explicitar os tipos de aspas existentes, Authier-Revuz (2004) apresenta as aspas ostentatórias, que possuem um caráter exagerado de seu uso, e, nesse sentido, uma tentativa de evidenciar o dizer que é colocado entre aspas. Nesse tipo de aspas situam-se as aspas de narcisismo ofensivo, onde o locutor tenta mostrar-se irredutível em relação às palavras que são colocadas, tem-se ainda as aspas de familiaridade, aspas de condescendência e as aspas pedagógicas, com o caráter de aproximar o leitor do texto, que atuam como se as aspas permitissem a inserção de termos acessíveis ao leitor, mas, ao mesmo tempo, se distanciando do texto, garantindo, assim, o entendimento do leitor.

As aspas de proteção, de acordo com Authier-Revuz (2004) marcam o uso de uma palavra aproximativa, ou seja, ajuda no emprego de palavras que não se adequam à situação, entretanto, é empregada mesmo assim. São aspas que marcam uma fala receosa, que não se

⁷ Exemplos da autora, p. 217.

trata necessariamente do que pensa o locutor, mas do que ele foi levado a empregar, dada a situação, além disso, a autora explicita que esse tipo de aspas já frustram a ofensiva do outro, dado que elas se distanciam do locutor.

Authier-Revuz (2004) expõe ainda as aspas de questionamento ofensivo: elas conferem ao locutor um caráter de oposição, uma reação de afrontamento, em que o locutor utiliza palavras que lhes são impostas pelo exterior, mas para ele não são apropriadas e com isso reage de forma ofensiva por meio das aspas. As aspas de ênfase, de acordo com a autora, marcam uma insistência e não uma distância, são usadas para reforçar que aquilo que se encontra posto é exatamente o que o locutor quis dizer, assim, ele se responsabiliza pelo dizer que aspeia.

Ao explicitar os sentidos que são atribuídos às aspas nas enunciações, Authier-Revuz (2004) expõe as imperfeições existentes nos discursos, quebra a ideia de discurso ideal, ao mesmo tempo, livre do dizer do outro. Para a autora, as aspas marcam o encontro de um discurso outro, ou seja, a relação do discurso com a exterioridade.

Authier-Revuz (2004) pontua que as aspas são um instrumento de defesa de como o outro diz, assim, elas representam também uma distância em relação às palavras do locutor. Desse modo, para a autora, se o locutor não encontra refúgio em “suas” palavras, ele recorre ao exterior, buscando palavras que representem o que ele quer dizer, ele encontra seu sentido nas palavras do outro, e ao utilizá-las, coloca aspas sinalizando que se trata de palavras de outra pessoa.

Ao considerar as discussões acerca das formas de heterogeneidades, Pereira e Serra (2023a) reforçam o diálogo com as ideias de Bakhtin. Para os autores, esse diálogo ajuda a compreender os processos e fenômenos discursivos que constituem tanto a esfera digital, como os outros espaços de interação humana. Assim, a percepção acerca do dialogismo e das heterogeneidades abre espaço para se compreender o funcionamento da linguagem nas diferentes esferas da vida e, assim, perceber as relações entre tantas vozes que constituem os discursos nessas esferas. Os discursos, ao serem colocados em cena, a depender da situação, carregam em sua essência o ato persuasivo, a tentativa de convencimento do outro, assim, apresentamos abaixo os aspectos que constituem a argumentação no discurso.

4 TEORIAS DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO

Nos empenhamos em evidenciar neste capítulo os aspectos que constituem a organização da argumentação, para isso, buscamos apoio nas discussões propostas por Charaudeau (2019) no que concerne à organização dos discursos no modo argumentativo; Fiorin (2023) que discorre acerca de um conjunto de argumentos que se organizam a depender das intenções do enunciador; e Amossy (2020, 2017), que apresenta uma teoria da argumentação no discurso, além de refletir acerca da polêmica nas construções argumentativas. Os pontos de vista expressos pelos autores citados nos ajudarão a compreender como a argumentação se constitui, bem como a entender também os mecanismos persuasivos e polêmicos que na argumentação se materializam. As contribuições dos autores serão pertinentes para se pensar a interação argumentativa no gênero comentário *online*, possibilitando perceber os recursos utilizados pelos internautas na construção dos comentários.

Como pontos de aproximação, tanto Charaudeau (2019) quanto Fiorin (2023) empenham-se em mostrar a organização do discurso argumentativo e expor os argumentos que fazem parte desse tipo de discurso, estando condicionados às intenções dos sujeitos que constituem os atos interativos. Os autores nos mostram que, no campo da linguagem, a argumentação se faz inerente à construção discursiva dos indivíduos, perpassando desde as formas mais simples de interação, em que se expressa um ponto de vista, às mais complexas, em que se busca persuadir o outro. Essa perspectiva se fortalece nas discussões propostas por Amossy (2020), tendo em vista que a autora se propõe a tratar da argumentação no discurso, examinando os fundamentos retóricos, lógicos e pragmáticos da argumentação, formulando, assim, a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD).

Nesse sentido, as discussões que aqui se materializam se dão inicialmente pelos pressupostos de Charaudeau (2019), posteriormente pelas reflexões de Fiorin (2023), em seguida, apontamos as concepções de Amossy (2017, 2020), esta última é seguida na constituição desta pesquisa com mais afinco.

4.1 O Modo Argumentativo em cena

Visando apresentar as especificidades dos discursos que circulam em sociedade, Charaudeau (2019) faz uma reflexão acerca dos princípios de organização dos discursos. O autor situa como aspectos centrais do ato comunicativo o sujeito/locutor inserido em uma

interação com um interlocutor. Nesse sentido, as situações comunicativas se dão em um contexto, envolvendo os componentes da situação comunicativa, a relação entre língua falada e língua escrita, e os Modos de Organização do Discurso. Esses Modos de Organização do Discurso mencionados por Charaudeau (2019) dividem-se em: Modo Enunciativo, Modo Descritivo, Modo Narrativo e Modo Argumentativo. Nessa conjuntura, visando compreendê-los, faremos uma reflexão acerca desses modos que organizam o discurso, entretanto, nos aprofundaremos no modo argumentativo, tendo em vista que este constitui aspectos que regem o andamento desta pesquisa.

Nesse contexto, ao tratar sobre o Modo Enunciativo, Charaudeau (2019) ressalta que seu foco se volta para a forma com que o sujeito falante age no ato comunicativo. O autor apresenta três funções para esse aspecto enunciativo, sendo elas: 1) A relação de superioridade ou inferioridade entre o locutor e o interlocutor, definindo o comportamento alocutivo, apresentam-se procedimentos linguísticos, tais como: a interpelação, injunção, autorização, aviso, interrogação e a petição. 2) A relação do locutor consigo mesmo ou comportamento elocutivo, nela a interação que se estabelece é do falante/locutor com seu dizer. 3) A relação do locutor com um terceiro ou comportamento delocutivo, nele o sujeito falante se apaga do ato de comunicação, retomando propósitos e textos que não pertencem a ele.

Com relação ao Modo Descritivo, Charaudeau (2019) estabelece como seus componentes o ato de nomear, de localizar-situar e de qualificar. Assim, nomear consiste em atribuir uma existência a um ser, classificando-o, localizar-situar diz respeito ao ato de determinar a posição que o sujeito ocupa no espaço e no tempo, já qualificar consiste em atribuir um sentido particular aos seres.

Já no Modo Narrativo, Charaudeau (2019) evidencia os aspectos constituintes da lógica narrativa, tais como: a) os actantes, que desempenham papéis narrativos; b) os processos e funções narrativas, que orientam a atuação dos actantes; c) as sequências e seus princípios de organização, que dizem respeito ao princípio da coerência, o princípio da intencionalidade, o princípio de encadeamento e o princípio de localização. Charaudeau (2019) evidencia que a significação se constitui tanto no espaço exterior ao texto, onde se situa o autor e o leitor, como no espaço interior, em que se encontra o narrador e o leitor destinatário. Os parceiros da comunicação são parte fundamental no desenvolvimento do Modo Narrativo. Assim, Charaudeau (2019) define enquanto parceiros o Autor/Leitor real, o Autor-Escritor, o Narrador/Leitor-destinatário. Esses protagonistas mantêm relações entre si, podendo desempenhar seu papel a partir da relação com outro protagonista.

Todos esses Modos de Organização do Discurso (incluindo o modo argumentativo, sobre o qual falaremos mais adiante), configuram-se enquanto formas pelas quais o ato comunicativo acontece: eles são perpassados por aspectos linguísticos, que definem seu modo de apresentação, bem como se organizam em diferentes componentes, permitindo fazer uma classificação de ambos. Nesse contexto, passaremos agora para uma reflexão centrada no Modo Argumentativo, visando compreender o modo como este se estrutura

Ao apresentar o Modo Argumentativo, Charaudeau (2019), na tentativa de definir o que é argumentar, explicita as condições para que a argumentação ocorra, pressupondo a existência de uma proposta sobre o mundo que leve ao questionamento de sua legitimidade, a existência de um sujeito que se empenhe diante desse questionamento, tentando estabelecer uma verdade, além de um outro sujeito que se relacione com a proposta, para persuadir o outro. Dessa forma, a argumentação é marcada pela existência de uma relação entre sujeitos, em que um tenta convencer o outro sobre algo, configurando, assim, uma tentativa de persuasão. Nesse sentido, Charaudeau (2019), define que a argumentação é uma atividade discursiva que pode apresentar-se sob forma dialógica, inscrita a partir de uma relação interlocutiva, partindo da interação entre os sujeitos, ou ainda, sob a forma monolocutiva, em situações nas quais apenas um toma a palavra falada/escrita e a repassa, sem a possibilidade de interferências imediatas do outro. Assim, a argumentação prevalece em situações marcadas pelo conflito e pela tentativa de persuasão.

Charaudeau (2019) esclarece que a lógica argumentativa se organiza a partir de componentes tais como: a) Elementos de base, que consistem em asserções de um enunciado de partida (A1), indo em direção a uma asserção de chegada (A2), que em uma relação entre ambas formam a asserção de passagem; b) Modos de encadeamento, que se manifestam a partir de operações linguísticas que caracterizam a relação entre A1 e A2, sendo elas: a conjunção, a disjunção, a restrição, a oposição, a causa, a consequência, a finalidade. Essas categorias atuam nas asserções, evidenciando relações de adição, discriminação, anulação, de oposição, justificativa, explicação ou ainda de finalidade entre A1 e A2; c) Modalidades (ou condições de realizações), que colocam a relação entre A1 e A2 no eixo do possível e no eixo do obrigatório; d) Escopo do valor de verdade, que compreende a relação entre A1 e A2, a partir de aspectos como a generalização, a particularização e a hipótese. Todos esses componentes se relacionam, manifestando-se na relação que é imposta entre A1 e A2, eles constituem um conjunto organizado que materializa a argumentação.

Da organização lógica, Charaudeau (2019) parte para a apresentação dos modos de

raciocínio, que podem ser: 1) A dedução, que se organiza em construções linguísticas que evidenciam a conclusão entre A1 e A2, e suas variantes. 2) A explicação de A1 para chegar a uma conclusão A2, divide-se em: explicação por silogismo, explicação pragmática, explicação por cálculo, e ainda, a explicação hipotética. 3) A associação, que expressa uma divisão entre: associação dos contrários, que tem finalidade mais voltada para a sedução, e ainda, associação do idêntico, que configura uma redundância. 4) A escolha alternativa, em que se coloca em oposição a relação de A1 e A2, assim, essa relação de escolha pode ser por incompatibilidade, por uma escolha positiva/negativa, entre duas negativas asserções negativas ou ainda entre duas positivas. 5) A concessão restritiva, consiste em um raciocínio dedutivo e explicativo, em que se aceita A1, colocando-o como verdadeiro, esse aspecto se materializa nas trocas polêmicas.

Visando circunscrever as asserções a partir do aspecto argumentativo, Charaudeau (2019) aponta para uma espécie de passo a passo que ajuda a constituir a argumentação, o autor propõe a definição de um dispositivo argumentativo, além de posições ocupadas pelo sujeito na enunciação.

Ao discorrer sobre o dispositivo argumentativo, Charaudeau (2019), apresenta: a Proposta, tratando-se de asserção/asserções que dizem algo sobre o mundo e que se combinam numa relação entre A1 e A2; a Proposição, que questiona a Proposta, a colocando em causa, nela o sujeito se posiciona seja contraditando a proposta, ou mostrando-se de acordo, defendendo sua veracidade; a Persuasão, que consiste em desenvolver a justificativa, refutação ou ponderação da proposta, recorrendo a aspectos semânticos, discursivos e de composição, para provar a proposição. Assim, o dispositivo argumentativo pressupõe a tomada de posição do sujeito, que não pode ser passivo, devendo atuar seja para provar a verdade, a falsidade ou mesmo para questionar a proposta em questão, buscando desenvolver um ato de persuasão.

Delimitando os tipos de configurações que constituem o discurso, Charaudeau (2019) ressalta que a argumentação pressupõe uma situação comunicativa em que se situa o sujeito que argumenta e seu projeto de fala. A situação de troca implica o monologal e o dialogal, já o projeto de fala pressupõe os aspectos implícitos e os explícitos. Nesse contexto, esses elementos constituem a situação comunicativa, sendo adotados a depender dos propósitos dos envolvidos na interação. Para Charaudeau (2019), no projeto do discurso argumentativo, os sujeitos ocupam posições, sendo elas: em relação à Proposta, podendo ser favorável, contra, ou mesmo a não tomada de posição; em relação ao emissor da proposta, em uma relação de julgamento do sujeito diante do seu emissor, esse sujeito atua rejeitando ou se autojustificando; e por fim, a posição em relação à própria argumentação, em que o sujeito pode escolher defender o

questionamento, fazendo-o seu, configurando uma argumentação polêmica, além disso, pode escolher se distanciar.

Charaudeau (2019) apresenta os procedimentos da encenação argumentativa como responsáveis por validar a argumentação, se articulando com os diversos componentes do modo de organização. Esses procedimentos se dividem em semânticos, discursivos e de composição.

Os procedimentos semânticos apresentam argumentos regidos pelo consenso social, dada a relação de compartilhamento dos mesmos valores pelos indivíduos, eles se dividem em: 1) Domínios de avaliação, que consiste em: domínio da verdade, que explicita a veracidade e a falsidade dos seres na argumentação; o domínio do estético, que define o *status* de belo e de feio dos seres; o domínio do ético, que diz respeito aos termos do bem e do mal na argumentação; o domínio do hedônico, que define os termos do agradável ou desagradável; o domínio do pragmático, que define os termos do útil e do inútil da argumentação. 2) Os valores, que dizem respeito à representação social do domínio da avaliação, divididos por Charaudeau (2019) em: a) concernente ao domínio da verdade, ex.: ‘Com X você encontrará seu **verdadeiro**⁸ rosto’ (Charaudeau, 2019, p. 233-234); b) concernente ao domínio do estético, ex.: “Você é **linda**” (Charaudeau, 2019, p. 233-234); c) concernente ao domínio do ético, que se associa a valores, tais como solidariedade, honestidade, dentre outros; d) concernente ao domínio do pragmático, seus valores se fundamentam na experiência, se apoiando no que é habitual, durável, dentre outros; e) concernente ao domínio do pragmático e do ético, estes combinam-se, ex.: “Você não é bela **por acaso**” (Charaudeau, 2019, p. 233-234); f) Concernente ao domínio do Hedônico, ex.: “X faz a sopa **que você ama**” (Charaudeau, 2019, p. 233-234).

Os procedimentos discursivos, de acordo com Charaudeau (2019), configuram-se na utilização de categorias de língua ou categorias de outros modos do discurso no âmbito argumentativo, estes dividem-se em: a) Definição, que consiste na descrição de traços semânticos que caracterizam uma palavra. b) Comparação, que é utilizada para provar/reforçar a prova de uma conclusão, ela divide-se em comparação por semelhança, comparação por dessemelhança, comparação objetiva e a comparação subjetiva. c) A descrição narrativa, que tem semelhança com a comparação, visto que é descrito um fato para reforçar uma prova. d) A citação, que se materializa como testemunho de um dizer, experiência ou de um saber. e) A acumulação consiste na utilização de vários argumentos para provar uma mesma asserção. f) O questionamento, que consiste em colocar algo em questão, divide-se em: incitação a fazer,

⁸ Grifos do autor.

proposta de uma escolha, verificação do saber, provocação e denegação.

Charaudeau (2019) define os procedimentos de composição argumentativa, afirmando que estes que se dividem em composição linear e em composição classificatória. A primeira trata-se da organização dos argumentos de forma cronológica, classifica-se em: 1) Etapas de argumentação, que organizam os argumentos internamente, representam começo, transição e fim; 2) O vai e vem, que diz respeito ao ato de retomar momentos do desenvolvimento argumentativo ou anunciar outros enquanto conjunto da argumentação; 3) Tempos fortes, consiste em destacar momentos da argumentação para hierarquizar os argumentos. Já a composição classificatória, diz respeito à retomada de diferentes argumentos, dados ou resultados.

Considerando os aspectos que constituem a argumentação, o tópico seguinte apresenta as reflexões propostas por Fiorin (2023).

4.2 Os argumentos na perspectiva de Fiorin

Ao discorrer sobre a argumentação e os aspectos que a constituem, Fiorin (2023) pontua: “Argumentar é, pois, construir um discurso que tem a finalidade de persuadir. Como qualquer discurso, o argumento é um enunciado, resultante, pois, de um processo de enunciação, que põe em jogo três elementos: o enunciador, o enunciatário e o discurso [...]” (Fiorin, 2023, p. 73). Nesse sentido, o ato de argumentar pressupõe a organização de indivíduos empenhados em um projeto de persuasão. É nessa perspectiva que o autor, à luz da retórica, se volta para a apresentação do *Éthos*⁹ do orador enquanto a imagem discursiva que o enunciador projeta de si no discurso; o *Páthos* do auditório, se tratando da imagem que o enunciador cria do auditório, ajudando a modelar o discurso; e o *Lógos*, entendido como o discurso, este se constrói a partir da situação comunicativa que visa a adesão do auditório, ou seja, da relação entre o *Éthos* e o *Páthos*.

Ao apresentar os tipos de argumentos que constituem a argumentação, Fiorin (2023) ancora-se no *Tratado de argumentação*¹⁰ de Perelman e Tyteca, classificando os argumentos regidos pelos processos de ligação e dissociação. O primeiro diz respeito aos argumentos que aproximam elementos distintos, o segundo diz respeito à separação de elementos de um todo. Se detendo inicialmente aos argumentos ancorados nos processos de ligação, Fiorin (2023)

⁹ Grifos do autor.

¹⁰ Grifos do autor.

apresenta três categorias de argumentos, os quase lógicos, os que se fundamentam na estrutura do real e os que fundam a estrutura do real.

Com relação aos argumentos quase lógicos, o autor ressalta que eles podem ser fundados no princípio da identidade, no princípio da não contradição e no princípio do terceiro excluído.

No princípio da identidade, opera uma relação de igualdade parcial ou total entre as noções que se estabelecem nos argumentos. Nesse princípio, Fiorin (2023) elenca os seguintes tipos de argumentos: a) A tautologia, em que a repetição de termos implica sentidos diferentes; b) A definição, ato de atribuir um sentido a um dado termo a partir de propósitos argumentativos que visem convencer o outro; c) A comparação, que consiste em uma definição que é feita a partir da comparação entre objetos, abstração, para assim explicitar seus sentidos; d) A reciprocidade, que parte do pressuposto de se colocar no lugar do outro; e) A transitividade, que opera na premissa de que “se a é igual a b e b é igual a c , então a é igual a c ” (Fiorin, 2023, p. 132); f) A inclusão e divisão: esse argumento estabelece uma relação entre as partes e o todo, ocorre divisão quando se atribui uma propriedade das partes ao todo, e é inclusão quando a parte tem as mesmas características do todo; g) *Argumentum a pari*, trata-se dos argumentos por semelhança, atribuindo o *status* de igualdade entre duas situações; h) A regra do precedente, em que tendo duas situações em que uma precede a outra, a segunda deve ser tratada do mesmo modo que a primeira; i) *Argumentum a contrário*, que opõe duas situações; j) Argumento dos inseparáveis, que se trata de uma associação entre duas situações em que uma não pode se separar da outra, ex.: “Se alguém é evangélico, então é contra o casamento de pessoas do mesmo sexo” (Fiorin, 2023, p. 144).

O princípio da não contradição, que opera nos argumentos quase lógicos, parte do pressuposto de que uma proposição não pode ser sincronicamente verdadeira e falsa, seus argumentos são: autofagia e retorsão, *reductio ad absurdum* e o argumento probabilístico. O primeiro mostra-se como uma incompatibilidade de proposições em condições de enunciação, ou seja, o argumento apresenta uma incoerência, já a retorsão, atua colocando a autofagia em evidência, fazendo com que o argumento se volte contra aquele que enunciou. No argumento *reductio ad absurdum* ou redução ao absurdo, toma-se uma proposição como verdadeira para mostrar ser falsa, como no exemplo “Fumar não pode ser um mal. Hitler não fumava” (Fiorin 2023, p. 150). O argumento probabilístico, parte de uma lógica quantitativa, considerando, assim, a proposição escolhida pela maioria.

No princípio do terceiro excluído, Fiorin (2023) evidencia que nele cabem os argumentos do terceiro excluído e o dilema. Assim, no argumento do terceiro excluído apenas

duas opções existem, sendo necessário aderir a uma, sem a possibilidade de se considerar uma terceira opção. O dilema pressupõe a existência de uma disjunção entre duas proposições contraditórias e complementares, sem a existência de uma terceira possibilidade.

Com relação aos argumentos fundamentados na estrutura da realidade, de acordo com Fiorin (2023), eles se baseiam nas relações de significação existentes no mundo. Assim, o autor apresenta a implicação e a concessão, agindo da seguinte forma “[...] a implicação (se *a*, então *b*) e a concessão (*a*, embora *b*)”, (Fiorin, 2023, p. 157). Nesse contexto, a implicação evidencia uma relação de conclusão, já a concessão expõe uma impossibilidade, uma quebra de expectativas. Outro argumento é o de causalidade, que parte da atitude de argumentar expressando-se as causas de algo, conforme explicita Fiorin (2023). Esse argumento divide-se em causas necessárias e causas suficientes, expressando uma ideia de que nem sempre algo suficiente é necessário, do mesmo modo, nem sempre algo necessário será suficiente. Além disso, existe ainda o argumento de causalidade e sucessão que apresenta um aspecto temporal, em que se considera que o que vem antes é a causa do que ocorre depois. Os fatos também constituem argumentos, estes que, de acordo com Fiorin (2023), nem sempre são incontestáveis. O argumento do sacrifício, que consiste em provar uma tese a partir do sacrifício de alguém, um exemplo é o amor de Deus que foi provado pelo sacrifício. O *argumentum ad consequentiam* que possui proposições de natureza diversas, como as descritivas, que apresentam um fato, as avaliativas, que apresentam uma apreciação sobre algo, as iniciativas, que convidam a realizar uma ação ou a evitá-la, pressupondo suas consequências positivas ou negativas.

Ainda explicitando os argumentos fundamentados na estrutura da realidade, Fiorin (2023) apresenta os argumentos ancorados nas relações de sucessão, que apresentam uma perspectiva temporal, sendo eles: o argumento do desperdício, que propõe a continuidade de algo para que não se desperdice os esforços já realizados; o argumento da direção, que é voltado para o futuro, nele rejeita-se ou se desiste de algo para não se gerar reações adversas, ou seja, resultados não esperados; por fim, o argumento de ultrapassagem, que também se volta para o futuro, partindo da premissa de que o que se passou é um meio para algo melhor no futuro.

Fiorin (2023) evidencia ainda os argumentos de coexistência, em que se relaciona algo a alguém, permitindo explicar os fatos. Esses argumentos são divididos em seis, sendo eles: o *argumentum ad hominem*, que consiste em um ataque ao outro, buscando promover o silenciamento e invalidando a confiabilidade dos argumentos, seja por meio do ataque pessoal direto ao oponente, o ataque pessoal indireto, apresentando uma característica do oponente, ou

ainda por meio do apontamento das contradições entre posições atuais dos oponentes e pontos de vista passados. O *argumentum tu quoque*, que consistem em rebater uma crítica a partir do ataque ao oponente por meio da desqualificação do outro e do seu discurso. O argumento de autoridade ou *argumentum ad verecundiam* que consiste em mostrar a autoridade de quem enuncia, visando a aceitação do seu o ponto de vista. O *argumentum ad ignorantiam*, que se busca vencer uma discussão, seja pela alegação do enunciador da veracidade de uma explicação, seja pela não comprovação de uma tese, ou ainda, por meio da exigência de aceitação de uma tese, tendo em vista a ausência de alternativas. Os argumentos a *fortiori*, que se dividem em dois aspectos, do menor para o maior, que apresenta uma relação de grandeza, em que se admitindo o menor, se aceita o maior, ou ao contrário.

Fiorin (2023) apresenta os argumentos que fundamentam a estrutura do real, considerados modos de organização da realidade, categorizando dois grupos. No primeiro grupo, situam-se os argumentos indutivos, sendo eles: o argumento pelo exemplo, que se funda a partir de casos particulares ou probabilidade, visando a comprovação de uma tese; o argumento por ilustração, que serve para reforçar uma tese que já é dada como aceita, tornando-a concreta; o modelo e o antimodelo, o primeiro diz respeito ao personagem que serve como exemplo a ser seguido, já o segundo refere-se a um modelo que deve ser evitado. Com relação aos argumentos por analogia, Fiorin (2023) apresenta o *argumentum a simili*, que apesar de possuir semelhança com a comparação, difere-se por se basear na experiência, comparando relações que considerem que *a* está para *b*, assim como *c* está para *d*. Ou seja, temos uma sucessão de relações.

Diferente dos argumentos que se valem dos processos de ligação, Fiorin (2023) apresenta os argumentos por dissociação de noções. Ancorado nessa dissociação, o autor discorre acerca de argumentos que buscam explicitar a essência para mostrar a aparência enganosa. Além do argumento que configura outros pares, que consiste na oposição de palavras, em que uma é considerada positiva e outra negativa, como meio/fim, consequência/fato ou princípio, ato/pessoa, dentre outros. Por fim, o autor explicita a distinção, que propõe uma separação de elementos/produtos.

Nessa exposição de diferentes tipos de argumentos, Fiorin (2023) se dedica a falar sobre os argumentos falaciosos, que não entram nas categorias apresentadas anteriormente. Nos argumentos falaciosos, situam-se os argumentos: o recurso aos valores, se tratando dos valores cultuados e são considerados como verdade, tais como os provérbios e as máximas, dentre outros; o recurso aos lugares-comuns e lugares específicos, que são explicitadas nas narrativas

que enunciam verdades incontestáveis; argumentação por implícitos, que se apresenta uma tese como implícita, visando constituir uma persuasão encoberta; as perguntas capciosas, que pressupõem um comprometimento indesejado daquele que é interrogado; *secundum quid*, que diz respeito a generalizações indevidas; a petição de princípio, que são afirmações feitas sem comprovação de sua veracidade; *ignoratio elenchi*, que se trata da ação de rejeitar uma tese, na tentativa de desqualificar o adversário, demonstrando que o erro apontado também é um erro seu; distorção do ponto de vista do adversário ou o argumento do espantalho, consiste em uma distorção da argumentação do oponente; paradoxos, ironia e silêncio, o primeiro exprime a não conformidade com o que é comumente aceito, o segundo diz respeito a descredibilização do adversário, provocando o riso do auditório, o último revela uma forma de humilhar o adversário; argumento do excesso, que consiste no uso da hipérbole visando ser aceito.

Fiorin (2023) coloca em jogo ainda os argumentos que partem de um apelo afetivo em relação ao auditório, sendo eles: *argumentum ad populum*, que consiste no apelo às emoções do auditório; o *argumentum ad misericordiam*, como sendo aquele que faz um apelo à piedade; o *argumentum ad baculum*, que consiste em um forçamento de aceitação de uma proposta, seja por meio de ameaça ou proibição. Por fim, o autor apresenta o recurso ao *Éthos* do enunciador, que consiste em recursos que ajudam a projetar a imagem do enunciador em diversas situações.

As discussões sobre a argumentação são aprofundadas mais ainda a partir da perspectiva de Amossy (2020), conforme se pode observar a seguir.

4.3 Por uma teoria da argumentação no discurso

A teoria proposta por Amossy (2020) se associa ao aspecto dialógico defendido por Bakhtin e o Círculo, como parte constitutiva da argumentação, visto que a enunciação é sempre uma resposta a algo já dito, bem como se torna objeto de controvérsias e de discussões. Assim, situando a teoria da argumentação, Amossy (2020, p. 42) explicita:

[...] pode-se dizer que há argumentação quando uma tomada de posição, um ponto de vista, um modo de perceber o mundo se expressa sobre um fundo de posições e visões antagônicas, ou tão somente divergentes, tentando prevalecer ou fazer-se aceitar. Assim, não pode haver dimensão argumentativa dos discursos fora de uma situação em que duas opções, ao menos sejam previstas.

Para existir argumentação, é necessária a presença do desacordo, do antagonismo entre pontos de vista, em que um tenta ocupar um lugar central ou privilegiado em relação ao outro. Fora dessas situações de conflito, em que não prevalece a existência de pelo menos dois pontos

de vista opostos, a dimensão argumentativa não sobrevive, dada a inexistência de um conflito que permita às partes revestir os discursos de argumentos.

Ao tratar da argumentação no discurso, Amossy (2020) apresenta a existência de seis abordagens, sendo elas: a abordagem languageira, que nega a argumentação enquanto processos mentais e operações lógicas, a concebendo a partir de pressupostos linguísticos, ou seja, escolhas lexicais, modalidades de enunciação, encadeamento dos enunciados, dentre outros; a abordagem comunicacional, em que a argumentação visa um auditório, portanto, não pode ser dissociada da situação comunicativa; a abordagem dialógica, em que a argumentação deve se adaptar ao auditório, visto que age sobre ele, mesmo em interações virtuais, além disso, atua em espaços perpassados por discursos, reagindo ao dito anteriormente, estando inserida em uma confrontação de pontos de vista; a abordagem genérica, consiste em perceber a argumentação a partir de sua inserção do gênero discursivo, visto que ele faz parte do contexto social, organizando as finalidades discursivas; a abordagem figural, que considera o estilo e as figuras que exercem impactos sobre o alocutário no processo de argumentação; a abordagem textual, em que a argumentação deve ser estudada a partir dos procedimentos que constituem a construção do texto.

Ao apresentar essas abordagens, Amossy (2020) elabora um quadro metodológico que considera os funcionamentos discursivos variados que perpassam a sociedade, indo desde a interação cotidiana aos discursos mais complexos e ideológicos que circulam no meio social. É nesse contexto que Amossy (2020) apresenta uma distinção entre visada argumentativa e dimensão argumentativa. A dimensão argumentativa perpassa alguns discursos, entretanto, o aspecto persuasivo não se mostra explicitamente. De acordo com Amossy (2020), a dimensão argumentativa acontece quando se expressa um ponto de vista, sem uma tentativa de modificar expressamente o pensamento do alocutário, um exemplo disso é a reportagem, as informações televisivas, dentre outras. Já a visada argumentativa, conforme a autora, consiste na expressão da argumentação visando uma empreitada persuasiva explícita, a partir de estratégias organizadas para cumprir esse objetivo, um exemplo dessa tentativa de persuasão é o discurso eleitoral, a publicidade, entre outros.

Amossy (2020) adota a concepção de um *continuum* de modalidades discursivas, fazendo com que a argumentação seja revestida, bem como compreendida a partir de variados aspectos, a depender do modo em que se materializa na interação. Nesse *continuum*, a autora pontua que em um de seus polos situam o choque de teses antagônicas, ou seja, as situações argumentativas em que o desacordo prevalece. Já no polo inverso do *continuum*, encontram-se

os discursos de caráter narrativo ou informativo que subtraem todo desejo persuasivo, ou seja, os discursos marcados pelo acordo, desprovidos de conflitos. Assim, de acordo com Amossy (2020), cada modalidade permite dar conta da argumentatividade que perpassa todos os discursos, desde os mais simples aos mais complexos.

O auditório ganha espaço privilegiado nas discussões de Amossy (2020), tendo em vista que se trata de um dos aspectos da argumentação. Assim, para a autora, o auditório constitui-se como uma entidade variável, determinada pelo locutor quando escolhe persuadir, seja um indivíduo, um grupo ou um vasto público. Amossy (2020) ressalta que o que influencia na argumentação não é a presença real do auditório, mas sim a imagem que o sujeito falante cria desse auditório, tratando-se, conforme a autora, de uma imagem estereotipada.

Ainda nessa perspectiva da representação do auditório, Amossy (2020) define os índices de alocação, tais como as designações nominais explícitas, como nomes próprios e vocativos que servem para chamar/nomear o auditório, além das descrições que são feitas do auditório, e por fim, os pronomes pessoais, que interpelam o auditório, e ainda as evidências compartilhadas, que se constituem como pontos compartilhados pelo auditório e que são evidenciados pelo locutor.

Amossy (2020) argumenta que essa construção do auditório se trata de uma estratégia argumentativa:

Falamos do auditório como construção do orador. Todavia, não falamos bastante do fato de que a imagem do alocutário projetada pelo discurso constitui em si uma estratégia. Talvez, a representação que o orador tem de seu público se inscreve no texto determinando modalidades argumentativas. Contudo, o que se vê no discurso não é somente a maneira como o locutor percebe o seu ou os parceiros, é também a maneira como ele lhes apresenta uma imagem deles próprios, suscetível de fortalecer sua empreitada de persuasão. O orador trabalha, então, para elaborar uma imagem do auditório na qual este desejará se reconhecer. Ele tenta influenciar opiniões e condutas mostrando a esse auditório um espelho no qual sentirá prazer em se contemplar. (Amossy, 2023, p.77).

A construção imagética do auditório pelo orador vai muito além de uma simples projeção, trata-se de uma empreitada persuasiva que intenta moldar opiniões e atitudes, fazendo com que os propósitos persuasivos sejam cumpridos. A imagem que o orador projeta de si para o auditório também é evidenciada por Amossy (2020), sendo essa imagem denominada de *éthos*, que se constitui a partir da ideia que o público faz do locutor antes de fazer uso da palavra, sendo reconhecido como um *éthos prévio*. De acordo com Amossy (2020), esse *ethos* é elaborado com base no papel que o orador exerce socialmente e nas representações que circulam sobre ele.

Ao tratar acerca dos esquemas discursivos que estruturam o discurso, Amossy (2020)

centra sua discussão no silogismo, entimema, exemplo, equívoco e argumento *ad hominem*. Nesse sentido, o silogismo se configura como um elemento discursivo que apresenta uma premissa maior, uma premissa menor e uma conclusão. Já o entimema configura-se como uma derivação do silogismo, entretanto, ele defere-se a partir da ausência de elementos, seja uma das premissas ou das conclusões. Com relação ao exemplo ou analogia, Amossy (2020) ressalta que ele estabelece uma relação da parte à outra parte e de semelhança a semelhança. Os argumentos falaciosos ou paralogismos também são evidenciados por Amossy (2020): “Eles funcionam no interior de uma comunicação verbal [...]. Além disso, esses raciocínios são mobilizados pelos argumentos quando eles buscam desacreditar uma tese adversa em proveito da própria” (Amossy, 2020, p. 162). Nesse sentido, os argumentos falaciosos atuam na contestação de teses opostas, buscando desacreditar o dizer do outro, enquanto defende sua tese. Ainda nessa perspectiva argumentativa, Amossy (2020) apresenta o equívoco e o argumento *ad hominem*, o primeiro trata-se de situações de contradição, do engano, já o segundo, situa-se no discurso polêmico de modo privilegiado, incidindo sobre o *éthos* do adversário, tratando-se, portanto, de um ataque.

Evidenciando os pressupostos que contribuem para uma análise argumentativa, Amossy (2020) enumera alguns elementos que devem ser considerados, tais como a capacidade da palavra em carregar consigo um caráter argumentativo. Sobre isso, a autora argumenta: “podemos lançar a hipótese de que a seleção de uma palavra nunca é desprovida de peso argumentativo, mesmo que ela não tenha sido objeto de cálculo prévio [...]” (Amossy, 2020, p. 172). Nesse sentido, a palavra nunca é livre da persuasão, ela sempre é empregada com uma tentativa de persuadir, influenciar o outro, tendo em vista seu caráter argumentativo.

Amossy (2020), não só reconhece as propriedades da palavra, como também os aspectos ditos e os não ditos que constituem a argumentação, reconhecendo, portanto, o papel dos implícitos. Desse modo, a autora pontua que os implícitos fortalecem a argumentação ao apresentarem crenças e opiniões dos indivíduos, além da possibilidade que o locutor tem de não assumir o que deu a entender, deixando as interpretações sob responsabilidade do auditório. Nesse sentido, os implícitos constituem uma maneira mascarada de dizer algo, transferindo para o auditório a responsabilidade de criar suas próprias inferências, seja com base em dados linguísticos ou ainda com base em dados situacionais, conforme pontua Amossy (2020). Os pressupostos e subentendidos também ganham espaço nas discussões da autora: o primeiro diz respeito ao que se sugere a partir do suporte linguístico ou conteúdo veiculado; já o segundo diz respeito ao que se interpreta, ao que se deduz, estando sob responsabilidade do ouvinte e

não do enunciador. Amossy (2020) reconhece ainda a atuação dos conectores na argumentação, auxiliando o desenvolvimento do dito e do não dito.

A incidência do *páthos*, emoções suscitadas no auditório, é vista pela autora como recorrente, se dando por meio de procedimentos sintáticos, incluindo a ordenação das palavras, frases exclamativas e ainda interjeições, além de marcas estilísticas, como ritmo, ênfase, repetições, se tratando de emoções comunicadas na enunciação, visto que expressam sentimentos. Amossy (2020) se dedica a falar das figuras enquanto campo da argumentação, assim, a autora argumenta: “As figuras são verbais cujo valor argumentativo deve ser estudado em contexto. É necessário, pois, ver as potencialidades da comparação, da hipérbole ou do zeugma [...]” (Amossy, 2020, p. 223). Nesse sentido, o estudo das figuras deve se dar mediante de um contexto, de uma situação, para que assim se possa observar como estas se constituem. As figuras são vistas por Amossy (2020) enquanto argumento quando possuem uma estrutura a ser reconhecida, quando se movimentam da premissa à conclusão, e quando visam os objetivos da argumentação. Nesse campo figural, Amossy (2020) situa ainda a antítese, a alusão, dentre outras.

Apontando a necessidade de situar a argumentação em um quadro discursivo específico, bem como em um gênero, Amossy (2020) trata acerca do campo e do gênero. O campo é como um espaço social e institucional, onde se situa a enunciação. Esse campo se constitui a partir de lutas e interesses, podendo ser político, religioso, literário, dentre outros. Em se tratando dos gêneros do discurso, Amossy (2020) os define como modelos discursivos constituídos por um conjunto de regras e restrições de funcionamento. Por fim, Amossy (2020) trata acerca da formação discursiva, enquanto conjuntos sociodiscursivos que entram em concorrência com outros. Esses três elementos, campo, gênero e formação discursiva ajudam a constituir os discursos, conseqüentemente, a argumentação.

Ao discorrer acerca da argumentação Amossy (2020, p. 273) pontua: “A argumentação não é um tipo de discurso entre outros: ela faz parte integrante do discurso e sustém tanto as informações televisivas quanto uma descrição, um relato de viagem, uma conversa familiar”. Nesse sentido, a argumentação perpassa todos os discursos, aqueles cuja intenção é persuadir, e também aqueles que não carregam em sua essência declaradamente a intenção de persuadir.

Na argumentação, a polêmica ganha destaque, tendo em vista a forma como os indivíduos se lançam no ato argumentativo, que é, muitas vezes, levando adiante uma argumentação conflituosa, dando espaço para a construção polêmica. Nesse sentido, os

indivíduos seguem buscando compreender como se dá o dissenso no discurso, conforme se observa nas discussões a seguir. Acreditamos que o estudo da polêmica seja basilar para poder se observar as construções discursivas que se dão no gênero comentário *online*, dado que nele, o impasse entre internautas é constante.

4.4 Argumentação polêmica: o dissenso no discurso

A diversidade de indivíduos e suas diferentes formas de pensar faz com que as relações dialógicas que se estabelecem nas interações materializadas nos espaços sociais sejam perpassadas por embates, pelo ato de se posicionar diante do que é dito no contexto da vida social, abrindo espaço para as interações polêmicas. Em seu livro “Apologia da polêmica”, Amossy (2017) trata acerca da polêmica, situando no campo do dissenso, tratando-se de uma modalidade argumentativa presente em um dos extremos do *continuum*, até o limite de suas possibilidades. Nesse sentido, a polêmica se manifesta no embate de teses antagônicas que emergem nas interações. O *continuum* da polêmica abarca desde as formas mais simples de manifestação da polêmica, até os embates mais complexos materializados no ato discursivo. Dessa forma, Amossy (2017) define a polêmica como uma interação antagonística que atravessa tanto os gêneros tais como panfleto, artigo de opinião, dentre outros, como também os tipos de discursos tais como jornalístico e político, etc.

Ao discorrer sobre a polêmica, Amossy (2017) reflete/questiona acerca da forma com que a ela é banida, depreciada, mesmo ocupando lugares privilegiados do espaço público e nas mídias que se nutrem da opinião pública, chegando a conclusão de que: “[...] ¹¹a polêmica preenche funções sociais importantes, precisamente em razão do que é em geral criticado nela: uma gestão verbal do conflito realizado sob o modo da dissensão”, (Amossy, 2017, p. 12). Nesse sentido, a polêmica ocupa um importante espaço nas interações sociais marcadas pelo dissenso, pelo conflito entre partes, embora seja negada. A autora apresenta a necessidade de caracterizar a estrutura da interação polêmica a partir de três procedimentos, a saber: a dicotomização, a polarização, e a desqualificação do outro.

A dicotomização, quando pensada na perspectiva da argumentação, diz respeito aos embates, choques de opiniões que se mostram como contraditórias, em que duas opiniões se excluem mutuamente, sem o estabelecimento de um acordo entre si, de uma solução para ambos os lados. De acordo com Amossy (2017, p. 55): “o modo polêmico congela os interlocutores

¹¹ Grifos da autora.

em posições simétricas e insuperáveis”. Nesse sentido, na dicotomização, é estabelecida uma barreira entre duas posições que não se unem, onde o impasse prevalece e o acordo não é estabelecido entre os participantes da interação.

Nesse contexto, Amossy (2017, p. 53) pontua:

Pode-se, portanto, definir a polêmica como *um choque de opiniões antagônicas*, marcando o caráter constitutivo que desempenha no conflito. [...] A polêmica seria, então, a manifestação discursiva sob forma de embate, de afrontamento brutal, de opiniões contraditórias que circulam no espaço público. Enquanto interação verbal, ela surge como um *modo particular de gestão do conflito*.

A polêmica é marcada pela divergência, o antagonismo é parte inerente a sua materialização, ou seja, para que ela exista, é necessário que se tenham relações dialógicas de conflito, de oposição entre os enunciados. Assim, a polêmica se manifesta no dizer, na relação de discordância com o outro.

Na polarização, de acordo com Amossy (2017), a distinção é imposta entre actantes e os atores, a autora explicita que as vozes são tomadas numa orquestra que estabelece dois conjuntos opostos, envolvendo um Proponente, um Oponente e um Terceiro, sendo estes os papéis adotados pelos participantes da interação. Nesse sentido, o Proponente é aquele que inicia o debate defendendo a tese, o Oponente é aquele que se coloca contrário à tese defendida e o Terceiro é aquele a quem se quer convencer, que atua na posição de expectador.

Amossy (2017) apresenta a diferenciação entre a dicotomização e a polarização: a primeira se constitui em defesa ou em oposição a algo, temos nela uma relação de oposições inconciliáveis; na segunda, prevalece um aspecto mais social, que atua reagrupando grupos diversos, não cabe, portanto, uma divisão entre teses inconciliáveis. Desse modo, na polarização, os indivíduos podem aderir ao posicionamento do Proponente, sem necessariamente pertencer ao mesmo grupo, ou seja, trata-se de algo mais flexível, em que os indivíduos podem reagrupar-se a partir de uma afinidade com o dito, sem aderir totalmente ao ponto de vista do outro.

No que tange à desqualificação do outro, Amossy (2017) aponta para uma polarização que reafirma sua identidade no agir pejorativamente diante dos outros. Assim, a autora pontua que, na relação com o outro, abre-se um leque de abordagens antagônicas, em que o mais atenuado processo é de atacar a palavra do outro. Ao tratar dessa relação, a autora pontua que o Oponente refuta as razões do adversário e a polêmica atua enfraquecendo os argumentos desse Proponente, se utilizando de todos os recursos possíveis, tais como a negação, a reformulação, a ironia ou outras modificações. Nesse sentido, os recursos utilizados pelo Oponente fazem com

que o outro seja descredibilizado, constituindo uma espécie de luta, onde um tenta vencer os argumentos do outro. A autora explicita que esse processo de desqualificação se estende até a desqualificação da identidade da pessoa ou grupo que faz parte.

Ao tratar sobre a polêmica e seus aspectos constituintes, Amossy (2017) apresenta uma distinção entre o discurso polêmico e a interação polêmica, como formas constitutivas que a polêmica pode assumir. O discurso polêmico é visto como dialógico, dada sua relação com outros discursos antecedentes que se opõem. Entretanto, a autora pontua que esse discurso não é dialogal, tendo em vista que não existe interação direta com o adversário. Para Amossy (2017), isso acontece com mais recorrência em alguns gêneros jornalísticos, em que não se tem a possibilidade de responder. Por outro lado, a interação polêmica, de acordo com a autora, trata-se de uma interação face a face ou assíncrona, que implica a existência de dois indivíduos ou mais que deem seguimentos a uma discussão, seja falada ou escrita, materializando um discurso dialogal.

Nesse sentido, a interação polêmica é baseada no diálogo, na possibilidade de troca de respostas, de constituição de embates. Amossy (2017, p. 72) enfatiza que: “[...] É o conjunto dos discursos e das interações que circulam em um espaço público que constrói a polêmica”. Nesse sentido, a polêmica se constitui a partir da interação, onde as tensões se manifestam, além disso, essa interação pressupõe não só a existência de uma troca entre indivíduos, mas também entre discursos dialógicos, sendo, portanto, o dialogismo parte constitutiva da polêmica.

A polêmica permeia os espaços públicos, assim, a mídia enquanto instância pública é perpassada pela polêmica em graus variados. Nela, o confronto entre os discursos é nítido, os dizeres se chocam com mais frequência, materializando diversos embates. Além disso, a facilidade de acesso e a rapidez que a mídia oferece fazem com que esses discursos sejam disseminados de forma instantânea, tornando o espaço digital e midiático favoráveis para a manifestação da polêmica. Assim, ao tratar do contexto midiático, Amossy (2017) explicita que na tela do computador, o indivíduo é percebido a partir das opiniões que ele emite. Nesse sentido, as relações institucionais, profissionais, íntimas, etc., não são consideradas nesse espaço. Desse modo, o indivíduo é julgado a partir do que expõe no ambiente digital, sentindo-se confortável para explicitar sua opinião, bem como confrontar outras, tornando-se corajoso, o que possivelmente aconteceria de modo diferente em um contexto cotidiano, conforme explicita Amossy (2017). Nesse contexto, a interação polêmica pode ser observada no gênero comentário *online*, nele os internautas expõem suas opiniões sem filtros, se inserindo em confrontos diretos com outros internautas.

Ainda de acordo com Amossy (2017), a polêmica é dialógica, quando pensada a partir da perspectiva de Bakhtin/Volochínov, no sentido de que os enunciados constituem um elo entre si. A autora pontua que:

A polêmica é um contradiscurso centrado na refutação e no descrédito, no qual a fala do outro só aparece no esforço feito para contrariá-la. Nesse sentido, ela comporta, em si, múltiplos traços do discurso reportado tomado sob suas mais diversas formas: citação, paráfrase, discurso indireto, antífrase irônica, alusão, negação etc. Ela não é, entretanto, dialogal. Entendo que ela não se submete à estrutura do diálogo no seio do qual dois parceiros respondem simetricamente, face a face ou em interações não síncronas. (Amossy, 2017, p. 198).

Assim, a polêmica é marcada pela contradição, onde o outro é inserido para contraditar os discursos, na tentativa de vencer o oponente. Nessa perspectiva, a polêmica é dialógica no sentido de fazer circular os discursos, onde o outro é retomado de diferentes formas. Amossy (2017) chama atenção para o importante papel do jornalista no âmbito da construção da polêmica no ambiente midiático. A autora afirma que o jornalista atua construindo a polêmica a partir da seleção, ordenação e produção de uma interação virtual, que ocasiona uma divisão dos indivíduos em dois campos opostos, a saber: Proponentes e Oponentes. Nesse sentido, o jornalista é o responsável por lançar a polêmica e, a partir disso, os indivíduos escolhem que posição adotar, que ponto de vista defender.

Amossy (2017) explicita as funções que a polêmica cumpre: a primeira delas consiste na função persuasiva, onde o Oponente não é o foco central, mas sim o Terceiro, aquele a quem se quer convencer, ou seja, não se trata de uma busca pelo consenso, mas sim uma tentativa de levar o maior número possível de pessoas a aderir, apoiar o ponto de vista daquele que levanta a polêmica. A segunda função consiste na tessitura de um elo social, em que ocorre a confrontação, a exposição de argumentos em encontros virtuais, permitindo que as discussões sejam travadas nesses ambientes e os internautas discutam abertamente nos espaços digitais. Além disso, ocorre também de forma inversa, permitindo que os indivíduos que partilham do mesmo ponto de vista possam se encontrar, se juntar e dar segmento a polêmica juntos. Ou seja, trata-se, portanto, da materialização de uma relação marcada pelo consenso. A terceira função trata-se da polêmica como protesto, assim, ela permite a exposição do erro, da acusação ao outro. Conforme Amossy (2017), trata-se de um ato de resistência, de impedir o intolerável. Por fim, temos a polêmica como estratégia de posicionamento, nessa função, prevalece a construção de poder, de colocar em jogo uma imagem, uma promoção de si, uma evidência de superioridade.

Pensando na organização polêmica no contexto digital, faz-se necessário investir nas

discussões que tratam do contexto digital para compreender seus mecanismos de organização. Nesse sentido, apresentamos algumas reflexões sobre a análise do discurso digital.

5 O DISCURSO NO AMBIENTE DIGITAL

Neste capítulo, discorreremos acerca da análise do discurso digital a partir das perspectivas teóricas de Dias (2018) e Paveau (2021). Essas reflexões nos ajudarão a compreender os modos de funcionamento discursivos nesse ambiente de intensas interações. Além disso, atentaremos aos aspectos ideológicos da esfera jornalística, que apontam para uma não neutralidade.

Considerando o mundo digital, Dias (2018) propõe uma discussão acerca da compreensão do discurso digital como objeto da análise do discurso, observando como os discursos que circulam no digital constituem sentidos. Desse modo, a autora pontua: “É nesse sentido que tomo o digital para além de uma mera forma de produção da tecnologia, mas como uma condição de produção político-ideológica do discurso, como uma condição e meio de produção e reprodução das formas de existência capitalistas” (Dias, 2018, p. 29). Nesse sentido, o digital é tomado para além de seus aspectos tecnológicos, é visto como um meio em que são produzidos discursos que nesse ambiente circulam, afetando os sujeitos e significando. No digital, as condições de produção expõem o sujeito do capitalismo, que faz desse ambiente um espaço de discussão em que o político e o ideológico são postos em cena. O comentário *online* reflete essa condição político-ideológica, pois nele os indivíduos manifestam-se discursivamente a partir de horizontes perpassados pelo ideológico. Nesse gênero os discursos circulam, deixando em evidencia o ponto de vista de sujeitos afetados por sua existência na sociedade capitalista, e no contexto dos comentários passam a significar na relação com outro.

Dias (2018) apresenta como processos de produção do discurso, a constituição, a formulação e a circulação. Este último é colocado em uma posição de destaque, dado que ele sustenta a constituição e a formulação. Assim, a autora enfatiza:

[...] entendo que é pela circulação (compartilhamento, viralização, comentários, postagens, hashtags, memes, links...) que o digital se formula e se constitui. [...] E isso faz diferença na produção de sentidos. [...] Olhar o processo de produção dos discursos pela via da circulação tem a ver com um sentido que se produz no efêmero, no agora. (Dias, 2018, p. 29)

Entendemos que a circulação tem o caráter de fazer circular os discursos, ou seja, reproduzi-los, tratando-se de um processo marcado pela produção de sentidos no aqui e no agora. Assim, é na repetição que o dizer se sustenta e faz significar a produção discursiva no digital, ao qual ela é constitutiva. O comentário *online* contribui para essa formulação do digital, por sustentar a circulação, por permitir a interação imediata, e ainda possibilitar que os

internautas, a partir de reformulações, de pontos de vista diferentes, coloquem em cena o dizer, o debate que muitas vezes se repete em diferentes comentários, contribuindo, assim, para a produção de sentidos no digital.

Ao imergir na definição do discurso da tecnologia, Dias (2018) ressalta: “Assim, os objetos digitais, como smartphones [...], não significam apenas por aquilo que eles podem fazer empírica e pragmaticamente, como dispositivo digital, mas pelos discursos que os significam como objetos de inclusão e status [...]” (Dias, 2018, p. 40). Dito de outro modo, o que importa são os discursos que fazem com que os objetos digitais signifiquem, as ferramentas digitais são atravessadas pelo ideológico, ressignificando o dizer de quem diz a partir de um objeto digital. Nesse sentido, o dizer, no digital, é legitimado pelo capitalismo, que designa o que é aceito ou não na sociedade.

Dias (2018) discorre acerca dos efeitos que a produção e circulação dos discursos e seu modo de funcionamento pelo digital, produzindo uma relação com a autoria, definida como: “[...] às formas de existência do sujeito nas condições de produção da sociedade digital, nas quais, muitas vezes não “importa quem fala”. Fala-se” (Dias, 2018, p. 49). A produção e circulação no digital fazem com que o dizer se propague nesse ambiente, tomando o espaço público e sendo repassado ao outro, nessa relação, a autoria vai se perdendo, o autor do dizer é “soterrado” pelo dizer que se ramifica no digital.

Discutindo a relação entre o sujeito e os processos que o constituem socialmente, Dias (2018) aponta para a influência da linguagem, da ideologia e dos discursos que individualizam esse sujeito, como elementos que o definem enquanto indivíduo social, materializando o que a autora chama de forma-sujeito. É a partir dessa noção de sujeito perpassado por sua formação histórica que Dias (2018) reflete acerca da constituição da sociedade digital e dos discursos que nela se materializam. Dessa forma, para a autora, a relação com dispositivos portáteis e miniaturizados digitais fazem parte do processo de individualização do sujeito enquanto social. Partindo dessa relação do sujeito com o digital, Dias (2018) apresenta os sistemas-lógico digitais, definidos como elementos que organizam a vida cotidiana. Esses sistemas colocam o sujeito como origem de si, ou seja, como centro de sua própria vida.

Dias (2018), pensando no aspecto digital, coloca em cena o arquivo, enquanto elemento que perpassa o uso de dispositivos digitais, se tratando, portanto, de uma prática comum, em que os meios digitais disponíveis induzem ao arquivamento. A essa ideia de arquivo, Dias (2018) apresenta a memória afetada pelo digital, que em sua relação institucional e social, passa a ser percebida a partir de uma aproximação com as grandes corporações que se constituem no

digital, regulamentando essa memória, passando a ser vista como arquivo. Dias (2018) se empenha em mostrar a tecnologia enquanto parte dos modos de existência do sujeito, apontando para constituição de afetos, em uma relação entre a completude da máquina e a incompletude do sujeito.

Apresentando a cidade a partir da metáfora de um tecido que se expande, Dias (2018) evidencia uma mobilidade rarefeita que, para a autora: “[...] consiste em se mover no fluxo das redes digitais. Estar aqui, ali e acolá, ao mesmo tempo [...]” (Dias, 2018, p. 101). Nesse sentido, na modalidade rarefeita, predomina a instantaneidade que emerge da digitalidade, um movimento que se dá nas redes. É pensando nesse aspecto digital que Dias (2018) aponta para a importância do digital, das ferramentas que perpassam esse espaço como forma de criar outras possibilidades para o sujeito se manifestar.

Tratando a língua enquanto lugar de poder, de controle da população, Dias (2018) situa sua concepção de digital que ultrapassa a tela e os comandos digitais, considerando a discursividade e seu desdobramento no ambiente digital. Assim, o que a autora leva em consideração são os sentidos produzidos pelo dizer, portanto, pela linguagem, que significam nesse ambiente, configurando, assim, sua materialidade. Essa materialidade digital, para a autora, não se reduz ao *online* ou ao digital, mas parte do processo de circulação discursiva pelo digital.

Pensando na importância do digital, Paveau (2021) elabora uma teoria da Análise do Discurso Digital, voltando-se para os discursos nativos do ambiente digital e as novas formas e práticas que nascem para dar conta do funcionamento da linguagem nesse espaço comunicativo. Ao tratar dos discursos nativos na web, Paveau (2021) apresenta novas definições desses discursos, baseadas nas ciências da linguagem já enraizadas, sustentando, portanto, uma teoria que se ocupa em estudar esses discursos produzidos na *internet*. Ao mesmo tempo, a autora faz um paralelo entre as teorias linguísticas, que não dão conta de analisar os tecnodiscursos, dadas as suas características, que, para Paveau (2021) não podem ser negligenciados pelas ciências da linguagem. A autora aponta para uma interligação entre todos os discursos produzidos virtualmente, sendo eles únicos e subjetivos, além disso, ressalta a necessidade de considerar a máquina, visto que ela fala pelo locutor, ou seja, se diferenciando das situações normais de comunicação.

Paveau (2021) apresenta as propriedades da ampliação, característica do ambiente virtual, em que o computador amplia a capacidade de escrita dos indivíduos, possibilitando fazer o que a escrita à mão não consegue, abrindo o leque de possibilidades de expressão e de

comunicação. A autora enfatiza que a ampliação acontece de duas formas: a prolongação dos sentidos por adição, ou seja, adição de informações, como ocorre no gênero comentário; e a circulação facilitada, ou seja, pelo compartilhamento, repostagem de informações.

Ao considerar o meio digital, Paveau (2021) apresenta seis características dos discursos nativos da *internet*, que obrigam a rever os pressupostos metodológicos da análise do discurso. Nesse sentido, a produção e circulação dos discursos no *online*, de acordo com Paveau (2021), ocorrem a partir de aspectos como: a **composição**¹², a **deslinearização**, a **ampliação**, a **investigabilidade**, a **relacionalidade**, a **imprevisibilidade**.

Desse modo, a **composição** consiste na organização dos discursos digitais a partir de uma gama de recursos que envolvem tanto o linguageiro, como também o tecnológico, consistindo, conforme a autora, em um hibridismo semiótico, que mobilizam recursos tais como textos, imagens fixas ou animadas, sons, dentre outros. Na **deslinearização**, os discursos nativos estabelecem uma ligação com outros textos, que podem ser acessados a partir de links, que direcionam a outros textos em outras situações de enunciação. A **ampliação**, como já mencionada, permite que os sentidos do texto sejam ampliados a partir de ferramentas que permitem ações tais como repostagem, compartilhamento, resposta, dentre outros. A **relacionalidade** em que os discursos estão ligados, ao mesmo tempo, com os aparelhos, com os escritores e com os leitores. Na **investigabilidade**, os discursos digitais são facilmente encontrados, tendo em vista as ferramentas de busca que permitem a localização. Na **imprevisibilidade**, os discursos nativos não são previsíveis, visto que as discussões podem levar a inúmeros rumos, impossibilitando a estimativa de seu fim.

Essas características são colocadas por Paveau (2021) sugerindo a ampliação de instrumentos de análise ou a adequação daqueles já existentes, que possam abarcar todos os aspectos que constituem os tecnodiscursos. Todas as seis características podem ser percebidas no gênero comentário *online*, assim como em outros gêneros que se materializam no ambiente virtual.

É importante destacar que as discussões propostas por Paveau (2021) sobre a constituição do ambiente digital não se limitam ao apresentado, entretanto, buscando atender aos objetivos da pesquisa, nos aprofundaremos mais especificamente nas reflexões que a autora faz acerca do comentário *online*, gênero aqui contemplado.

¹² Grifos nossos.

5.1 O gênero comentário *online*: interação no mundo digital

Dentre os inúmeros aspectos que emergem do digital, Paveau (2021) discorre acerca do gênero comentário *online*, apontando para a estereotipação negativa com que o comentário é visto, dada a manifestação da violência verbal, ou seja, conflitos que ultrapassam os limites do respeito, ocasionando, conforme a autora, consequências negativas para recepção da informação, bem como para a qualidade da informação *online*. Todos esses aspectos fazem com que o comentário seja negligenciado, muitas vezes até sendo banido de algumas plataformas. Entretanto, suas propriedades fazem com que esse gênero ocupe um lugar relevante no que diz respeito aos processos interativos.

Nesse contexto, Paveau (2021) define o comentário *online* como um tecnodiscurso frequente na *internet*, ocupando lugar privilegiado no que concerne aos estudos da análise do discurso digital, dadas as inúmeras possibilidades de análise que ele oferece, além de ser um tecnodiscurso segundo, produzido a partir de um texto primeiro, materializado em um espaço específico no seio do ecossistema digital. O tecnodiscurso trata-se de uma produção linguageira que se constitui no ambiente digital, de acordo com Paveau (2021), trata-se de discursos nativos do contexto digital. Assim, a autora ressalta que o comentário não nasceu hoje, mas perdura desde o século VI a.C. Ou seja, ele perpassa um longo período da existência da humanidade. Nesse sentido, com a ascensão da *internet*, sua conversão para o digital aumentou sua variedade de usos, assumindo formas inéditas. Assim, para Paveau (2021), o comentário é um lugar de múltiplas funções, de exegese, de conversa, de interpretação, dentre outros. Ele constitui funções próprias, que permitem o constante diálogo e a emergência de inúmeras relações que perpassam tanto o conflito como o acordo.

Aprofundando as discussões acerca do comentário *online*, Paveau (2021) delimita cinco características que perpassam esse gênero, sendo elas: a) A enunciação pseudonímia: que consiste na adoção de um pseudônimo, em substituição ao nome real do internauta, assim, o pseudônimo torna-se a assinatura do internauta, sua identidade no ambiente virtual, sendo uma regra *online* muitas vezes estabelecida pelas próprias plataformas; b) A relacionalidade: nela o comentário permite, a partir de suas características, a construção conversacional, gerenciada pela possibilidade de resposta do próprio gênero. Nesse contexto, existe a possibilidade de menção do destinatário, de avisá-lo por e-mail quando um novo comentário é inserido, dentre outros; c) A conversacionalidade e recursividade: que aponta para a possibilidade de comentar ilimitadamente se o espaço destinado aos comentários estiver aberto. Ou seja, no comentário

não existe um fechamento/acabamento, existe sempre a possibilidade de inserir um novo comentário na sequência, promovendo, assim, o inacabamento dos comentários; d) Ampliação enunciativa e discursiva: ocorre quando o comentário digital é motivado a partir de um texto primeiro, ou seja, um texto fonte, já no plano discursivo, os comentários atuam ampliando os sentidos do texto primeiro. Desse modo, o texto primeiro é finalizado pelo autor, entretanto, no espaço dos comentários, ele é aberto pelas discussões propiciadas pelos internautas; e) Publicidade e visibilidade: esse aspecto é determinado nos comentários pelos usuários, a partir das configurações por ele adotadas, diferenciando-se do off-line, ou seja, eles definem o alcance do seu comentário a partir das configurações oferecidas nas plataformas.

Partindo dessas características explicitadas por Paveau (2021), diversos tipos de comentários são agrupados, formando tipologias, que resultam na elaboração de quatro categorias definidas pela autora:

I – O comentário relacional: que consiste em uma relação com o discurso primeiro, nessa categoria se enquadram os seguintes tipos de comentários: a) O comentário de gesto, que não se trata de um comentário linguageiro, mas sim de manifestações, como, por exemplo, o ato de curtir, de favoritar, de reagir não discursivamente diante do dito pelo outro; b) O comentário-link, em que apenas links ocupam o espaço do comentário, estimulando, assim, o clique e a visita a outros sites; c) O comentário de agradecimento, sem a produção de um discurso sobre o texto primeiro, consistindo apenas na exposição de um agradecimento.

II – O comentário conversacional: que propõe um conteúdo capaz de atuar materializando discursos, nessa categoria, situam-se: a) O comentário discursivo, que amplia o texto primeiro, produzindo o acordo, desacordo, o consenso e a polêmica em relação ao conteúdo; b) O comentário metadiscursivo, que consiste em comentários que se referem à forma do texto primeiro ou dos comentários precedentes, ou seja, criticam a ortografia, a tipologia, dentre outros; c) O comentário-troll, que tem o objetivo de promover a confusão, promover intervenções violentas e inoportunas, como é o caso de comentários que tiram o foco em relação ao assunto principal.

III – O comentário deslocado: que não é produzido no mesmo espaço destinado aos comentários, mas em espaços privados das redes sociais, mensagens eletrônicas, dentre outras, ele é constituído pelos seguintes tipos de comentários: a) O comentário deslocado privado, produzido de forma privada em redes sociais ou enviados por correios eletrônicos; b) O comentário deslocado do público, como a publicação de mensagens recebidas por e-mail em blog, ou seja, é o transporte de um comentário privado para um espaço público.

IV – O comentário-compartilhamento: que não é considerado um comentário em si, ele se constitui a partir do compartilhamento, que pode ser acompanhado por um enunciado/comentário.

Todas essas características apontadas situam os diversos tipos de comentários, visto que a autora elabora um modelo metodológico de análise que permite abarcar as diferentes facetas que constituem esse gênero. O comentário *online*, para Paveau (2021), é um tecnodiscurso que se faz onipresente na web, que se constitui de modo interligado a um discurso primeiro e que inclui práticas não languageiras.

Santos (2018), ao discorrer acerca do gênero comentário *online* ressalta que este organiza-se numa cadeia de enunciados, em que cada comentário surge seja como uma réplica ou reação-resposta a diferentes destinatários, reais ou presumidos. Para a autora, tanto o comentador quanto os leitores fazem parte de um meio ideológico amplo, que não se reduz à esfera política e jornalística, essas relações com outras esferas comunicativas das quais os internautas fazem parte se reflete na esfera jornalística. Nessa perspectiva, o comentário *online* funciona como um ponto de encontro entre diversos pontos de vista, de concepções que emanam dos usuários que constituem este gênero. Pereira e Serra (2023a, p. 82) concebem o comentário como um lugar de expressão, os autores argumentam:

Por meio da materialidade do gênero, são possibilitados inúmeros diálogos entre internautas, que conversam entre si como se estivessem inseridos em uma conversa cotidiana, face a face. Além disso, o comentário *online* é um espaço que reflete as relações sociais e posicionamentos ideológicos dos indivíduos que dele fazem uso, se constitui como um lugar de expressão de internautas. (Pereira e Serra, 2023a, p. 82).

Os sujeitos, motivados por um espaço em que é possível tecer comentários e pela possibilidade de tê-los respondidos e de responder outros, expressam-se sem filtros, colocando em cena comentários que constituem uma grande teia da qual fazem ecoar diversos sentidos.

Santos (2018) menciona a recorrência de dois tipos de interlocutores que constituem o comentário *online*, o interlocutor imediato, a quem os internautas replicam diretamente, e o locutor genérico, como sendo o leitor ou possível leitor do gênero comentário *online*. Assim, as interações no espaço do gênero comentário *online* são amplas, envolvendo tanto os internautas que replicam os comentários, como também os possíveis internautas/leitores/comentadores.

As discussões acerca do gênero comentário *online* não se esgotam, a percepção de que este se trata de um gênero marcado por intensas interações, materializando práticas discursivas

que dão subsídios para uma análise dos aspectos dialógicos, argumentativos e polêmicos, possibilitando que os objetivos desta pesquisa sejam alcançados.

No espaço de materialização dos comentários, assim como nos demais domínios discursivos, muitos são os aspectos ideológicos que ecoam, nesse sentido, faz-se necessário refletir sobre a ideologia. Nesse contexto, atentaremos abaixo ao contexto ideológico que perpassa a esfera jornalística.

5.2 Ideologia e esfera jornalística

Tendo como ponto de partida a premissa de que a ideologia atua enquanto instância inerente à linguagem, conforme pontua Volochínov (2018), este tópico retoma brevemente algumas considerações acerca da linguagem enquanto ideológica, mobilizando as concepções de Volochínov (2018) e Miotello (2005). Além disso, a esfera midiática e jornalística também é colocada em cena, tendo em vista que são percebidas enquanto domínios marcados pela não neutralidade. Por fim, serão apresentadas algumas reflexões acerca da oposição entre as ideologias políticas de direita e de esquerda. Todos esses aspectos mencionados comungam para o entendimento de como a ideologia e a manipulação se constituem no campo jornalístico.

5.1.1 Ideologia: reflexão e refração da realidade

A ideologia é vista por Miotello (2005) como uma tomada de posição determinada que se expressa. Nesse sentido, ela se constitui a partir de uma tomada de posição diante da sociedade, do juízo de valor que se expressa nas interações que se dão em todas as instâncias da vida.

Ao tratar da relação entre ideologia e signo, Volóchinov (2018) apresenta o caráter indissociável desses dois elementos. Para o autor, o produto ideológico reflete e refrata uma realidade fora de seus limites, seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou produto de consumo, que no contexto da vida social escapando suas funções naturais, passando a refletir sentidos ideológicos para além de sua própria realidade. Volóchinov (2018) iguala o campo dos signos ao campo das ideologias, dada a propriedade do signo de refletir e refratar a realidade, sendo capaz de distorcê-la, de ser-lhe fiel, bem como de ser percebida a partir de um ponto de vista específico. Assim, o signo é capaz de carregar pontos de vista perpassados por significações, julgamentos de valor, construídos pelos sujeitos a partir do ato interacional. É

nesse contexto que Volóchinov (2018) concebe o signo e seus efeitos a partir da exterioridade, sendo, portanto, uma parte dessa realidade.

Ao fazer uma relação entre signo e ideologia, Volóchinov (2018, p. 95) ressalta que:

A compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz também com outro signo. Essa cadeia da criação e da compreensão ideológica, que vai de um signo a outro e depois para um novo signo, é única e ininterrupta [...]. Essa cadeia ideológica se estende entre as consciências individuais, unindo-as, pois o signo surge apenas no processo de interação *entre* consciências individuais. A própria consciência individual está repleta de signos.

Como uma corrente, a compreensão se dá a partir da relação entre signos que, conseqüentemente, faz surgir outros signos, portanto, a partir do meio social. Assim, o signo ideológico é constituído no exterior, no contato com a realidade, a partir da comunicação entre grupos sociais, dos aspectos valorativos, concepções oriundas de cada indivíduo, que se formam e entram em cena na interação.

Volóchinov (2018) reconhece o signo e a ideologia como os responsáveis por dar forma à consciência. Para o autor: “O signo tampouco surge entre dois *Homo sapiens*¹³. É necessário que esses dois indivíduos sejam *socialmente organizados*, ou seja, acompanhem uma coletividade – apenas nesse caso um meio *sígnico* pode formar entre eles” (Volóchinov, 2018, p. 96-97). Nesse sentido, o signo surge entre indivíduos que pertencem ao meio social, que fazem parte de grupos sociais organizados, é nesse contexto de organização, de troca entre os indivíduos que o signo ideológico se constitui exteriormente e perpassa a consciência dos indivíduos.

Volóchinov (2018) aponta a linguagem enquanto único lugar em que o caráter *sígnico* é expresso com clareza e plenitude, é nesse sentido que o autor concebe a palavra como signo ideológico por excelência, pois é o elemento mais apurado e sensível da comunicação social, o que faz com que a palavra seja compreendida como ideológica por essência. Embora ressalte o poder ideológico da palavra, o autor a concebe também como signo neutro em relação a qualquer função ideológica específica, tendo em vista que ela pode ser usada em qualquer campo ideológico. Desta forma, a supremacia da palavra enquanto signo é evidenciada. Para Volóchinov (2018), a palavra acompanha todo ato ideológico, não substituindo por completo outros signos, como uma obra musical ou uma imagem, pintura, dentre outros, mas estes podem apoiar-se nela, tendo em vista suas propriedades ideológicas. Assim, a maleabilidade da palavra é evidenciada pelo autor, sendo a palavra um signo indispensável, um objeto basilar da ciência

¹³ Grifos do autor.

das ideologias.

Considerando as propriedades da palavra enquanto dialógica e por ela pertencer a diferentes esferas comunicativas, compreendemos que a ideologia se constitui como inerente às situações comunicativas, se fazendo presente em todas as instâncias pelas quais a comunicação acontece.

A esfera jornalística também é perpassada por ideologias, embora se considere neutra, é partindo dessa afirmação que as reflexões logo abaixo desenvolvem-se.

5.1.2 A esfera midiática/jornalística: o jogo da não neutralidade

Tomamos como ponto de partida dessa discussão a esfera jornalística, que é perpassada pelas vozes da mídia, do jornal, dos personagens citados nas notícias, ou seja, de todos os indivíduos que atuam na construção de sentidos dessa esfera responsável por veicular informações. Nesse sentido, Ramonet (2013, p. 74) destaca a voz da mídia como a que prevalece em relação às outras: “A opinião pública não existe, ela é o reflexo dos meios de informação de massa”. Nesse contexto, não existe uma opinião pública, mas sim uma opinião moldada pelas informações veiculadas pela mídia, esta que atua influenciando o pensamento sobre determinados assuntos. É nessa perspectiva que, para Ramonet (2013), a mídia atua manuseando as informações, fazendo com que os indivíduos aceitem e defendam como verdades o que por ela é veiculado.

Defendendo o princípio de neutralidade, a esfera jornalística se propõe apenas a noticiar os fatos, prezando pela imparcialidade, entretanto, essa ideia parece mascarar a incidência da ideologia, tendo em vista que, para Volóchinov (2018), o uso da linguagem, da palavra, já implica uma tomada de posição ideológica. Nessa perspectiva, a ideia de neutralidade não se perpetua na esfera jornalística.

A mídia é concebida por Ramonet (2013) como um quarto poder, constituindo um poder que atua como contrapoder, atuando contra os poderes democráticos, tais como o poder legislativo, o executivo e o judicial. Nesse sentido, a mídia atua como um poder fiscal, que noticia, informa, a partir da esfera jornalística, as decisões tomadas pelos demais poderes. Para Ramonet (2013), esse poder tem estado nas mãos de grupos midiáticos privados, que se articulam com os poderes dominantes, tais como o poder econômico e financeiro. Nesse sentido, a mídia obedece à classe dominante, disseminando informações, ideologias que favorecem a essa classe. Serrano (2013) pontua que a mídia não exerce o direito à liberdade de

expressão, mas sim propagando a censura, por selecionar as informações que serão repassadas aos sujeitos ou não. Na esfera jornalística, enquanto instância midiática, não é diferente, quando pensamos o contexto político, cada jornal veicula as informações de acordo com seu posicionamento político, atendendo, assim, aos seus interesses individuais, sendo recobertos por uma falsa ideia de neutralidade e imparcialidade.

Charaudeau (2013, p. 252) ao tratar acerca da manipulação da mídia, pontua:

Para que haja manipulação, é preciso alguém (ou um a instância) que tenha a intenção de fazer crer a outro alguém (ou um a ou instância) alguma coisa (que não é necessariamente verdadeira), para fazê-lo pensar (ou agir) num sentido que traga proveito ao primeiro; além disso, é preciso que esse outro entre no jogo sem que o perceba. Toda manipulação se acompanha então de uma enganação cuja vítima é o manipulado.

Nessa perspectiva, a manipulação ocorre de forma mascarada, partindo de uma premissa intencional de alguém que tenta fazer o outro crer em algo. Trata-se de um processo de enganação do outro. Pensando nas mídias, Charaudeau (2013) ressalta que elas manipulam de forma nem sempre proposital, sendo muitas vezes vítimas de manipulações de instâncias exteriores. Assim, a própria mídia sofre um processo de manipulação. O autor parte da premissa de que a mídia torna visível o que decide exibir, não sendo necessariamente o que o cidadão espera ou necessita. Desta forma, o que a mídia expõe se alinha ao que os sujeitos desejam ter acesso, é partindo dessa premissa que ela se torna manipuladora. De acordo com o autor, essa seleção de informações parte de três critérios: o tempo, o espaço, o acidente. O tempo diz respeito à conversão de uma informação em notícia de modo urgente. O espaço trata-se do que Charaudeau (2013) concebe como imaginários, a aldeia, que se refere ao espaço que enraíza as identidades, e o planeta que diz respeito ao desejo de expansão para outros campos longínquo e exótico; O acidente trata-se dos acontecimentos.

Os acontecimentos são organizados em forma de roteiro dramatizante, conforme pontua Charaudeau (2013), estes consistem em mostrar as vítimas e perseguidores que fazem parte da desordem social, interpelam-se os responsáveis, por fim, se enuncia a intervenção de alguém. O autor evidencia o poder da imagem enquanto expressão de uma realidade, que atua produzindo efeitos, essa imagem é de alguma forma manipulada. Assim, é nessa perspectiva que Charaudeau (2013, p.256) ressalta que “[...] o cidadão nunca tem acesso ao acontecimento bruto, ele sempre entra em contato com um acontecimento filtrado pela mídia”. Desse modo, trata-se de um acontecimento que passa por uma modificação, para que este possa ser exposto midiaticamente.

Para Charaudeau (2013), a mídia é manipulada tanto por uma pressão externa, quanto

por uma pressão interna. Sob a via externa, a mídia é manipulada pela atualidade, tratando-se da necessidade de tornar sua grade de informações visível e atualizada, visando prender o espectador; pelo poder político, tendo em vista que ele é subordinada a ele, visto que mesmo veiculando a veracidade das informações ou denunciando fatos, se faz necessário expor as declarações políticas, dando voz a eles; e por fim, a atuação da lógica comercial, em que novos parceiros se inserem na imprensa, modificando os rumos das informações veiculadas visando atrair clientes. Com relação à manipulação interna, de acordo com Charaudeau (2013) a mídia sofre pressão de suas próprias representações, pois a troca não acontece entre a mídia e o cidadão, mas sim entre os atores da máquina econômica. Em outras palavras, a mídia se encontra presa em uma instância dominante que rege sua organização. Nessa perspectiva, a mídia, ainda que se esconda atrás de uma premissa de neutralidade e imparcialidade, é perpassada por uma manipulação, fazendo imperar os ideais da classe dominante. Dentre as ideologias que circulam no espaço midiático-jornalístico, destacamos as ideologias políticas de direita e de esquerda, estas que serão discutidas abaixo.

5.1.3 Direita x Esquerda: dois extremos opostos

Na esfera político-jornalística, diversos posicionamentos são veiculados, dentre eles, destacamos os posicionamentos considerados de esquerda e de direita. Partindo dessa premissa, tomamos como pontos dessa discussão a oposição entre direita e da esquerda envolvendo o contexto político mais atual. Desta forma, propomos aqui uma reflexão diante dessas duas posições políticas antagônicas, para melhor compreender o modo como se organizam politicamente no ambiente jornalístico, tendo em vista as discussões políticas mais atuais que perpassam os espaços do gênero comentário *online*.

Sader (1995), ao tratar da constituição dos termos direita e esquerda, ressalta que eles se consolidaram durante a Revolução Francesa, considerando os movimentos sociais que se propagaram nesse período, como a opressão dos patrões sobre os trabalhadores. Nesse contexto, direita e esquerda surgem a partir de um contexto de lutas, passando a ganhar um sentido político que foi se intensificando ao longo de décadas. Para Sader (1995) esquerda e direita representam duas forças em luta, desse modo, elas revelam a constituição de dois planos opostos. Seguindo esse mesmo raciocínio, Bobbio (1909) ressalta que direita e esquerda não são conceitos absolutos, mas sim relativos, configurando lugares do espaço político, nesse

contexto, atuam representando uma topologia política.

No contexto brasileiro, a direita é explicitada por Sader (1995, p. 183) como: “[...] a direita sempre esteve ligada às elites no poder”. Assim, a direita se coloca como favorável aos grupos privilegiados, às classes sociais mais favorecidas. O autor evidencia a relação da direita com as elites, a partir da ideia de apologia ao trabalho escravo e ao livre mercado, visando a constituição de uma economia equilibrada. Nesse contexto, para o autor, a preocupação da direita é com os benefícios econômicos. Em contraposição, Sader (1995) apresenta a seguinte designação para o que ele defende como um posicionamento de esquerda: “Ser de esquerda no mundo de hoje significa participar da reivindicação concreta de uma nova sociedade, na realização prática dos direitos de cidadania sem qualquer tipo de exclusão” (Sader, 1995, p. 195). Nesse sentido, a preocupação da esquerda é com os ideais de igualdade, negando a exclusão, prevalecendo a preocupação com a garantia dos direitos dos cidadãos.

Direita e esquerda constituem dois extremos distintos, antagônicos, na defesa de seus interesses. Para Bobbio (1909), direita e esquerda são vistas como termos antitéticos, designando um contraste entre ideologias. Assim, trata-se de uma relação oposta, sendo termos que, para o autor, são excludentes, tendo em vista a ausência de simultaneidade entre ambos. A adoção de uma posição política implica a exclusão de outra.

Bobbio (1909) aponta para a díade existente na contestação entre esquerda e direita, sendo os aspectos antitéticos e complementares, a primeira diz respeito a um composto de itens divergentes que se opõem, já a segunda, refere-se a um composto de itens convergentes, formando uma unidade. É nesse contexto que o autor situa a relação entre direita e esquerda na díade antitética, tendo em vista relação de oposição entre essas posições.

Assim, ao tratar da relação entre direita e esquerda, Bobbio (1909) argumenta a favor de que a distinção entre elas, que ultrapassa os aspectos ideológicos, indicando não só ideias contrapostas, mas também interesses e valorações com relação à direção seguida pela sociedade de modo geral. Nesse sentido, esquerda e direita constituem dois extremos distintos em todos os sentidos. Bobbio (1909) argumenta ainda que:

A distinção entre direita e esquerda não exclui de modo algum, sequer na linguagem comum, a configuração de uma linha contínua sobre a qual entre a esquerda inicial e a direita final, ou, o que é o mesmo, entre a direita inicial e a esquerda final, se colocam posições intermediárias que ocupam espaço central entre os dois extremos, normalmente designado, e bastante conhecido, com o nome de ‘centro’. (Bobbio, 1995, p. 35).

Desse modo, o fato de existir esquerda e direita não anula a existência de posições intermediárias entre essas duas extremidades. Assim, as posições políticas não se limitam à

ideia de esquerda e direita, mas dizem respeito também a outras posições que se encontram entre o extremo da direita e o da esquerda. É nesse contexto que Bobbio apresenta o Terceiro incluído, em que se admite um espaço intermediário, situando uma posição política entre esquerda e direita; já no Terceiro excluído, admite-se apenas duas partes, esquerda e direita, sem a possibilidade de uma interposição entre elas.

Bobbio (1909) considera a relação entre esquerda e direita como interdependente, tendo em vista que a primeira existe tendo em vista a existência da segunda e vice-versa. Para o autor, na linguagem política, tanto a esquerda como à direita podem representar o lado positivo ou negativo a depender do juízo de valor, tratado pelo autor como parte integrante da luta política.

Ao elucidar os critérios que distinguem direita e esquerda, Bobbio (1909) ressalta que o homem de direita se preocupa em salvaguardar a tradição, já o homem de esquerda é aquele que se ancora no ideal de liberdade de seus semelhantes das cadeias impostas pelos privilégios de raça, casta, classe, etc. Nesse contexto, trata-se de uma diferenciação no modo de tratamento dos indivíduos e na defesa de interesses. Outro critério apresentado por Bobbio (1909) para representar essa distinção entre esquerda e direita é a postura dos homens diante do ideal de igualdade. Assim, o conceito de igualdade segue três variáveis, sendo os sujeitos da partilha dos bens e ônus; os bens e ônus a serem repartidos; e os critérios para que se possa repartir. Nesse contexto, é necessário considerar esses critérios, para o autor, eles não partem de uma ideia de exclusividade, assim, é possível que um critério prevaleça mais que o outro a depender da situação.

Nesse critério de igualdade, Bobbio (1909) aponta para a relação entre o aspecto igualitário e o inigualitário, assim, dizer que a esquerda é igualitária e a direita inigualitária, significa dizer que a esquerda é igualitarista, já que a doutrina igualitária atua reduzindo as desigualdades naturais. Para o autor, quando se atribui à esquerda uma sensibilidade para reduzir as desigualdades, não se trata de eliminá-las, nem que a direita conserve essas desigualdades, mas sim, que a primeira é mais igualitária e a segunda é mais inigualitária. Para Bobbio (1909) é igualitário quem atenua as diferenças e inigualitário aquele que tende a acentuá-las. Assim, o igualitarismo é visto pelo autor como elemento que melhor caracteriza as doutrinas e os movimentos denominados de esquerda.

Outro aspecto enfatizado por Bobbio (1909) é a ideia de liberdade, para ele, a relação entre liberdade e igualdade é importante para precisar a definição de esquerda e direita, com base nesses dois critérios. Além disso, a relação entre liberdade-autoridade na distinção entre esquerda e direita, ambas possuem relevância, dada a contraposição entre esquerda igualitária

e direita libertária. É nesse contexto que o autor fragmenta a esquerda e a direita, separando-a em quatro partes, a extrema-esquerda, que configura os movimentos simultaneamente igualitários e autoritários; a centro-esquerda, com doutrinas simultaneamente igualitárias e libertárias; a centro-direita, que compreende movimentos libertários e inigualitários; e a extrema-esquerda, com doutrinas e movimentos antiliberais e antiigualitários. O autor ressalta ainda que a realidade é mais diversa que esse esquema, ou seja, não se limita apenas aos aspectos observados. Nessa perspectiva, no extremo entre esquerda e direita constituem-se outras posições que podem se aproximar mais de uma ponta da extremidade em relação a outra e ao contrário.

A apresentação da distinção entre direita e esquerda torna-se importante para a análise do *corpus* proposto, considerando os pontos de vista colocados em jogo nos comentários que, por se situarem na esfera político-jornalística e terem como ponto de partida uma temática perpassada por um teor político, apresentam posicionamentos muitas vezes marcados por uma oposição entre ideologias políticas.

As discussões elencadas nos capítulos anteriores permitem a percepção de que as interações são marcadas por um caráter dialógico e, ao mesmo tempo, perpassadas por um horizonte ideológico, em que a neutralidade não se sustenta, dando, assim, subsídios para analisar o gênero comentário *online*. Nessa perspectiva, os conceitos apresentados até aqui são importantes para a constituição das análises a seguir por ajudarem a pensar a construção discursiva nos comentários *online*, tendo em vista as relações que neles são materializadas. Assim, as reflexões a respeito do dialogismo nos ajudarão a refletir sobre o diálogo tanto entre internautas como entre os discursos colocados em cena pelos internautas nos comentários. Já as discussões acerca dos pressupostos da argumentação no discurso serão importantes para se perceber como se dá a construção argumentativa nos comentários, bem como a incidência de aspectos ligados à argumentação polêmica no gênero. As reflexões propostas acerca do ambiente digital, com foco em comentários *online* são importantes para o conhecimento do gênero, além disso, nas análises as reflexões propostas ajudarão a perceber o jogo da não neutralidade, bem como das ideologias políticas que se refletem nos comentários, sobretudo por apresentarem uma temática voltada para o campo político.

6 ANÁLISE DE COMENTÁRIOS *ONLINE*: a interação na rede social *Instagram*

Este capítulo se destina à apresentação das análises dos comentários coletados em notícias específicas dos perfis do *Instagram* Carta Capital e CNN Brasil, visando perceber aspectos que constituem a construção discursiva desse gênero, considerando conceitos como: interação dialógica, polêmica, ideologia, dentre outros. Para uma melhor organização, situamos as análises em duas categorias, sendo elas: 1) Dialogismo no gênero comentário *online*: uma investigação das relações entre internautas e entre discursos; 2) Argumentação polêmica: o dissenso no gênero comentário *online*. Na primeira categoria, focaremos nos aspectos dialógicos e ideológicos que constituem o gênero comentário *online*; na segunda categoria, atentaremos aos conflitos, embates que marcam o dissenso no gênero. Ressaltamos que nossa intenção não é promover um afastamento entre os comentários analisados em cada categoria, mas sim estudar mais profundamente as propriedades dialógicas, ideológicas e polêmicas do gênero. Considerando o exposto, faremos inicialmente uma contextualização acerca das formas de interação que estão disponíveis no espaço de materialização dos comentários, posteriormente, apresentaremos as notícias das quais o *corpus* foi coletado, visando situar o leitor sobre o que versa cada acontecimento.

6.1 Ferramentas de interação disponíveis no espaço de materialização dos comentários

Para melhor compreender a dinâmica de publicação de comentários na rede social *Instagram*, apresentamos logo abaixo um “resumo” das ferramentas que se encontram disponíveis aos internautas, permitindo a interação imediata de diferentes formas.

Figura 1 – Ilustração das formas de interação no espaço destinado aos comentários



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cs1ityzSvyi/?hl=pt-br>. Acesso em: 16 de Jun.de 2023

As ferramentas interacionais oferecidas pela plataforma do *Instagram* permitem ao usuário interagir de diferentes formas, com opções que contribuem para a ampliação dos sentidos nesse espaço de materialização de trocas entre os usuários. Essa ampliação, conforme pontua Paveau (2021), ocorre seja por meio da adição de informações ou ainda por meio do compartilhamento da publicação.

Nessa perspectiva, na ilustração, é possível visualizar os comandos que permitem a interação dos internautas na rede social em questão. Assim, em (1), pode-se observar o local destinado à visibilidade da manchete, onde os internautas têm acesso às informações sobre o acontecimento noticiado. O internauta, ao interagir por meio do comentário, deixa visível a identificação de seu nome de usuário, como se observa em (2), entretanto, nem sempre essa identificação corresponde à sua verdadeira identidade, tendo em vista que, conforme Santos (2018, p. 209): “[...] muitas vezes, o internauta que comenta mantém-se no anonimato usando uma falsa identificação”. Essa possibilidade de anonimato permite ao internauta a exposição de pontos de vista carregados de insultos ao outro. O comentário é exposto pelo internauta conforme se observa em (3), podendo a qualquer momento receber curtidas, a partir da ferramenta que se observar em (4), evidenciando apoio em relação ao dito. Além disso, o comentário pode ainda ser respondido por outro internauta, a partir da possibilidade de resposta dada pela rede social, conforme se pode observar em (5).

Em (6), espaço logo abaixo do comentário principal, situam-se os comentários que se constituem como resposta a esse comentário. Em (7), estão disponíveis as ferramentas para ampliação dos sentidos, com as opções de curtir a notícia, comentar e compartilhar a publicação. Essas ferramentas determinam o processo de circulação da informação, aspecto apontado por Dias (2018) como constitutivo do digital, auxiliando em sua produção de sentidos. Logo abaixo, em (8), é possível ter acesso ao número de curtidas, o que permite verificar o alcance da publicação. Em (9), a publicação convida os internautas/leitores a comentarem, a partir da seguinte legenda: “Adicione um comentário...”, motivando, assim, a interação e ampliação dos sentidos da notícia.

Embora o estudo da notícia não seja o foco central desta pesquisa, consideramos importante sua exposição para a contextualização dos comentários, assim, apresentamos abaixo algumas considerações das notícias, que atuam como texto fonte dos comentários coletados.

6.2 O texto fonte: ponto de partida para a interação

Antes de imergir na análise dos comentários, é necessário situar o leitor acerca da temática tratada no texto fonte, visto que este é o deflagrador dos comentários analisados. Nesse sentido, os comentários analisados nessa pesquisa foram coletados a partir dos portais já mencionados: CNN Brasil e Carta Capital. A CNN Brasil¹⁴ se constitui como uma empresa brasileira, trata-se de um canal de notícias que perpassa tanto o digital como também o espaço televisivo, sem um posicionamento político explicitado abertamente. A Carta Capital¹⁵ trata-se de uma revista brasileira, com publicações semanais, se propõe a fazer um jornalismo crítico e transparente, além de assumir ser progressista. Tanto o contexto midiático, como os próprios comentaristas de ambos os portais de notícia denunciam o jornalismo da CNN Brasil como alinhado à direita¹⁶, já a Carta Capital é tratada como alinhada à esquerda, constituindo, portanto, dois extremos opostos. Essa percepção é possível a partir da observação dos pontos de vista elencados pelos internautas nos comentários das publicações dos referidos portais de notícias.

Pensando na análise do *corpus* e considerando necessário delimitar as temáticas das notícias, selecionamos duas temáticas que tiveram ampla repercussão, a saber: a invasão do

¹⁴ Disponível em: <https://conteudos.cnnbrasil.com.br/sobre-a-cnn-brasil/>. Acesso em: 11 de Jul. de 2023

¹⁵ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/>. Acesso em: 11 de Jul. de 2023.

¹⁶ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/midia/2023/4/3/nova-casa-da-extrema-direita-veja-contratao-inacreditavel-da-cnn-brasil-133768.html>. Acesso em: 11 de Jul. de 2023.

Congresso Nacional em 08 de janeiro de 2023 e a visita de Nicolás Maduro ao Brasil. A partir das temáticas, os critérios já mencionados nos levaram à seleção de quatro manchetes: duas contemplando a primeira temática e duas contemplando a segunda.

As notícias que contemplam a primeira temática (A invasão do Congresso Nacional em 08 de janeiro de 2023) apresentam em sua materialidade o registro do mesmo acontecimento, ambas foram publicadas no dia 08/01/2023. As manchetes tratam acerca da invasão do Congresso Nacional que aconteceu nessa mesma data, esse movimento foi protagonizado por indivíduos insatisfeitos com o resultado das eleições. A manifestação resultou na destruição de diversas salas do Congresso Nacional, bem como de obras de arte valiosas e milenares. Os acontecimentos foram explicitados por cada perfil jornalístico a partir das seguintes manchetes: Carta Capital (Bolsonaristas invadem Congresso Nacional em Brasília)¹⁷; CNN Brasil (Manifestantes furam bloqueio e invadem Esplanada dos Ministérios)¹⁸. Assim, a forma utilizada pelos portais para se referir aos indivíduos que protagonizaram os atos já sinaliza uma tomada de posição por parte do perfil. Até o momento da coleta de dados (20/04/2023), a primeira notícia havia recebido 23,8 mil curtidas e 2.060 comentários e a segunda notícia 26.092 comentários e 2.369.177 visualizações.

As notícias da segunda temática (Visita de Nicolás Maduro ao Brasil) foram publicadas no dia 29/05/2023, tendo como manchetes: Carta Capital (‘Que nunca mais fechem as portas entre Brasil e Venezuela’, diz Maduro após encontro com Lula)¹⁹; CNN Brasil (Lula critica “preconceito contra Venezuela” e considera “histórica” visita de Maduro)²⁰. As manchetes explicitam tanto os discursos de Luiz Inácio Lula da Silva, quanto de Nicolás Maduro. Esses discursos foram proferidos durante a visita de Maduro ao Brasil, após uma reunião entre as lideranças, em um evento que reuniu a cúpula de presidentes sul-americanos. A visita gerou bastante repercussão na mídia, dado o contexto de ditadura venezuelana ao qual Maduro é apontado como protagonista, bem como a dívida que a Venezuela mantém com o Brasil. Até o momento da coleta do *corpus* (16/06/2023), a primeira manchete havia recebido 3.808 curtidas e 309 comentários, já a segunda recebeu 20.705 curtidas e 6.658 comentários.

Ressaltamos que o número de interações em cada publicação pode variar, apresentando uma certa instabilidade, tendo em vista a disponibilidade da notícia no portal, podendo a qualquer momento ser acessada pelos internautas e comentada, independente do aspecto

¹⁷ Disponível: <https://www.instagram.com/reel/CnKh1veNT9g/?hl=pt-br>. Acesso em: 20 de Abr. de 2023.

¹⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnKfd0gtpX/?hl=pt-br>. Acesso em: 20 de Abr. de 2023.

¹⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cs1ityzSvyi/?hl=pt-br>. Acesso em: 16 de Jun. de 2023.

²⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cs1gSQcLDlo/?hl=pt-br>. Acesso em: 16 de Jun. de 2023.

temporal.

As manchetes estão relacionadas a acontecimentos que se associam às imagens de dois protagonistas do sistema político brasileiro, a saber: Luiz Inácio Lula da Silva do Partido dos Trabalhadores, e Jair Messias Bolsonaro, do Partido Liberal. Desse modo, para melhor compreender o contexto das notícias, e a menção a esses indivíduos nos comentários, sentimos a necessidade de contextualizar a atuação dessas figuras no contexto político.

Nesse sentido, Luiz Inácio Lula da Silva²¹ teve seu contato com a política firmado a partir da ocupação da presidência do sindicato dos metalúrgicos, passando a representar a categoria. Liderou grandes movimentos e greves, foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT), intensificando sua participação na política. Lula foi deputado federal pelo estado de São Paulo, disputou a Presidência da República em 1989, 1994 e 1998, perdendo a disputa em todas essas ocasiões. Em 2002, ao disputar novamente as eleições à Presidência da República, foi eleito, tendo como marco de seu governo as políticas de distribuição de renda, como o programa Bolsa Família e o Fome Zero. Em 2006, Lula foi reeleito e, em 2010, Lula foi sucedido por Dilma Rousseff, também integrante do seu partido, sendo reeleita em 2014. Em 2018²² Lula tentou voltar ao cenário político como Presidente da República, entretanto, teve sua candidatura barrada, tendo em vista sua condenação no âmbito da operação Lava Jato pelo envolvimento em esquemas de corrupção durante seus governos anteriores. Após a anulação de suas condenações em 2019 e tendo seus direitos restabelecidos, Lula candidatou-se à Presidência da República nas eleições de 2022, derrotando seu opositor, Jair Messias Bolsonaro, tornando-se presidente da república.

Jair Messias Bolsonaro²³ ingressou inicialmente na carreira militar, migrando posteriormente para a carreira política, na qual atuou inicialmente como vereador do Rio de Janeiro. Em 1990, conquistou o primeiro dos sete mandatos no cargo de deputado federal, também do Rio de Janeiro. Em 2018, lançou sua campanha à Presidência da República, conseguindo se eleger, ocupando o cargo até o ano de 2022, quando, ao tentar a reeleição, foi derrotado no segundo turno por seu opositor, Luiz Inácio Lula da Silva. Filiado ao PL, atualmente Jair Messias Bolsonaro é investigado por suspeita de envolvimento em atos

²¹Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/biografia-periodo-presidencial>. Acesso em: 10 de Dez. de 2023.

²²Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/08/31/maioria-dos-ministros-do-tse-vota-pela-rejeicao-da-candidatura-de-lula.ghtml>. Acesso em: 10 de Dez. de 2023.

²³Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/biografia/biografia>. Acesso em 10 de Dez. de 2023.

golpistas, além de ter se tornado inelegível por oito anos²⁴, ao ser acusado por abuso de poder político e uso indevido dos meios de comunicação. Dentre as pautas defendidas ao longo de sua carreira política, destaca-se a posse de armas de fogo, a defesa do voto impresso, além de outras pautas que apontam para um conservadorismo.

Jair Messias Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva são vistos pela grande mídia como opositores, ocupando dois extremos políticos, a saber: direita e esquerda. Nesse sentido, essa relação de oposição perpassa também os internautas no espaço de materialização dos comentários, tendo em vista que estes fazem parte de contextos sociais aos quais são moldados, bem como têm acesso a informações que os fazem construir valorações acerca do cenário político, e que se refletem nos comentários. Desse modo, nos comentários, os comentadores atuam seja como defensores ou como opositores das figuras políticas já mencionadas.

Considerando os aspectos teórico-metodológicos apontados, apresentaremos as análises do *corpus* que constitui a primeira categoria.

6.3 O dialogismo no gênero comentário *online*: uma investigação das relações entre internautas e entre discursos

Nesta categoria, trataremos acerca das relações dialógicas e ideológicas que constituem o gênero comentário *online* a partir da perspectiva de Bakhtin e do Círculo. Desse modo, iniciamos as análises dos comentários que constituem a primeira temática selecionada, saber: A invasão do Congresso Nacional em 08 de janeiro de 2023. Nesse contexto, os comentários desta categoria são separados em quatro blocos/sequências: os dois primeiros dizem respeito aos comentários do perfil Carta Capital e os dois últimos dizem respeito aos comentários do perfil CNN Brasil. Analisamos nesta categoria um total de 19 comentários, englobando tanto enunciados que respondem ao texto fonte, mas que não são replicados por outros internautas, como também, além de comentários que respondem ao texto fonte e são replicados/respondidos por outros internautas, formando, assim, uma corrente de comentários que constituem um verdadeiro diálogo. Nesse contexto, segue a análise dos comentários da primeira notícia.

²⁴Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>. Acesso em 10 de Dez. de 2023.

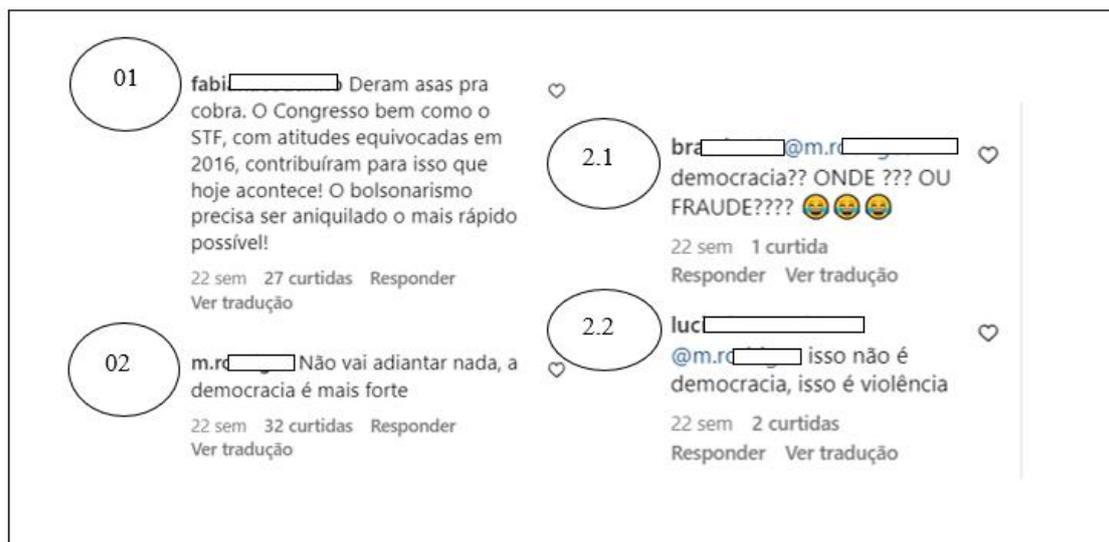
Figura 2 - Captura de tela da notícia postada no perfil da Carta Capital



Disponível: <https://www.instagram.com/reel/CnKh1veNT9g/?hl=pt-br>. Acesso em: 20 de Abr. de 2023

Os primeiros dois blocos apresentados trata de comentários da notícia intitulada: “Bolsonaristas invadem o Congresso Nacional em Brasília”, a primeira sequência é apresentada logo abaixo:

Quadro 1 - Primeiro bloco de comentários - Carta Capital



Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CnKh1veNT9g/?hl=pt-br>. Acesso em 20 de Abr. de 2023.

A primeira sequência de comentários²⁵ é iniciada pelo comentário (01): nele, o internauta diz: “*Deram asas pra cobra. O Congresso bem como o STF, com atitudes*

²⁵ Os comentários foram expostos nas análises conservando sua grafia original.

equivocadas em 2016, contribuíram para isso que hoje acontece! O bolsonarismo precisa ser aniquilado o mais rápido possível!”. No comentário, observa-se a presença do ditado popular: “*Deram asas pra cobra.*”, trata-se de uma metáfora que, no contexto cotidiano, é utilizada pelos indivíduos para se referir ao ato de dar poder ou liberdade a alguém. Desse modo, essa expressão parece carregar sentidos que fazem questionar: quem são essas cobras às quais o internauta se refere metaforicamente. Ao resgatar o contexto do comentário e sua relação com a notícia, é possível inferir que a utilização desse ditado popular faz referência à liberdade de ação dos manifestantes, que parece ser o reflexo/resultado de outras situações que foram favoráveis aos pontos de vista dos quais os manifestantes compartilham.

Ao dizer: “*O Congresso bem como o STF, com atitudes equivocadas em 2016, contribuíram para isso que hoje acontece! [...]*”, observa-se a menção ao Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal com a alegação de serem instituições que realizaram ações vistas pelo internauta como equivocadas no ano de 2016, desse modo, o internauta coloca os atos de 8 de janeiro de 2023 explicitados na notícia como um reflexo dessas atitudes, embora não mencione que atitudes são essas, essa alusão ao ano de 2016 feita pelo internauta reveste o comentário de implícitos, permitindo que o leitor retome em sua memória os acontecimentos que escapam o dito na notícia e que se sucederam no ano mencionado.

Quando retomamos o contexto do ano de 2016, é possível recuperar, por exemplo, acontecimentos tais como o *Impeachment*²⁶ da ex-presidente Dilma, que resultou na cassação de seu mandato em 31 de agosto de 2016. Assim, os sentidos do comentário são construídos a partir do já dito, que não se mostra explicitamente, mas que pode ser recuperado a partir da retomada a outros contextos, assim, no comentário ocorre o esgotamento da descrição linguística, apontando para a presença do outro constitutivamente, conforme pontua Authier-Revuz (2004). Apesar de não ser possível afirmar que o internauta esteja falando sobre o *Impeachment*, sua valoração aponta para acontecimentos que de alguma forma conferiram liberdade aos apoiadores do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. O internauta se coloca como crítico dos atos explicitados na notícia, os apresentando como um reflexo do que ele chama de “*bolsonarismo*”, termo que se associa à imagem do ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, correspondendo a uma série de ideias e valores morais defendidos por ele e seus apoiadores, tais como: o patriotismo, a defesa da família, o conservadorismo, a defesa do porte de armas, dentre outros. É nesse contexto que o internauta diz: “*O bolsonarismo precisa ser*

²⁶ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil> Acesso em: 20 de jun. de 2023.

aniquilado o mais rápido possível!” evidenciando uma relação de oposição/desprezo ao “*bolsonarismo*”, já que ele prega sua aniquilação de forma imediata.

O uso do termo “*bolsonarismo*” já aponta para a carga ideológica que perpassa o comentário, tendo em vista que, para Fiorin (2023), uso de construções linguísticas não pode ser visto em uma relação de imparcialidade e neutralidade, dado ao caráter ideológico que lhes são constitutivas. Assim, uso dessa expressão denuncia no comentário uma tomada de posição clara que parece se distanciar de uma ideologia de direita, tendo em vista que, no contexto político, é denominado “*bolsonarismo*” ou “*bolsonarista*” tudo que remeta a uma ligação com o ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, que em seus discursos situa seus posicionamentos políticos alinhados a uma ideologia política de direita.

O comentário (01) não é respondido por nenhum outro internauta, entretanto, é possível perceber que outros internautas aderem ao mesmo ponto de vista do comentário em questão, já que ele recebeu 27 curtidas, sinalizando a presença do comentário enquanto gesto, recorrente no espaço em que se dá os comentários, tratando-se, portanto, de uma característica do gênero. Paveau (2017) define o comentário de gesto como um comentário não languageiro, mas que diz algo implicitamente, já que a curtida sinaliza a presença de uma relação de apoio, indicando que outros internautas concordam com o enunciado. Essa característica pode ser percebida também em outros comentários.

O internauta (02) se insere na sequência manifestando um enunciado principal que, assim como em (01), retoma a notícia. Nesse sentido, ele diz: “*Não vai adiantar nada, a democracia é mais forte*”, a reação do internauta expressar uma relação de refutação aos atos explicitados na notícia, ou seja, ele defende a tese de que as manifestações não terão relevância, dada a força do sistema democrático. Ao dizer isso, é possível inferir que, para o internauta, os atos explicitados na notícia são antidemocráticos, atentam contra a democracia e suas instituições de direito, bem como não são capazes de apagar o poder da democracia que, nesse caso, permitiu que o povo brasileiro votasse e elegeesse como presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores).

O comentário não só recebeu 37 curtidas, como também desencadeou outros comentários. A função “Responder”, presente logo abaixo de cada comentário, oferece ao internauta a possibilidade de uma resposta direta ao outro, abrindo o diálogo entre internautas que mantêm com ele uma atitude de apoio ou de confronto, essa função permite ainda a ampliação, que de acordo com Paveau (2021), permite a ampliação dos sentidos. Considerando a ampliação, materializam-se os comentários (2.1 e 2.2), seus sentidos vão sendo construídos a

partir de uma interlocução com (02), visto que mencionam diretamente o nome do internauta, definindo, portanto, o endereçamento ao outro, que, para Cunha (2011), configura a presença de uma relação dialógica interlocutiva.

Nesse contexto, o comentário (2.1) se insere na sequência marcando o nome do internauta (02) e dizendo: “*democracia?? ONDE ??? OU FRAUDE????*”, o comentário é constituído a partir de questionamentos que parecem manter com o internauta anterior uma relação de oposição. Ao dizer: “*democracia??*”, o internauta incorpora os sentidos do comentário (02), refletindo sobre ele, fazendo uma indagação, numa tentativa de problematizar e refutar o que foi explicitado anteriormente, expressando, assim, um sentido oposto. Além disso, o internauta expressa uma voz marcada pelo confronto em relação ao dito, que ao questionar a democracia, parece sugerir que ela não exista, isso pode ser reforçado quando o internauta diz: “*ONDE ???*” explicitando um tom irônico em forma de pergunta. Essa retomada do dizer do outro sinaliza uma marca dialógica, em que os fios de outros discursos anteriores ajudam a tecer o dizer atual, concordando com o dito por Bakhtin (2016), que aponta para os discursos enquanto plenos de palavras outras, que são assimiladas e reacentuadas.

Ao mencionar: “[...] *OU FRAUDE?*”, o internauta reflete sobre o dizer outro, materializando um comentário reflexivo sobre esse dizer, sugerindo o uso do termo “*FRAUDE*” como o correto a ser empregado. Essa atitude reflexiva sobre o dizer é vista por Authier-Revuz (1998) como uma forma de modalização autonímica, tratando-se de esquemas linguísticos inscritos no fio do discurso, em que o dizer é acompanhado de um comentário que reflete sobre ele.

O internauta não só confronta o internauta anterior, como também reveste seu comentário por ecos de discursos outros que perpassam a palavra “*FRAUDE*”, esta que em um contexto normal consiste em atos de má-fé, mas que no contexto do comentário, fazendo um elo entre o que é explicitado na notícia, pode-se inferir que se trata de uma denúncia em relação ao sistema eleitoral brasileiro. Essa carga semântica das palavras é justificada por Bakhtin (2016), ao afirmar que as palavras são sempre carregadas de valor. Desse modo, são revestidas de significação no contexto de uso. Assim, o uso da palavra “*FRAUDE*” pelo internauta reflete o discurso de que o sistema eleitoral brasileiro é fraudulento, esse discurso ganhou notoriedade a partir de falar do ex-presidente da república, Jair Messias Bolsonaro (Partido Liberal), que foi candidato a reeleição no ano de 2022, resultando em uma derrota e na vitória do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

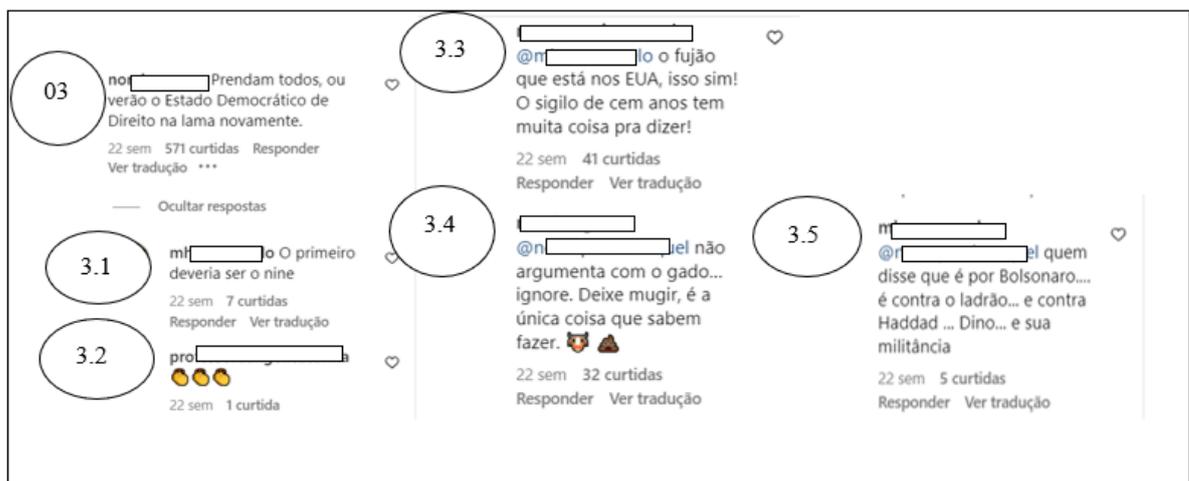
Ao voltar-se para o internauta (2.0) tecendo questionamentos que afirmam a incidência

de fraude no processo eleitoral, o internauta (2.1) expressa uma voz que se alinha aos discursos que colocam em dúvidas o resultado das eleições de 2022. Além disso, parece expressar implicitamente uma relação de apoio aos atos de 8 de janeiro 2023, tendo em vista que assim como os manifestante, ele também questiona o sistema eleitoral brasileiro.

O internauta expõe parte do seu comentário em caixa alta, como em: “*ONDE ??? OU FRAUDE????*” dando a essas palavras uma entonação diferente, podemos inferir que se trate de uma estratégia utilizada para expressar um tom de ironia, bem como chamar atenção para seu ponto de vista. O deboche e a ironia são reforçados pelo uso do *emoticon*, que simula uma carinha chorando de rir. É possível perceber a relação dialógica interlocutiva manifestada por (2.1), dada a retomada que ele faz do dito por (02), apresentando uma valoração oposta, bem como a marcação do internauta anterior com @ (nome do usuário).

Continuando a sequência, o comentário (2.2) manifesta uma relação dialógica com (02) replicando-o, dizendo: “*isso não é democracia, isso é violência*”. Ao explicitar: “*isso não é democracia*” o internauta se reporta aos atos de 8 de janeiro expostos na notícia, expressando uma voz que desaprova as manifestações. Além disso, o internauta reforça o *status* de violência, dizendo: “*isso é violência*”, descredibilizando, portanto, a ação dos manifestantes, vista negativamente pelo internauta. É possível observar a relação do internauta com a notícia, já que sua reação parece ser consequência de um julgamento feito a partir da visualização das atitudes dos manifestantes. Observamos que o internauta, além de apresentar uma valoração negativa frente à manifestação, mostra-se também alinhado a discursos contrários aos manifestantes, já que sugere implicitamente, a partir do dito, não ser um dos apoiadores da manifestação.

Quadro 2 - Segundo bloco de comentários - Carta Capital



Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CnKh1veNT9g/?hl=pt-br>. Acesso em 20 de Abr. de 2023.

O internauta (03) inicia a sequência apresentando um comentário que marca a abertura de um diálogo, tanto entre internautas como entre os discursos que vão sendo aludidos. Nesse sentido, o comentário explicita: “*Prendam todos, ou verão o Estado Democrático de Direito na lama novamente.*”. O internauta argumenta em favor da prisão de “*todos*”, se referindo, portanto, aos manifestantes, ou ainda a todos os envolvidos direta ou indiretamente nos acontecimentos noticiados. Ao expressar o desejo de vê-los presos, o internauta manifesta explicitamente uma tomada de posição que se mostra contrária às manifestações, explicitando uma voz que desaprova as ações noticiadas e, conseqüentemente, evidencia um posicionamento político contrário ao seguido pelos manifestantes.

O internauta coloca a prisão como única maneira de se estabelecer a democracia, visto que ele diz: “[...] *ou verão Estado Democrático de Direito na lama novamente.*” Ao fazer uso do advérbio “*novamente*”, o internauta expõe implicitamente que o Estado Democrático de Direito já esteve na lama em outra ocasião, dando pistas da existência de um fio de outros discursos implícitos. Nesse contexto, a presença do aspecto dialógico é marcada não só pela retomada da notícia, como também pela sinalização de fios discursivos exteriores à notícia.

O comentário (03) suscita uma série de réplicas, respostas de outros internautas, materializando o que Paveau (2021) chama de recursividade ilimitada. Esse recurso possibilita a abertura de um número ilimitado de comentários, além de uma ampliação dos sentidos da notícia. Nesse contexto, mantendo uma relação dialógica com (03), o internauta (3.1) se insere na sequência dizendo: “*O primeiro deveria ser o nine*”, ele assume uma posição responsiva marcada por uma valoração oposta, visto que incorpora os sentidos do comentário anterior no que diz respeito ao desejo de prisão, entretanto, apresenta uma apreciação que se distancia do ponto de vista do internauta (03).

Ao expressar o desejo de ver a prisão de quem ele chama ironicamente de “*nine*”, o internauta constrói relações dialógicas com o termo “*nine*”, que, em seu contexto de origem, diz respeito à nomeação do número nove (9) traduzido do inglês. No entanto, no contexto político, “*nine*” é usado para se referir ao atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Essa nomeação é bastante comum entre os apoiadores do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro para se referir a Lula, de forma depreciativa, se reportando ao defeito físico do então presidente, adquirido a partir de um acidente de trabalho que resultou na perda do dedo de uma das mãos, restando apenas nove dedos na mão. A utilização de palavras que fazem parte de outros contextos como o numeral “*nine*” é possível devido às características do gênero e a maleabilidade da palavra, apontada por Volóchinov (2018) enquanto signo neutro, que pode

pertencer a qualquer contexto e, ao mesmo tempo, ser revestida por sentidos atribuídos pelos sujeitos em cada contexto que ela passa a pertencer. Além disso, por refletir significados diferentes de sua realidade, o termo “*nine*” pode ser visto como um signo ideológico, tendo em vista que reflete e refrata uma outra realidade.

Ao sugerir a prisão do então presidente, o internauta mostra-se alinhado aos discursos de apoiadores de Jair Messias Bolsonaro, o uso do termo “*nine*” reforça essa filiação, caracterizando uma tomada de posição contrária ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva e de possível apoio ao ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. A grande mídia situa as figuras do ex-presidente e do atual em dois extremos opostos: a direita e a esquerda. Nesse sentido, as escolhas linguísticas do internauta apontam a expressão de um ponto de vista marcado por uma relação de oposição à ideologia de esquerda.

O internauta não explicita os motivos pelos quais o atual presidente deve ser preso, entretanto, sua valoração pode estar ligada ao descontentamento em ter Lula representante. Além disso, pode fazer referência também ao fato de o presidente ter sido acusado e preso por crimes de corrupção e posteriormente inocentado. Nesse contexto, podemos perceber no comentário o atravessamento de outras vozes, os sentidos do comentário vão sendo construídos a partir da retomada a outros contextos exteriores, mobilizados para contraditar com o dito anteriormente, trazendo para o espaço de discussões novas informações, ampliando, assim, os sentidos da notícia.

Continuando a sequência, o comentário (3.2) se mostra como uma réplica a (03), ele não se apresenta discursivamente, assim, os sentidos do comentário são construídos a partir de uma sequência de três *emoticons* que simulam um movimento de aplausos, o que parece evidenciar uma relação de concordância, de apoio em relação a algo dito anteriormente, neste caso, ao dito no comentário (03). O uso de recursos semióticos é algo bastante recorrente no gênero comentário *online*, fazendo parte da construção de sentidos do gênero, conforme pontua Santos (2018). Nesse contexto, embora não materialize o aspecto discursivo, os sentidos são evidenciados a partir de uma mensagem implícita.

O comentarista (3.3), mantendo uma relação interlocutiva com (3.1), diz: “*o fujão que está nos EUA, isso sim! O sigilo de cem anos tem muita coisa pra dizer!*”, pode-se observar que o internauta opõe-se ao dito em (3.1), retomando o desejo de prisão explicitado tanto em (03) como em (3.1), entretanto, atribuindo esse desejo a outro indivíduo, ao qual o internauta se reporta como: “*o fujão que está nos EUA, isso sim!*”. Nessa interação dialógica interdiscursiva, que na perspectiva de Cunha (2014) marca a relação em que o já-dito perpassa

o discurso atual, o contexto do comentário, bem como a relação entre discursos exteriores a notícia, nos fazem inferir que o “*fujão*” a quem o internauta se refere diz respeito à figura do ex-presidente da república, Jair Messias Bolsonaro. O ex-presidente viajou para os Estados Unidos antes do término de seu mandato, não se fazendo presente no dia da posse de Luiz Inácio Lula da Silva para passar a faixa de presidente da República, a partir disso, o internauta sugere que o ex-presidente tenha saído em fuga. O uso do termo “*fujão*” em substituição ao nome do ex-presidente aponta para a expressão intencional de um tom depreciativo em relação à sua figura.

Finalizando o comentário, o internauta diz: “*O sigilo de cem anos tem muita coisa pra dizer!*”, nesse sentido, é possível observar que o internauta recupera o contexto do governo de Jair Messias Bolsonaro, fazendo menção ao sigilo de cem anos imposto pelo ex-presidente aos documentos pessoais. O episódio é retomado para fortalecer o ponto de vista do internauta, além de ser um argumento que sugere que esse sigilo esconde coisas comprometedoras e que podem culminar em acusações ou na prisão do ex-presidente. A menção ao sigilo de cem anos não só expressa uma voz que se coloca em oposição ao ex-presidente, como também, manifesta uma relação de apoio ao atual presidente, visto que se alinha aos ideais seus ideais, expressando o desejo de que as informações sigilosas do ex-presidente sejam expostas, algo que foi bastante prometido durante a campanha eleitoral do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A construção discursiva do comentário permite perceber os ecos de outras vozes, colocadas em cena para fortalecer os argumentos do internauta e contraditar o dito em (3.1), configurando uma relação argumentativa, que de acordo com Amossy (2020), consiste em uma manifestação em que posições antagônicas, que, no comentário, demonstra um embate entre pontos de vista que parecem seguir/defender lados opostos.

Replicando o comentário (3.3), o internauta (3.4) diz: “*não argumenta com o gado... ignore. Deixe mugir, é a única coisa que sabem fazer.*”. É possível observar a simulação de um diálogo com o internauta (3.3), em que (3.4) parece o aconselhar, como se estivessem em uma interação face a face, sugerindo ser inútil discutir com quem ele chama ironicamente de “*gado*”, se referindo ao internauta (3.1), com quem (3.3) polemiza.

O termo “*gado*”, no contexto político, é usado pejorativamente pelos apoiadores de Luiz Inácio Lula da Silva para se referir aos apoiadores e defensores de Jair Messias Bolsonaro, comparando-os a animais bovinos, que obedecem sem reclamar. Assim, o internauta revela ser um dos apoiadores do atual presidente, atribuindo o termo “*gado*”, no contexto do comentário, para descredibilizar o dito em (3.1), assumindo uma posição de apoio em relação à (3.3), além

disso, o termo “gado” pode ter sido empregado em um contexto geral, fazer referência também aos manifestantes, tendo em vista que a notícia os caracteriza como bolsonaristas.

O internauta faz uso das reticências para sinalizar a omissão de algo que não foi exposto, ou seja, a suspensão de um pensamento e, completa seu comentário dizendo: “*Deixe mugir, é a única coisa que sabem fazer.*”, fazendo alusão ao som emitido pelo animal bovino, interpretando o dito pelo internauta (3.2) como um mugido, evidenciando uma relação de desprezo. Ao nos atentarmos para os aspectos ideológicos que constituem o comentário, o uso de expressões como “gado” e “Deixe mugir” constituem no comentário um fio ideológico, já que são termos que escapam seus sentidos reais, evidenciando as propriedades de refletir e refratar a realidade além de suas funções naturais, conforme pontua Volóchinov (2018).

Os sentidos do comentário são construídos a partir do ataque aos apoiadores do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, o internauta evidencia isso de forma explícita nas linhas do comentário quando se utiliza do termo como “gado” e “Deixe mugir”. Essa relação de desprezo e ataque diante de internautas anteriores, bem como do dito por eles, configura o uso de um argumento *tu quoque*, que de acordo com Fiorin (2023), consiste em rebater uma crítica por meio da desqualificação, do ataque ao oponente e ao seu discurso.

O internauta (3.5) se insere na sequência dizendo: “*quem disse que é por Bolsonaro... é contra o ladrão... e contra Haddad ... Dino... e sua militância*” o internauta retoma o contexto do comentário (3.3), o replicando, ao dizer: “*quem disse que é por Bolsonaro....*” o internauta reveste seu comentário de um discurso outro, que faz referência ao dito por alguém, este que não é marcado explicitamente pelo internauta, entretanto, a partir de uma observação o contexto em que o comentário se dar, pode-se inferir que no comentário ecoam as vozes do internauta (3.3), a quem ele replica, como também de todos os que dizem que as manifestações são em favor de Jair Messias Bolsonaro. A referência ao discurso outro, feita pelo internauta de modo indireto, configura a incidência de uma heterogeneidade mostrada não marcada, em que a presença do outro é observada por meio de recursos não linguísticos, mas sim de inferências, conforme pontua Authier-Revuz (2004). O dito pelo internauta parece tentar dissociar a figura de Jair Messias Bolsonaro dos atos de 8 de janeiro, evidenciando não ser por ele a manifestação, indo contra tanto aos discursos que o colocam como principal responsável, como também à voz do jornal que responsabiliza os bolsonaristas pelas ações de 8 de janeiro.

O internauta explicita, a partir de sua visão, os reais motivos da manifestação: “*é contra o ladrão... e contra Haddad ... Dino... e sua militância*”, nesse contexto, o internauta utiliza o termo “ladrão” para se referir a alguém em específico que não é explicitado, na sequência cita

“*Haddad*” e “*Dino*”, se referindo a Fernando Haddad, então ministro da fazenda, e Flávio Dino, indicado por Lula para ocupar uma vaga no Supremo Tribunal Federal, ambos integrantes do governo e aliados de Lula. Ao fazer menção a essas figuras, o internauta dá pistas de que o “*ladrão*” a quem ele se refere trata-se de Luiz Inácio Lula da Silva. Assim, a escolha do termo “*ladrão*” em substituição ao nome de Lula, aponta para uma valoração depreciativa diante da figura do atual presidente, remetendo a um contexto que pode estar ligado às acusações de corrupção associadas à imagem do atual presidente, que culminaram em seu julgamento e prisão no dia 7 de abril de 2018, e sua posterior libertação.

A construção discursiva do comentário aponta a incidência de uma voz que compactua/apoia as manifestações noticiadas. A valoração negativa do internauta não recai apenas sobre o atual presidente, mas se estende a outros integrantes do seu governo, além de sua militância, conforme cita o internauta, ou seja, incluindo também todos os que defendem os ideais do atual governo. A recorrência do uso de reticências no comentário aponta para uma suspensão de pensamento, evidenciando que o dito pelo internauta não se encerra no que foi exposto. O comentário do internauta não só reflete uma relação dialógica marcada por uma interlocução direta ao comentário (3.3), como também é constituído por fios discursivos que remetem a acontecimentos anteriores e exteriores a notícia, aos quais o internauta faz alusão, numa tentativa de fortalecer o seu o ponto de vista e vencer os argumentos dos internautas com quem polemiza.

Nesse diálogo com comentários dos perfis do *Instagram*, apresentamos abaixo sequências de comentários coletados do perfil CNN Brasil, a partir da notícia que versa sobre as manifestações de 8 de janeiro de 2023.

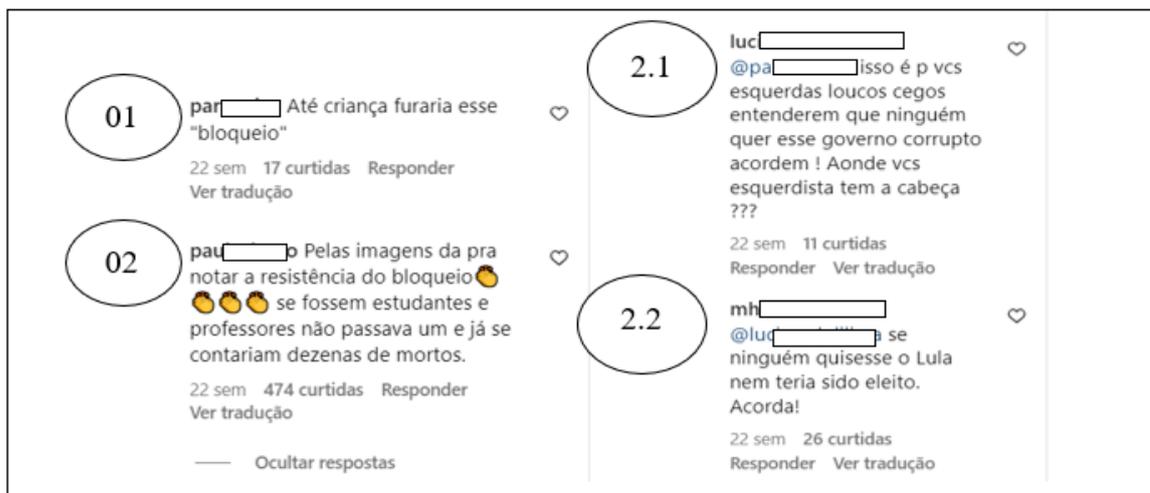
Figura 3 - Captura de tela da notícia postada no perfil da CNN Brasil



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnKfd0gtpX/?hl=pt-br>. Acesso em: 20 de Abr. de 2023

Os dois últimos blocos de seqüências de análises dessa categoria, foram coletados a partir da notícia intitulada “Manifestantes furam bloqueio e invadem Esplanada dos Ministérios”, apresentamos abaixo a primeira seqüência de comentários.

Quadro 3 - Primeiro bloco de comentários – CNN Brasil



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnKfd0gtpX/?hl=pt-br>. Acesso em: 20 de Abr. de 2023

Iniciando análise da primeira seqüência de comentário deste bloco, temos o comentário (01), que se apresenta como uma reação à notícia, tratando-se de um comentário principal que diz: “*Até criança furaria esse "bloqueio"*”. As relações de sentidos só podem ser estabelecidas no comentário a partir da observação deste em uma relação com a notícia, visto que se consti tui

de uma apreciação feita diante que foi exposto pela mídia.

No comentário, o internauta argumenta expondo uma descredibilização da atuação da polícia, tendo em vista que aponta para a fragilidade do bloqueio feito para conter os manifestantes, ao sugerir que ele seria furado até por uma criança. O internauta destaca o termo “*bloqueio*” entre aspas, o que aponta para a expressão de um tom de ironia, de crítica, além de sinalizar um sentido oposto implicitamente. A ironia é vista por Fiorin (2023) como um argumento do tipo falacioso, que diz respeito à descredibilização do adversário, a partir da provocação do riso do auditório. No comentário, o uso das aspas sinaliza a presença da heterogeneidade mostrada marcada, com a utilização de aspas que sinalizam um questionamento ofensivo, que conforme Authier-Revuz (2004), evidencia não só o deslocamento das palavras, mas também marcam uma reação de oposição, de afrontamento em relação dito.

Se alinhando ao posicionamento exposto em (01), o internauta (02) se insere na sequência dizendo: “*Pelas imagens da pra notar a resistência do bloqueio, [...]*”. Assim como no comentário (01), menciona também a resistência do bloqueio, atribuindo também um sentido oposto, que aponta para sua fragilidade, não sendo suficiente para conter os manifestantes. A percepção do internauta é construída a partir do exposto na notícia, nas imagens explicitadas, o que faz com que aspectos da notícia perpassem o comentário do internauta, materializando, assim, uma relação dialógica entre notícia e comentário.

Ao completar seu comentário dizendo: “[...] *se fossem estudantes e professores não passava um e já se contariam dezenas de mortos.*”, o internauta faz um comparativo entre a situação exposta e o cenário hipotético criado por ele, que sugere que se a manifestação envolvesse estudantes e professores, a atuação da polícia seria diferente, mais rígida, resultando até em mortes. A comparação é feita numa tentativa de descredibilizar, bem como criticar a atuação pacífica da polícia frente aos manifestantes. Para Charaudeua (2019), a comparação consiste em um procedimento discursivo, que neste caso, apresenta-se como uma comparação por dessemelhança, ela é utilizada para provar/reforçar a tese do internauta. A suposição apresentada pelo internauta parece ancorar-se em ações passadas, envolvendo confrontos entre estudantes, professores e a polícia. Essa relação com discursos outros anteriores, ou seja, com as ações que em algum momento se sucederam e que constituem a memória do internauta, de acordo com Bakhtin (2016), perpassa o discurso de forma constitutiva.

O internauta (02) desencadeia outros comentários que se constituem como respostas a ele. Esse aspecto responsivo é propiciado pelas características do próprio comentário, que

permite a alternância entre os sujeitos, favorecendo a materialização de relações dialógicas, visto que, para Bakhtin (2016), o falante é um respondente em maior ou menor grau, ou seja, sempre mantém uma relação responsiva diante do outro.

Numa atitude responsiva ao comentário (02), surge o comentário (2.1), dizendo: *“isso é p vcs esquerdas loucos cegos entenderem que ninguém quer esse governo corrupto acordem ! Aonde vcs esquerdista tem a cabeça ???”*. É possível observar que o comentário é perpassado de um tom agressivo e ofensivo, ao dizer: *“isso é p vcs esquerdas loucos cegos entenderem que ninguém quer esse governo corrupto acordem!”*. O internauta expõe em relação a (02) uma reação marcada pelo confronto, ao mesmo tempo, parece se opor a uma ideologia política de esquerda, visto que inclui o internauta (02) no grupo de pessoas de esquerda, ao mesmo tempo, explicita não ser um dos integrantes desse grupo. Desse modo, o internauta lança seu comentário para esse grupo em específico.

O internauta utiliza o termo *“esquerdas”* para se referir aos opositores do ex-presidente, seu uso já denuncia ser um apoiador dos atos de 8 de janeiro de 2023 e também apoiador do ex-presidente, já que parece sugerir que os ataques são direcionados à esquerda. O internauta reforça uma posição ofensiva ao caracterizar os apoiadores da esquerda como *“loucos”* e *“cegos”*, essa valoração pode estar ligada ao fato de o internauta defender uma posição política diferente, fazendo com que ele descredibilize a figura de seus opositores. O emprego de termos como *“esquerdas”*, *“loucos”*, *“cegos”* usados pelo internauta de modo pejorativo denunciam uma tomada de posição, quando colocados em cena, esses termos são revestidos de sentidos específicos, que ajudam a compor o ponto de vista do internauta, demarcando no comentário o apoio a uma ideologia de direita. Para Pereira e Santos (2023), as palavras são perpassadas por um uso intencional, portanto, são usadas para demarcar a posição do falante diante de algo.

O internauta continua o comentário dizendo: *“ninguém quer esse governo corrupto acordem !”* ao dizer isso, ele se refere ao governo atual, ou seja, liderado por Luiz Inácio Lula da Silva, o internauta coloca-se como representante de uma voz coletiva ao explicitar que ninguém quer o governo atual. O internauta ainda caracteriza o governo atual como sendo um *“governo corrupto”*, essa valoração pode estar ligada aos acontecimentos envolvendo o atual presidente, que em determinado momento de sua história política teve seu nome associado a crimes de corrupção. Assim, é possível observar a presença de fios de outros discursos que constituem a memória do internauta, que podem ser percebidos implicitamente, ajudando a construir os sentidos do comentário.

Para concluir o comentário, o internauta diz: *“Aonde vcs esquerdista tem a cabeça ???”*,

Saqueamento, destruição, incêndio...isso é CRIME! Surreal o que estamos assistindo neste país.” Assim, ao dizer: *“Isso não é MANIFESTAÇÃO, é crime!!! Saqueamento, destruição, incêndio...isso é CRIME!”*, o internauta desaprova e repudia o fato de os atos de 8 de janeiro de 2023 serem tratados como manifestação pela notícia. O autor mobiliza os termos *“Saqueamento, destruição, incêndio... isso é CRIME!”* para fortalecer sua valoração negativa, bem como explicitar as ações propagadas durante a manifestação, que para o internauta configuram a incidência de uma atividade criminosa. O uso de reticências no contexto do comentário sugere que as ações criminosas não se esgotam no dito, demonstrando, assim, um elo com os discursos que não foram expostos pelo internauta, mas que são sugeridos.

O comentário é perpassado por uma revolta por parte do internauta, que finaliza seu comentário dizendo: *“Surreal o que estamos assistindo neste país.”* o que evidencia uma descrença em relação aos atos expostos na notícia acerca da manifestação, sugerindo trata-se de algo absurdo. No comentário, é possível perceber a recorrência de caixa alta nas palavras *“MANIFESTAÇÃO”* e *“CRIME”* contribuindo para chamar a atenção do leitor. Além disso, no contexto do comentário, essas palavras em destaque contribuem para a expressão de um ponto de vista marcado por uma valoração negativa, evidenciando um contraste entre a negação de que o ato de 8 de janeiro de 2023 seja uma manifestação e o esclarecimento do que para o internauta configura um crime.

O comentário (3.1) se insere na sequência assumindo uma posição responsiva ao comentário (03), dizendo: *“a esquerda infiltrada, eles são os terroristas. Modus operandi deles. Eles infiltram gente deles para causar esse caos e deslegitimar as manifestações. O Brasil não pode aceitar essa quadrilha tomar o país de assalto.”*. Ao dizer *“a esquerda infiltrada, eles são os terroristas. Modus operandi deles. [...]”* o internauta sugere a existência de indivíduos infiltrados dos partidos da esquerda nas manifestações, aos quais ele caracteriza como *“terroristas”*, e os acusa de tentar instaurar *“esse caos e deslegitimar as manifestações”*. O dito pelo internauta parece culpabilizar a esquerda pelos atos de vandalismo protagonizados na notícia, retirando dos manifestantes favoráveis aos ideais políticos de direita ou apoiadores do ex-presidente a culpa das ações explicitadas pelo internauta (03) e pela notícia, embora as manifestações tenham sido protagonizadas por manifestantes insatisfeitos com o resultado das eleições. O termo *“Modus operandi”* empregado pelo internauta sugere a ideia de que a prática de atos terroristas é uma conduta comum dos integrantes da esquerda.

Assim, ao caracterizar a esquerda como: *“esquerda infiltrada”*, *“terroristas”*, *“quadrilha”*, o internauta evidencia uma valoração perpassada por um teor de desqualificação,

de crítica à esquerda e aos que compartilham dos seus ideais. O uso desses termos intencionalmente pelo internauta, em um contexto de discussão política em que posições ideológicas de esquerda e direita estão em jogo, acabam por denunciar uma tomada de posição que fazem supor um apoio à ideologia de direita e um distanciamento da ideologia de esquerda por parte do internauta. Para Bobbio (1909), esquerda e direita configuram-se como termos antitéticos, designando um contraste entre ideologias.

O internauta finaliza seu comentário dizendo: “*O Brasil não pode aceitar essa quadrilha tomar o país de assalto.*”, reafirmando sua insatisfação com o resultado das eleições, demonstrando não aceitá-lo, além de demonstrar ser contrário à ideia do atual presidente e os integrantes do seu governo estarem no poder. A valoração apresentada pelo internauta estabelece um elo com o passado, ou seja, com outros acontecimentos aos quais ele teve acesso e que ajudaram a formular seu ponto de vista, como, por exemplo, os escândalos de corrupção envolvendo o atual presidente em governos anteriores, que podem justificar o uso intencional da expressão “*essa quadrilha*”, em um tom de desprezo, de desqualificação ao se referir ao atual governo e seus integrantes.

Ao afirmar que o Brasil não pode aceitar essa quadrilha, o internauta parece colocar-se como um porta-voz, como se estivesse falando em nome de toda a população brasileira, ignorando o resultado das eleições enquanto vontade da população. Nesse sentido, o internauta mostra-se alinhado aos discursos daqueles que protagonizaram os atos explicitados na notícia, protestando contra o resultado das urnas, o que aponta para uma atitude de apoio à manifestação, por expor uma tentativa de defender os manifestantes aliados ao ex-presidente.

Assim como em (03), o internauta (04) se insere na sequência assumindo o lugar de um enunciado primeiro, que reage diretamente à notícia dizendo: “*#FORAPT #FORALULA #forastfvergonhanacional RECONSTITUIÇÃO DOS 3 PODERES JA BR Deus Patria família e Liberdade BR O líder dos brasileiros é Jesus 🙏*”. É possível observar logo no início do comentário a utilização das seguintes *hashtags*: “*#FORAPT #FORALULA #forastfvergonhanacional*”, ao evidenciar essas *hashtags* o internauta evidencia sua oposição, expressando uma voz política que enuncia a partir da reivindicação da saída do PT (Partido dos Trabalhadores), do atual presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva e do Supremo Tribunal Federal, demonstrando uma insatisfação com essas figuras/instituições mencionadas. É possível perceber, a partir do dito pelo internauta a exposição de um ponto de vista marcado por uma ideologia política que se coloca em oposição à esquerda, partido do qual Lula faz parte, nesse sentido, para Bobbio (1909), a relação entre

esquerda e direita é excludente, o apoio de uma constitui a exclusão de outra, ou vice-versa. Desse modo, o ataque a Lula, enquanto integrante de uma posição de esquerda, pode significar o apoio à direita por parte do internauta.

O uso das *hashtags* é algo bastante comum em redes sociais como *Instagram* e *Twitter*, elas são constituídas por palavras-chave antecedidas pelo símbolo “#”, sendo usadas para conectar discursos nas redes sociais, ou seja, ao serem publicadas transformam-se no que Paveau (2021) chamada de a *tag* clicável, ou seja, em hiperlinks que levam o leitor a outras páginas com enunciados/postagens que seguem o mesmo tema. Assim, no contexto do comentário *online*, as *hashtags* se assemelham a recursos usados no comentário-link, que, de acordo com Paveau (2021), é constituído a partir da publicação de um *link* que ao clicar, leva a outros discursos.

O internauta ainda menciona a: “*RECONSTITUIÇÃO DOS 3 PODERES JA BR*”, ou seja, se referindo aos poderes executivo, legislativo e o judiciário, sugerindo sua reconstrução, o que aponta para uma valoração crítica, uma insatisfação em relação ao modo como esses poderes vêm atuando.

Ao dizer “*Deus Patria família e Liberdade*” o internauta estabelece uma relação implícita com outros fios discursivos, visto que esses termos fazem alusão à expressão que ficou bastante conhecida/propagada durante o governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Seu uso dá pistas acerca do ponto de vista político e ideológico seguido pelo internauta, que parece assemelhar-se aos ideais políticos daqueles que apoiam o ex-presidente. O internauta finaliza seu comentário dizendo: “*O líder dos brasileiros é Jesus* ”, ou seja, ele mobiliza uma voz religiosa, colocando “*Jesus*” como representante/líder dos brasileiros de modo geral, expressando um pensamento conservador, ao colocar essa figura religiosa como centro de tudo.

Apesar de responder à notícia, o internauta (04) não cita em nenhum momento as manifestações de 8 de janeiro de 2023, propagando um rumo diferente das discussões anteriormente propostas. A partir do comentário (04) os sentidos vão sendo atualizados, conforme se observa em (4.1), que ao replicar o comentário (04) diz: “*kkkkkkkkkkkkkkk vai lá pedir pro teu Deus fazer alguma coisa*”, assim, o internauta estabelece com o comentário anterior uma tomada de posição marcada pelo deboche, que se evidencia quando o internauta faz uso da letra “k” repetidas vezes, explicitando não só o riso, mas também a ocorrência de um tom irônico.

O internauta incorpora o discurso do internauta anterior em seu comentário, apresentando uma valoração oposta, dizendo: “*vai lá pedir pro teu Deus fazer alguma coisa*”,

ou seja, ele parece se distanciar da figura religiosa citada por (04), já que diz “*teu Deus*”, o que nos faz inferir que o internauta não se sente representado pela entidade religiosa apontada por (04).

O internauta que tece o comentário (04) se insere novamente na sequência replicando e polemizando com (4.1), tecendo o comentário (4.2) que diz: “@ *sai pra lá coisa ruim, ateu*”, é possível observar que ele não menciona diretamente o internauta anterior, entretanto, a sua construção linguística aponta para uma ligação do comentário com o dito anteriormente. O comentário veicula uma desqualificação da figura do internauta anterior ao se reportar a ele como “*coisa ruim*”, essa valoração é uma reação a atitude de deboche e o distanciamento da figura de Deus estabelecida no comentário (4.1), fazendo com que o internauta em questão se reporte ao internauta (4.1) como: “*ateu*”, ou seja, aquele que não acredita na existência de Deus.

Nesse contexto, é possível observar que os fios discursivos do comentário (4.1) ecoam no comentário (4.2), marcando, assim, uma relação dialógica interlocutiva. A ocorrência de comentários do mesmo internauta em dois momentos, evidencia as características do próprio gênero, que é constituído por interações diversas, ficando os sentidos sob a responsabilidade dos internautas que decidem comentar.

De modo geral, nos comentários analisados nesta primeira categoria, é possível verificar a ocorrência de uma dinamicidade, o texto fonte se constituiu como um ponto de partida para as interações dos internautas, entretanto, os comentários não se limitaram apenas às discussões levantadas por ele. Os comentários apresentam-se discursivamente, atuando, de acordo com Paveau (2021), na ampliação, os sentidos do texto primeiro, mobilizando diferentes assuntos no espaço destinado à interação. É possível perceber uma diferença sutil entre os posicionamentos adotados por cada internauta a depender do portal seguido. Assim, os comentários do perfil Carta Capital tendem para uma maior aproximação em relação a uma ideologia de esquerda, já que estes em sua maioria se colocam em uma posição de descredibilização diante da atuação dos manifestantes que protagonizaram as ações do dia 8 de janeiro de 2023. Já nos comentários do perfil CNN Brasil, em sua maioria, é possível a percepção da adoção de posicionamentos explícitos que se mostram contrários à ideologia de esquerda, já que os internautas se referem aos apoiadores da esquerda de modo pejorativo. De modo geral, os comentários evidenciam uma polarização de ideologias políticas tanto de esquerda como de direita.

Outro aspecto a ser observado é a forma com que os perfis de notícias constroem suas manchetes. Na notícia postada pelo perfil Carta Capital, o termo “Bolsonaristas” é usado para

se referir aos protagonistas dos atos de 8 de janeiro de 2023. Já o perfil CNN Brasil se reporta aos protagonistas da manifestação como “Manifestantes”. A escolha desses termos aponta para uma possível tomada de posição por parte de cada perfil de notícia. Bakhtin (2016) afirma que as palavras são sempre perpassadas por um valor, nesse sentido, no contexto da vida social as palavras são atravessadas por entonações, por juízos de valor. Assim, a Carta Capital parece culpabilizar os apoiadores do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro pelos atos noticiados, já o perfil CNN Brasil opta por não os responsabilizar. Pode-se afirmar que o uso desses termos pelos perfis já evidencia a expressão das ideologias seguidas por cada portal, tendo em vista que, para Volóchinov (2018), o uso da linguagem já resulta em uma tomada de posição ideológica.

Nos comentários, não são estabelecidas de forma recorrente fronteiras linguísticas entre o discurso do internauta e o discurso outro, marcando, assim, a presença da heterogeneidade mostrada não marcada, as relações com o outro não são postas linguisticamente, mas sim a partir de alusões que os internautas fazem a outros discursos, permitindo que seus sentidos sejam resgatados pelo leitor, além do uso constante da ironia. O outro marcado linguisticamente só é evidenciado nos comentários a partir do uso das aspas, que são postas, seja para expor marcadamente o discurso outro, ou ainda para marcar um dizer contrário ao que está posto, caracterizando, assim, a presença da heterogeneidade mostrada marcada.

Considerando ainda a análise dos comentários *online* no âmbito jornalístico-midiático, apresentamos abaixo as análises da segunda categoria, pela qual observamos o dissenso nos comentários.

6.4 Argumentação polêmica: o dissenso no gênero comentário *online*

Nesta seção, serão observadas as formas com que os internautas interagem entre si no gênero comentário *online*, visando perceber a incidência de aspectos da argumentação polêmica, o confronto de opiniões que fazem com que os internautas explicitem comentários marcados pelo dissenso. Para alcançar o objetivo proposto, serão mobilizadas teorias que tratam da argumentação e da polêmica no discurso. Nesse sentido, essa categoria contempla comentários de manchetes que têm como temática: Visita do presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, ao Brasil, separamos os comentários em quatro blocos, os dois primeiros dizem respeito a comentários do perfil de notícias Carta Capital, já os dois últimos, dizem respeito a de comentários do perfil CNN Brasil. Os comentários analisados nessa categoria totalizam 19.

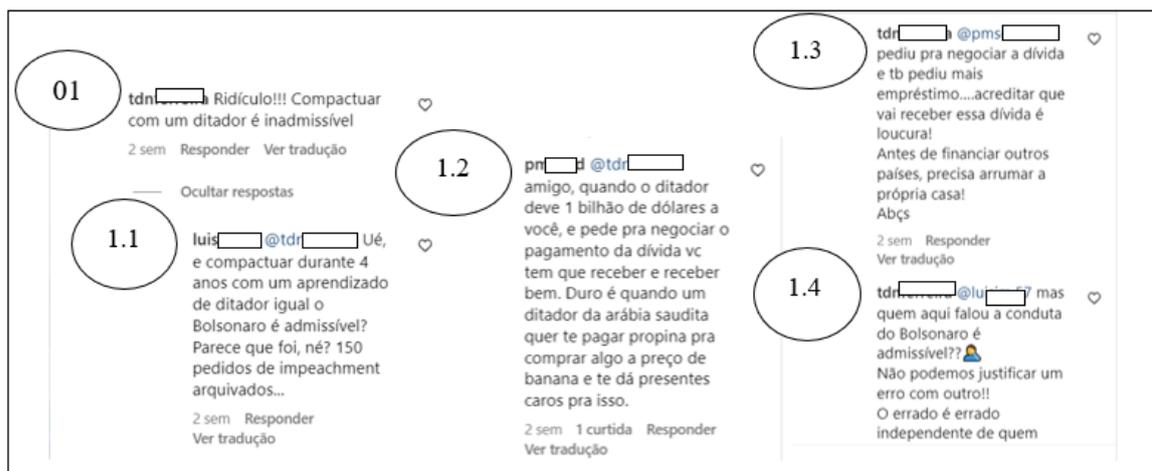
Figura 4 - Captura de tela da notícia - Carta Capital



Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cs_lityzSvyi/?hl=pt-br. Acesso em: 16 de Jun.de 2023

Os dois primeiros blocos de sequências constituem-se comentários coletados da notícia intitulada: “Que nunca mais fechem as portas entre Brasil e Venezuela”, diz Maduro após encontro com Lula”, a primeira sequência de análise é apresentada abaixo.

Quadro 5 - Primeiro bloco de comentários - Carta Capital



Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cs_lityzSvyi/?hl=pt-br. Acesso em: 16 de Jun.de 2023

Observando a primeira sequência de comentários, nota-se a encenação de uma dicotomização por parte dos internautas, que usam o espaço do comentário principal para inserir-se em um debate marcado pela ancoragem em polos opostos.

O comentário do internauta (01), que inicia a sequência respondendo à notícia, expõe a seguinte reação: “*Ridículo!!! Compactuar com um ditador é inadmissível*”, a partir dessa materialidade, é possível perceber que a notícia desperta no internauta uma reação marcada por

uma atitude argumentativa que denota indignação. Ao utilizar-se do termo “*Ridículo!!!*”, o internauta reveste seu comentário de uma expressão emotiva que demonstra um descontentamento, uma entonação negativa, que é reforçada pelo uso exagerado de exclamações.

Ao dizer “[...] *Compactuar com um ditador é inadmissível*”, o internauta expõe um julgamento baseado no evento político exposto na notícia, em que a relação entre Luiz Inácio Lula da Silva e Nicolás Maduro é interpretada por ele como uma atitude que denota apoio à ditadura venezuelana. Essa relação é julgada pelo internauta como “*inadmissível*”, que transparece a não aceitação.

O termo “*ditador*” parece ter sido usado para se referir a Maduro, o que aponta para uma manifestação de desprezo do internauta frente à sua figura, a valoração do internauta é um reflexo de informações veiculadas pela mídia as quais ele teve acesso, se alinhando aos discursos que criticam a posição de Maduro enquanto presidente da Venezuela, tido como responsável por instaurar em seu país uma ditadura.

Ao tecer um comentário no espaço logo abaixo da notícia, o internauta autoriza sua publicação, bem como autoriza que ele seja replicado, polemizado, contra-argumentado por outros internautas. Nesse sentido, as sequências de comentários vão sendo constituídas e alimentadas por diferentes fios discursivos, que revelam posições formadas por pontos de vista que abrem espaço para a incidência da polêmica. Charaudeau (2019), ao discorrer sobre as posições ocupadas pelos sujeitos no plano discursivo, ressalta que essas posições podem ser em relação à proposta, ao emissor da proposta ou ainda em relação à própria argumentação.

Nessa perspectiva, dando início a um diálogo, o internauta (1.1) se insere na sequência respondendo ao comentário do internauta (01), assumindo diante dele o papel de Oponente. O Oponente é visto por Amossy (2017) como aquele que se coloca contrário a uma tese, nesse contexto, o comentário marca uma polarização em relação ao dito por (01), exposta a partir do seguinte enunciado: “*Ué, e compactuar durante 4 anos com um aprendizado de ditador igual o Bolsonaro é admissível? [...]*”. O uso do “*Ué*” logo no início do comentário denota uma expressão de surpresa, de questionamento. Logo em seguida, expressa-se uma situação de contraste, materializada por uma indagação revestida de afirmação, que diz: “*e compactuar durante 4 anos com um aprendizado de ditador igual o Bolsonaro é admissível? [...]*”. Nesse sentido, o ataque ao internauta (01) se dá a partir do ato de sugerir que ele seja um apoiador do ex-presidente, aspecto reforçado quando o internauta diz: “*Parece que foi, né?*”, denotando um tom irônico, que questiona, ao mesmo tempo, afirma o apoio de (01) ao ex-presidente. No

comentário em questão, o internauta manifesta diante de (01) uma argumentação polêmica, tendo em vista que se observa a exposição do argumento definido por Fiorin (2023) como uma distorção do ponto de vista ou argumento do espantalho, que consiste na distorção da argumentação do outro.

Ao se reportar a Jair Messias Bolsonaro como “*aprendiz de ditador*”, o internauta deixa implícito uma possível relação de Bolsonaro com a ditadura. Ao fazer essa relação, o internauta apresenta uma valoração negativa frente ao governo de Jair Messias Bolsonaro, reforçado quando diz: “*150 pedidos de impeachment arquivados...*”. Ele retoma o contexto de denúncias sofridas pelo governo anterior, numa tentativa de reforçar a coerência do seu ponto de vista. O comentário não só polemiza com o internauta anterior, como também expressa a subjetividade do internauta que, ao citar o governo de Jair Messias Bolsonaro, expõe um posicionamento que acusa, bem como o descredibiliza.

No comentário (1.2), o internauta diz: “*Amigo, quando o ditador deve 1 bilhão de dólares a você, e pede pra negociar o pagamento da dívida vc tem que receber e receber bem. Duro é quando um ditador da arábia saudita quer te pagar propina pra comprar algo a preço de banana e te dá presentes caros pra isso.*”. Em uma relação interlocutiva, o internauta (1.2), assim como em (1.1) replica o comentário (01), assumindo igualmente o papel de Oponente. O direcionamento ao outro é evidenciado a partir do recurso de menção do nome, como também pelo uso do vocativo “*amigo*”, que pode ser vista como uma estratégia de aproximação, uma tentativa de manter o diálogo com o internauta anterior, ainda pode expressar o deboche em relação a esse internauta.

O internauta resgata outros acontecimentos que já foram materializados pela mídia, como a alusão à dívida de 1 bilhão de dólares da Venezuela com o Brasil²⁷. Essa alusão é feita para reforçar os argumentos do internauta, que se empenha em defender que a visita de Maduro ao Brasil, bem como a recepção feita pelo presidente, se trata de um pedido de negociação do pagamento da dívida.

Em uma relação de contraste, o internauta apresenta uma outra situação, que pode ser vista como uma estratégia argumentativa para contraditar com o comentário (01), bem como instaurar diante dele a interação marcada por um fundo polêmico, dizendo: “[...] *Duro é quando um ditador da arábia saudita quer te pagar propina pra comprar algo a preço de banana e te dá presentes caros pra isso*”. Ao mencionar o ditador da Arábia Saudita, o internauta faz alusão

²⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/05/29/divida-da-venezuela-com-o-brasil-e-de-us-127-bilhao-informa-ministerio.ghtml>. Acesso em 20 de Jul. de 2023.

a acontecimentos noticiados pela mídia acerca das joias que Jair Messias Bolsonaro supostamente ganhou do príncipe representante da Arábia Saudita²⁸, tido pela mídia como um ditador. Parte dessas joias foram apreendidas pela Receita Federal por não terem seu valor declarado corretamente. O recebimento das joias é visto pelo internauta como propina em troca da compra de “*algo a preço de banana*”, ditado popular que faz referência a algo com baixo preço. O internauta mantém um elo com esses acontecimentos, transpondo para seu comentário numa tentativa de fomentar seu argumento e de desqualificar a figura do ex-presidente, ao relacioná-lo também à figura de um “*ditador*”.

Nesse sentido, é possível notar no comentário traços do que Amossy (2017) chama de dialogismo conflituoso, que pode ser percebido a partir das alusões feitas pelo internauta, bem como da interlocução direta ao comentário (01), marcando, assim, a indecência da polêmica no comentário.

A interação polêmica que marca o comentário (1.2) também se materializa nos comentários (1.3) e (1.4). Essa interação é caracterizada por Amossy (2017) como a materialização de uma situação dialogal em que dois indivíduos ou mais discutem, travando uma luta em que um tenta vencer os argumentos do outro. Nesse sentido, intensificando a interação polêmica, o internauta (01) se insere novamente na sequência, materializando os comentários (1.3) e (1.4), em resposta a (1.1) e (1.2), assumindo, assim, uma posição que demarca uma contra-argumentação ao dito por esses internautas. Essa possibilidade de inserção de comentários do mesmo internauta repetidas vezes no gênero reflete sua própria construção interativa, enquanto espaço de expressão, conforme pontua Pereira e Serra (2023, p. 82) “Por meio da materialidade do gênero, são possibilitados inúmeros diálogos entre internautas, que conversam entre si como se estivessem inseridos em uma conversa cotidiana, face a face”.

Assim, em uma interação interlocutiva com (1.2), o comentário (1.3) é tecido: “*pediu pra negociar a dívida e tb pediu mais empréstimo....acreditar que vai receber essa dívida é loucura! Antes de financiar outros países, precisa arrumar a própria casa! Abçs*”. Nesse contexto, ao mencionar: “*pediu pra negociar a dívida*”. Nele o internauta recupera o argumento de (1.2), incorporando os sentidos do dito por ele em seu comentário, citando o dito a partir de um discurso indireto, que para Authier-Revuz (2004), configura-se como uma forma de heterogeneidade mostrada, em que o locutor mobiliza o discurso outro, apresentado a partir das palavras desse locutor, que atua como um tradutor. O internauta

²⁸ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/04/caso-joias-itens-recebidos-por-bolsonaro-da-arabia-saudita-ja-somam-aproximadamente-r-195-milhoes.ghtml>. Acesso em: 16 de jan. de 2024.

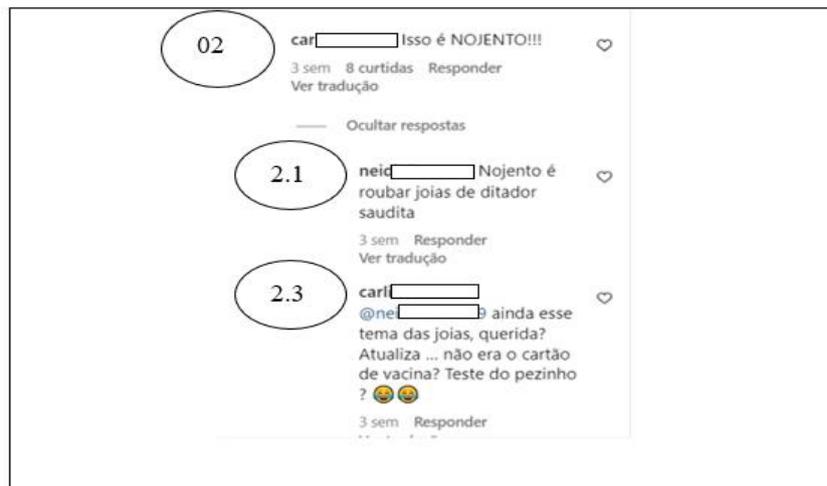
completa seu raciocínio dizendo: *“e tb pediu mais empréstimo....”*. Desse modo, ele reformula o argumento de (1.2), a partir de uma nova valoração, acrescentando informações na tentativa de invalidar e sugerir que Maduro pediu outro empréstimo.

O internauta continua dizendo: *“acreditar que vai receber essa dívida é loucura!”*, ao fazer essa afirmação, ele manifesta uma relação de descrença de que a dívida será paga, invalidando o dito por (1.2), o caracterizando como louco por acreditar no pagamento da dívida. O internauta completa seu comentário argumentando em favor de *“arrumar a própria casa! Abçs.”*, ou seja, arrumar o Brasil, antes de financiar os outros países. Ao finalizar seu comentário utilizando o termo *“Abçs”*, o internauta simula um cumprimento/despedida, sugerindo o encerramento do diálogo com (1.2), evidenciando a falta de vontade em continuar o diálogo.

Ao continuar a sequência respondendo a (1.1), o internauta (01) materializa o comentário (1.4) dizendo: *“mas quem aqui falou a conduta de Bolsonaro é admissível?? Não podemos justificar um erro com outro!! O errado é errado independente de quem cometa o erro! Abçs”*. Assim, em um primeiro momento, o internauta retoma o dito pelo internauta (1.1), recuperando seus sentidos, se utilizando do próprio argumento dele para objetá-lo, contra-argumentar com ele, o questionando, como se esperasse dele argumentos que provassem o dito anteriormente, ao mesmo tempo, o internauta deixa claro que não considera a conduta de Jair Messias Bolsonaro admissível.

A argumentação do internauta aponta para uma atitude de defesa de si, de uma tentativa de desvincular-se de Jair Messias Bolsonaro, negando o apontado por (1.3). Além disso, o internauta aponta para a adoção de uma atitude ética, ao sugerir que não se pode justificar um erro com outro, e ainda diz: *“O errado é errado independente de quem cometa o erro! Abçs”*. Sugerindo que o erro deve ser julgado por si só, sem considerar quem os cometeu.

Quadro 6 - Segundo bloco de comentários - Carta Capital



Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cs_lityzSvyi/?hl=pt-br. Acesso em: 16 de Jun.de 2023

Iniciando a sequência, o internauta (02) diz: “*Isso é NOJENTO!!!*”, explicitando uma reação negativa frente ao dito na notícia, sua retomada pode ser percebida quando o internauta diz: “*Isso*”, estabelecendo uma relação dialógica com o dito na notícia, caracterizando-a como “*NOJENTO*” a visita de Maduro ao Brasil e o modo com que este foi recepcionado pelo atual presidente. As escolhas linguísticas feitas pelo internauta apontam para a expressão de uma voz que refuta o dito na notícia, bem como expressam um tom de desprezo em relação aos fatos noticiados. Isso pode ser evidenciado a partir do destaque dado à palavra “*NOJENTO*”, cuja exibição em caixa alta enfatiza a valoração negativa por parte do internauta.

A compreensão do comentário só é possível a partir do estabelecimento de um elo entre o comentário e a notícia, caso contrário, prevalece a impossibilidade de retomada dos sentidos, ocasionando sua incompreensão, visto que ao ser observado fora do contexto, poderiam surgir os seguintes questionamentos: “Isso o quê? O que é NOJENTO” ?.

Mantendo uma relação dialógica interlocutiva, o internauta (2.1) se insere na sequência, retomando o comentário (02) dizendo: “*Nojento é roubar joias de ditador saudita*”, mantendo com (02) um embate marcado por uma interação polêmica, já que os pontos de vista se opõem. Ao recuperar os sentidos da palavra “*Nojento*”, o internauta a incorpora em seu enunciado uma tentativa de contra-argumentar com (02), nessa retomada do dizer do outro, evidencia-se a polêmica, tendo em vista que para Amossy (2017), a polêmica constitui-se como um contradiscurso que se centra na refutação e no descrédito, em que a fala do outro aparece para contrariá-lo. Assim, a palavra “*Nojento*” passa a ser empregada em uma nova situação. Essa

propriedade da palavra de poder passar de um contexto a outro é evidenciada por Volóchinov (2018), que a concebe enquanto signo linguístico que acompanha todas as interações e é preenchida de sentidos a cada vez em que é usada. Mais uma vez, o contexto das joias da Arábia Saudita que teriam sido recebidas por Jair Messias Bolsonaro, ao fazer alusão a esse contexto, o internauta expõe uma semelhança de pontos de vista com o internauta (1.1), situado na sequência anterior.

Na sequência, (02) se insere novamente na discussão, intensifica o embate e materializando o comentário (2.2), ele responde ao comentário (2.1), explicitando um contra-argumento que diz: “*ainda esse tema das joias, querida? Atualiza ... não era o cartão de vacina? Teste do pezinho ? 🤔🤔*”. Assim, ao iniciar seu comentário dizendo: “*ainda esse tema das joias, querida? Atualiza ...*” o internauta retoma o dito no comentário anterior, em uma atitude que demarca uma descredibilização do argumento exposto, sugerindo que o tema envolvendo as joias já se constitui como algo ultrapassado.

Nesse contexto, o internauta do comentário (2.2) mobiliza em seu comentário outros acontecimentos associados à imagem de Jair Messias Bolsonaro, retomados com o intuito de atualizar os argumentos de (2.1), bem como de polemizar com ele, além de sugerir uma mudança de foco na interação, assim, ao dizer: “*não era o cartão de vacina?*”, o internauta faz uma alusão ao contexto de apreensão do cartão de vacina por suspeitas de fraude dos dados da vacinação contra a Covid-19²⁹. As indagações a (2.1) marcam um confronto, em que o internauta anterior é chamado para um novo embate. O tom de deboche é reforçado quando o internauta finaliza seu comentário dizendo: “*Teste do pezinho ? 🤔🤔*”, deixando em aberto a indagação, bem como utilizando *emoticons* com uma carinha e lágrimas de risos que sugerem um tom de deboche.

A interação nos três comentários analisados é marcada tanto pela retomada da notícia acerca da recepção de Maduro pelo presidente Lula, como também é marcada pela retomada por outros acontecimentos noticiados anteriormente pela mídia, como, por exemplo, a relação do ex-presidente com o representante da Arábia Saudita, fato já mencionado em outros comentários. A citação frequente a esse contexto pode estar relacionada à uma atitude de apontar também o envolvimento do ex-presidente com um alguém visto pelos internautas como ditador, o que parece apontar para a incidência do argumento *argumentum ad hominem*, que de acordo com Fiorin (2023), ocorre quando se ataca o outro por meio da explicitação de

²⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/05/03/ex-ajudante-de-ordens-de-bolsonaro-e-presos-pela-pf.ghtml>. Acesso em 25 de Ago. de 2023.

contradições seu dizer. Essas retomadas são utilizadas pelos internautas como provas que fundamentam o ataque ao outro. Nesse sentido, é possível notar a influência da mídia nos comentários. Para Ramonet (2013), a mídia ocupa um importante papel nessas construções polêmicas, tendo em vista que, ela atua manuseando as informações, fazendo com que os sujeitos acreditem/defendam o que é veiculado. Da mesma forma, Amossy (2017) ressalta o papel do jornal na construção polêmica, sendo o responsável por incitar a polêmica a partir da veiculação de informações, motivando os internautas a aderirem a uma posição diante do dito, escolhendo que ponto de vista defender.

Nas análises que seguem abaixo, apresentamos os comentários coletados do perfil do *Instagram* da página CNN Brasil.

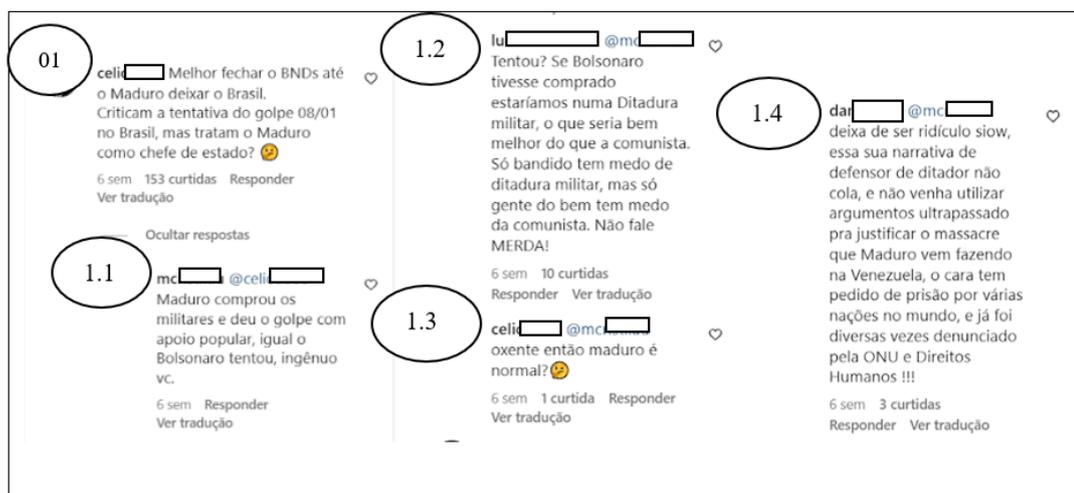
Figura 5 - Captura de tela da notícia postada no perfil da CNN Brasil



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cs1gSQcLDI0/?hl=pt-br>. Acesso em: 16 de Jun. de 2023

Os comentários que seguem tratam-se da manchete intitulada: “Lula critica “preconceito contra Venezuela” e considera “histórica” visita de Maduro”. Seque abaixo a primeira sequência de análise.

Quadro 7 - Primeiro bloco de comentários – CNN Brasil



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cs1gSQcLDlo/?hl=pt-br>. Acesso em: 16 de Jun. de 2023

O bloco de que trata esta sequência constitui-se de comentários que polemizam entre si, tendo como ponto de partida um comentário principal que abre um embate entre outros internautas. Assim, o internauta (01) inicia a sequência de comentários manifestando a seguinte reação: “*Melhor fechar o BNDs até o Maduro deixar o Brasil. Criticam a tentativa do golpe 08/01 no Brasil, mas tratam o Maduro como chefe de estado? 🤔*”. Ao dizer “*Melhor fechar o BNDs até o Maduro deixar o Brasil.*”, a materialidade linguística do comentário aponta para a retomada de outros contextos, desse modo, ao citar a sigla BNDs, o internauta se reporta ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, retomando o contexto da dívida da Venezuela com o Brasil, oriunda de financiamentos de obras no país, a partir de operações de exportação de serviços. Ao expor o argumento de que seria melhor fechar o banco enquanto Maduro estiver no Brasil, o internauta parece explicitar um tom de deboche e, ao mesmo tempo, de crítica, sugerindo que Maduro pode conseguir outro empréstimo. O internauta parece descredibilizar a visita de Maduro ao Brasil, bem como denuncia um ponto de vista contrário à sua figura.

O internauta retoma ainda o contexto das manifestações de 8 de janeiro quando diz: “*Criticam a tentativa do golpe 08/01 no Brasil, mas tratam o Maduro como chefe de estado? 🤔*”. Observa-se que, em seu argumento, o internauta expõe essas situações numa tentativa de fazer um comparativo, uma crítica ao tratamento diferenciado em relação às duas situações, já que os atos de 8 de janeiro são vistos pelo governo atual como golpe, levantando, assim, o contexto das investigações contra os envolvidos, em contraposição, à recepção de Maduro, visto

como chefe de estado, embora seja reconhecido por muitos como um ditador. Ou seja, é possível perceber o conflito envolvendo as duas situações expostas pelo internauta, o que faz inferir que, para ele, Maduro é tratado com apoio, sua visita deveria ser repudiada, da mesma forma que as manifestações de 8 de janeiro.

O internauta abre espaço à polemização, visto que a comparação é feita em forma de questionamento, mobilizando, assim, um terceiro, deixando em aberto para aderência de seu ponto de vista por outros internautas, nesse contexto, materializando a expectativa de uma atitude responsiva, característica de que marca o uso da linguagem, conforme pontuado por Bakhtin (2016). A exposição do *emoticon* que remete a uma carinha com a mão no queixo, simulando um *status* de dúvida, fortalece a materialização do questionamento, bem como contribui para a construção de sentidos do comentário.

O comentário (01), por responder diretamente à notícia, é visto como um enunciado principal, replicado por outros internautas como (1.1), que diz: *“Maduro comprou os militares e deu o golpe com apoio popular, igual o Bolsonaro tentou, ingênuo vc.”*. Nesse sentido, esse internauta explicita a defesa de um ponto de vista contrário a (01), visto que ele refuta seus argumentos, ao fazer uma comparação entre o governo de Maduro, retomando seu contexto, numa tentativa de explicar os passos da ditadura imposta por ele, que segundo o internauta, se deu a partir da compra dos militares e do apoio popular. Além disso, o internauta retoma o contexto do governo de Jair Messias Bolsonaro, o acusando de intentar o mesmo, ao tentar impor uma ditadura a partir do apoio dos militares. O internauta retoma ambos os contextos citados, fazendo uma relação entre eles, apontando para semelhanças no modo de agir, esse argumento é levantado numa tentativa de minimizar o dito por (01).

O internauta (1.2) se insere na sequência confrontando (1.1), dizendo: *“Tentou? Se Bolsonaro tivesse comprado estaríamos numa Ditadura militar, o que seria bem melhor do que a comunista. Só bandido tem medo de ditadura militar, mas só gente do bem tem medo da comunista. Não fale MERDA!”*. Nessa interação interlocutiva, o internauta, ao iniciar seu comentário, mobiliza o seguinte questionamento: *“Tentou?”* sinalizando a retomada de algo já dito anteriormente, esse questionamento pode ser visto como uma atitude de refutação ao dito por (1.1), além de sinalizar uma valoração oposta e o início de um diálogo com interlocutor definido, ou seja, com um direcionamento específico ao internauta (1.1), adotando uma posição de Oponente.

O argumento do internauta se concentra em apagar ou descredibilizar o dito por (1.1), materializando o que Fiorin (2023) chama de *argumentum ad hominem*, que atua no

apontamento de contradições entre o discurso do oponente e os pontos de vista passados, ou seja, o já dito. Para Amossy (2020), esse argumento atua sobre a imagem do *ethos* do adversário, promovendo o ataque. Nesse sentido, o internauta argumenta: “[...] *Se Bolsonaro tivesse comprado estaríamos numa Ditadura militar, o que seria bem melhor do que a comunista.*” [...], sua tese defende que Jair Messias Bolsonaro não comprou os *militares*, conforme pontuado por (1.1), mas se tivesse o feito, o resultado seria uma ditadura militar, que em comparação a uma ditadura comunista, seria melhor, ou seja, o internauta se colocando em defesa de uma ditadura militar.

Simultaneamente, o internauta diz: “[...] *Só bandido tem medo de ditadura militar, mas só gente do bem tem medo da comunista. Não fale MERDA!*”, assim, o internauta desqualifica a figura de todos os que têm medo de ditadura militar, caracterizando-os como bandidos, de modo contrário, caracteriza como pessoas do bem, aqueles que têm medo de uma ditadura comunista. Nesse sentido, a relação de contraste entre a defesa de uma ditadura militar e a desqualificação de uma ditadura comunista, coloca em cena uma apreciação que reverbera um ponto de vista que transparece o apoio a uma ideologia de direita, em contraste com uma ideologia de esquerda. Para Bobbio (1909), a esquerda e a direita constituem uma relação oposta e excludente, em que o apoio a uma posição ideológica significa o desprezo a outra. Nesse sentido, a relação de desprezo é fortemente explicitada no comentário.

O internauta faz escolhas linguísticas em busca de desqualificar o dito por (1.1), visto que finaliza seu comentário dizendo “*Não fale MERDA*”, a palavra “*MERDA*” é utilizada em caixa alta, o que demarca a chamada de atenção para o dito, nesse sentido, descredibilizando o dito em (1.1).

O internauta (01) se insere na sequência novamente, materializando o comentário (1.3), dizendo: “*oxente então maduro é normal? 😏*”, novamente o internauta faz uma indagação, numa tentativa de para polemizar com (1.1), o uso do *emoticon* 😏 reforça a expressão de indagação. Ao questionar se Maduro é normal, o internauta recupera o dito por (1.1), que em seu argumento, colocou Maduro e Jair Messias Bolsonaro no mesmo patamar, ou seja, de ditadores, nesse sentido, a indagação do internauta expõe implicitamente um desacordo frente ao dito em (1.1). O internauta lança o questionamento deixando em aberto, levantando, assim, a possibilidade de embate, de aderência por parte do internauta por ele polemizado.

O comentário seguinte (1.4) se insere na sequência replicando o comentário (1.1), expressando: “*deixa de ser ridículo siow, essa sua narrativa de defensor de ditador não cola, e não venha utilizar argumentos ultrapassado pra justificar o massacre que Maduro vem*

fazendo na Venezuela, o cara tem pedido de prisão por várias nações no mundo, e já foi diversas vezes denunciado pela ONU e Direitos Humanos !!!” O internauta se lança como um Proponente do comentário (1.1), ao se reportar a ele da seguinte forma: “*deixa de ser ridículo siow [...]*” o que já aponta para uma tomada de posição que expressa uma rejeição ao comentário anterior, bem como expressa um tom agressivo, ao caracterizar o internauta anterior como ridículo, a expressão “*siow*” trata-se de um termo usado para se referir de modo informal a alguém, neste caso, ao internauta replicado. O internauta sugere que a atitude de (1.1) em defender um “*ditador*” não se sustenta, além de desacreditar e refutar os argumentos de (1.1), ao caracterizá-los como ultrapassados e vê-los como uma justificativa para o “*massacre que Maduro vem fazendo na Venezuela*”.

Para fortalecer seus argumentos e marcar mais incisivamente sua posição de descrédito em relação a Maduro, o internauta diz ainda: “*o cara tem pedido de prisão por várias nações no mundo, e já foi diversas vezes denunciado pela ONU e Direitos Humanos !!!*”. Ou seja, ele retoma o contexto de acusações do presidente venezuelano, numa tentativa de desmoralizar a figura de Maduro, bem como fundamentar a crítica feita ao internauta replicado. Nesse sentido, o internauta demarca um ponto de vista marcado por uma atitude de indignação, de oposição ao comentário (1.1), evidenciando assim uma dicotomização entre pontos de vista. A dicotomização é concebida por Amossy (2017) como um choque de opiniões antagônicas, expressando um confronto entre posições que se excluem. Nesse sentido, (1.4) estabelece com (1.1) um impasse, já que explicitam pontos de vista opostos, o que exclui da possibilidade de união entre esses internautas.

Quadro 8 - Segundo bloco de comentários – CNN Brasil



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cs1gSQcLDIo/?hl=pt-br>. Acesso em: 16 de Jun. de 2023

Inúmeras são as formas de expressões usadas pelos internautas no espaço destinado aos comentários, desde a exposição da linguagem escrita, com a representação clara de seus pontos de vista, até mesmo o uso de aspectos não verbais, como *emoticons* e imagens. Essas possibilidades de construções discursivas favorecem a manifestação da liberdade de expressão no gênero, de acordo com Pereira e Serra (2023a), a liberdade de expressão constitui-se sem a imposição de regras que limitem as palavras ou imagens, fazendo com que os internautas se sintam livres para tecer os comentários. Nessa perspectiva, explorando o uso de recursos não verbais, observa-se o comentário (02), que diferente de outros comentários que os internautas tecem seus pontos de vista a partir da escrita, expõe uma imagem que, no contexto digital em que foi publicado, sugere uma imagem em movimento. Infelizmente, a forma de coleta dos dados impossibilitou a captura desse movimento, restando apenas a representação imagética. Paveau (2021) nomeia como composição essa mobilização, no ambiente virtual, de recursos semióticos como utilização de imagens fixas ou animadas, sons, dentre outros.

A imagem explicitada simula a figura de um porquinho, com características humanas usando uma espécie de máscara que esconde a região dos olhos, na imagem o indivíduo parece segurar um saco que tem em sua face o registro de um cifrão, símbolo que representa o dinheiro, os movimentos simulam uma corrida, como se estivesse fugindo com o saco de dinheiro. O comentário não expressa nenhuma unidade linguística, seus sentidos são construídos a partir dessa representação não verbal e do não dito. Nesse contexto, Amossy (2020) situa o não dito como parte da argumentação, ficando sob a responsabilidade do auditório criar suas

interpretações, assim, a imagem no comentário pode ser vista como um pressuposto, em que se deduz os fatos a partir do exposto.

Nessa perspectiva, o contexto do comentário permite resgatar alguns sentidos e atribuir algumas interpretações, dado que é desprovido de enunciado escrito. Assim, por tratar-se de um comentário principal, explicitado a partir da notícia veiculada sobre o discurso feito por Luiz Inácio Lula da Silva na recepção de Nicolás Maduro durante sua visita ao Brasil, esse comentário parece sugerir/aludir uma ação de roubo, não sendo possível presumir a qual das figuras políticas o internauta atribui essa ação. Esse internauta, a partir da representação da imagem, parece colocar-se enquanto crítico do exposto na notícia, veiculando em seu comentário uma imagem que parece evidenciar uma tomada de posição perpassada não só pelo deboche, como também por uma descredibilização tanto em relação à notícia como aos sujeitos nela evidenciados.

Na corrente constante de comentários, as interações são dinâmicas, evidenciando não só relações de confronto, de embates, mas também relações de apoio. Nessa grande corrente marcada por uma alternância enunciativa, cada comentário apresenta-se como um potencial ponto de partida para o início de um debate entre internautas. Assim, partindo dessa premissa, o comentário (02) se constituiu como uma porta de entrada para a manifestação de outros internautas que, motivados pelo que foi veiculado no comentário, se empenham na construção interativa, materializando, a partir da menção direta a esse internauta, outros comentários que atuam promovendo o que Paveau (2021) chama de ampliação discursiva, que consiste na ampliação dos sentidos do texto primeiro. Nesse sentido, a partir do texto fonte, outros sentidos vão sendo incorporados no espaço em que se materializam os comentários.

Na continuidade da sequência, o comentário (2.1) se manifesta diante de (02) expressando uma relação de apoio, explicitado linguisticamente, a partir da seguinte colocação: “*melhor comentário!!!!*”, portanto, avaliando o comentário positivamente, nesse sentido, o internauta explicita compartilhar do mesmo ponto de vista exposto em (2.0). A atitude do internauta é reforçada a partir da repetição do sinal de exclamação. Essa repetição de sinais gráficos é, de acordo com Santos (2018), permitida no contexto do gênero comentário *online*, tendo em vista a marcação de uma maior ênfase em relação ao dito, sinalizando, assim, a ocorrência de um recurso estilístico.

Nos comentários seguintes que compõem a sequência, dois internautas tecem um diálogo com interlocutor definido, colocando em cena as réplicas (2.2), (2.3), (2.4) e (2.5). Essas réplicas organizam-se em forma de diálogo, em que os internautas debatem entre si partindo de

pontos de vista opostos. Nesse contexto, o internauta (2.2) se insere na sequência, manifestando uma reação que parece contradizer o exposto no comentário principal (2.0). Assim, ao dizer “*o ladrão de joias tá sendo investigado kkk e apóia a ditadura saudita kkk*”, o internauta visando invalidar o exposto em (2.0) atribui a outro sujeito o *status* de ladrão, ao se observar a construção discursiva do comentário, é possível questionar: quem é o ladrão de joias a quem o internauta se refere? A alusão feita pelo internauta parece fazer referência a Jair Messias Bolsonaro e as joias que supostamente foram dadas pelo governo da Arábia Saudita³⁰, manifestando mais uma vez a retomada desse contexto que já foi tematizada por outros internautas. Nessa perspectiva, a relação entre o ex-presidente e o representante da Arábia Saudita faz com que esse internauta aponte o ex-presidente como um apoiador da ditadura. A retomada do mesmo argumento por parte de vários internautas reflete da manifestação de reações, valorações que se assemelham, refletindo as características do gênero enquanto espaço de autoexpressão. Conforme apontam Pereira e Serra (2023a), o comentário é um gênero que reflete pontos de vista sobre temas que circulam na sociedade.

O internauta parece se utilizar da referência a esses acontecimentos não só para debater com o dito em (2.0), como também na tentativa de depreciar a imagem do ex-presidente, o apontando como ladrão de joias, invalidando, assim, a premissa de que as joias teriam sido um presente, além disso, o ex-presidente é visto pelo internauta como um apoiador da ditadura saudita.

Os comentários analisados na sequência evidenciam ecos de discursos outros, aos quais os internautas têm acesso por meio de informações veiculadas pela mídia, que de acordo com Ramonet (2013), atuam influenciando/moldando a opinião pública. Nessa perspectiva, os internautas revestem seus argumentos com informações/discursos outros que julgam pertinentes para confrontar/desqualificar o dito por outro internauta. Essa desqualificação é vista por Amossy (2017) como um enfraquecimento dos argumentos do outro a partir de recursos como a ironia, negação ou outras modificações. Essa alternância entre um comentário e outro, simulando um diálogo face a face resulta da possibilidade de resposta direta que o gênero comentário *online* oferece, permitindo a inserção de comentários do mesmo internauta mais de uma vez, conforme pontua Santos (2018), fato que pode ser visto na sequência analisada.

O internauta que realizou o comentário (2.0) se insere novamente na sequência materializando o comentário (2.3), que diz: “*tu jura que ele ROUBOU da Arábia Saudita?! O*

³⁰ Assunto já debatido em outro comentário.

regime mais brutal do planeta e saiu ileso?”, a menção direta ao internauta (2.2) sinalizam o endereçamento do comentário a ele marcado, explicitando, assim, uma réplica a esse comentário, além disso, o uso do pronome pessoal “*tu*” reforça esse direcionamento, Amossy (2020) aponta o uso dos pronomes pessoais como uma estratégia para englobar o auditório, ou seja, aqueles a quem a enunciação se direciona, que neste caso, trata-se do internauta anterior.

O internauta utiliza-se de dois questionamentos, o primeiro diz: “*tu jura que ele ROUBOU da Arábia Saudita?! O regime mais brutal do planeta [...]*”, desse modo, ele retoma os argumentos de (2.2) atribuindo uma valoração perpassada pelo descrédito, evidencia uma indagação, que expressa um sentido de negação do argumento posto no comentário anterior, de que as joias teriam sido roubadas. Ao mesmo tempo, o internauta fortalece o seu argumento com a premissa de que a Arábia Saudita é “*O regime mais brutal do planeta*”, o que parece sugerir a impossibilidade de roubo das joias.

O internauta dá ênfase à palavra “*ROUBOU*”, exposta em letra maiúscula, com o intuito não só de chamar atenção, como também incorporar os sentidos do dito em (2.2), atribuindo um sentido oposto ou contraditório, que se fortalece quanto o internauta questiona: “*O regime mais brutal do planeta e saiu ileso?*”, apontando, assim, para uma certa incoerência no sentido de que o “*ladrão de joias*” apontado por (2.2) tenha saído ileso. Os questionamentos deixam explícito a descrença em relação ao dito por (2.), sinalizando o confronto entre pontos de vista. As indagações suscitam respostas tanto do internauta anterior, a quem ele se dirige, como de outros possíveis internautas que o apoiem ou debatam com ele, atualizando, assim, os sentidos do comentário.

Nessa perspectiva, continuando o diálogo, o internauta do comentário (2.2), motivado pelos questionamentos de (2.3), se insere novamente na sequência, materializando o comentário (2.4), que diz: “ só foi parado por causa da receita federal que foi honesta. E se vende como cidadão de bem. Miliciano é osso kkk”. O internauta retoma novamente o contexto das joias citado por ele em (2.2), na tentativa de invalidar os argumentos posto em (2.3), elaborando a tese de que o “*ladrão de joias*”, só foi parado devido à atuação da Receita Federal, que segundo ele foi honesta. Nesse sentido, o comentário é posto não só como uma resposta aos questionamentos de (2.3), mas também no intuito de completar os sentidos postos em (2.2). O internauta parece invencível em sua argumentação, embora debata com o internauta que materializa o comentário (02) e o comentário (2.3), ele mantém seu ponto de vista diante de descrédito ao ex-presidente.

O internauta completa o comentário dizendo “*E se vende como cidadão de bem.*

Miliciano é osso kkk.”, ao explicitar isso, ele aponta para uma relação de contradição entre o caso das joias, mencionado por ele, em que as inferências apontam para a figura de Jair Messias Bolsonaro e o fato de que ele, segundo o internauta: *“se vende como cidadão de bem”*, além disso, o internauta finaliza seu comentário dizendo: *“Miliciano é osso kkk”*. É possível perceber a mobilização de outros discursos, que completam os sentidos do comentário, os argumentos do internauta giram em torno de uma descredibilização da figura de Jair Messias Bolsonaro, aponto implicitamente pelo internauta como ladrão de joias e miliciano, termos que aparecem nos comentários (2.2) e (2.3). Desses comentários ecoam fios de discursos outros que são explicitados tanto pelo dito quanto pelo não dito, permitindo, assim, estabelecer uma relação entre o posto linguisticamente e os sentidos a que este posto nos remetem.

Dando segmento ao debate, novamente o internauta do comentário (2.0) e (2.3) se insere na sequência, inflamando mais ainda a interação polêmica com o internauta (2.4), materializando o comentário (2.5), que diz: *“mds kkkkkkk também moço, Lula é honesto, país do pobres e defensor dos direitos humanos, principalmente da democracia 😊😊”*. O internauta parece revestir seu comentário de um tom de deboche, de ironia, aspectos que podem ser evidenciados pela simulação do riso, por meio da expressão *“mds kkkkkkk”*, e pelo uso de *emoticons* que também simulam o riso, além de expressar um sentido que parece dizer o contrário do que é posto pelo internauta e do que é exposto por ele em outros comentários.

Nesse sentido, o internauta coloca em cena a figura de Luiz Inácio Lula da Silva, revestindo seu comentário por sentidos implícitos presentes nas referências feitas ao atual presidente, diz: *“honesto, país do pobres e defensor dos direitos humanos, principalmente da democracia 😊😊”*, na tentativa de sugerir o contrário, como forma de desqualificar a figura de Luiz Inácio Lula da Silva e debochar dos pontos de vista explicitados em (2.4).

Os comentários (2.2), (2.3), (2.4) e (2.5) enunciam tomadas de posições que se situam em pontos opostos, em que (2.2) e (2.4) aponta implicitamente para uma relação de acusação da figura do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, enquanto (2.3) e (2.5) empenham-se em desqualificar os argumentos dos comentários mencionados. Nesse contexto, o internauta (2.5) aponta para uma descredibilização da figura do atual presidente, Luiz Inácio Lula da Silva. Observa-se nesses comentários traços do que Amossy (2017) chama de dicotomização, que constitui um choque de opiniões que se mostra contraditórias, que se excluem mutuamente, sem a ocorrência de um acordo entre si. Nesse sentido, os internautas que debatem congelam-se em posições opostas.

Assim, por mencionarem ou se reportarem implicitamente a figuras políticas que

supostamente ocupam posições como esquerda e direita, estas que de acordo com Sader (1995) representam duas forças em luta, revelando a constituição de dois planos opostos. Desse modo, os internautas parecem seguir a essa dicotomia, colocando-se como defensores ou opositores dessas figuras, evidenciando não só opiniões que polemizam entre si, mas também comentários que apresentam refrações ideológicas que podem ser vistas a partir dos discursos outros por eles mobilizados.

Na cadeia de comentários exposta nessa segunda categoria, cada internauta comenta a partir de sua própria subjetividade, expressando seu ponto de vista, o que faz ser possível observar os constantes ataques/provocações dos internautas aos seus oponentes, com um dissenso constante. Os internautas encenam discussões a partir da retomada de outros discursos usados como provas para refutar o já dito, bem como tentar vencer os argumentos do oponente. Nesse sentido, nos comentários analisados, foi possível perceber a ocorrência da apresentação do mesmo argumento por mais de um internauta, o que evidencia a recorrência do compartilhamento do mesmo ponto de vista. Assim, os comentários que se colocam contra a situação apresentada na notícia e que desacreditam a figura do então presidente da República são confrontados por internautas que expõem a relação do ex-presidente também com alguém tido como representante de uma ditadura. Nesse jogo discursivo, os internautas vão se inserindo nas sequências, contraditando e polemizando com o outro, abrindo espaços para a manifestação da argumentação polêmica. Algumas relações de apoio entre internautas também são constatadas, entretanto, com menos regularidades.

A voz da mídia, do jornal, se reflete nos comentários, visto que eles são motivados por essa relação com a notícia, partindo tanto do texto fonte, como de acontecimentos antes veiculados pela mídia. Essa instância midiática reflete sempre sua própria opinião, encoberta pela máscara da neutralidade, entretanto, conforme pontua Charaudeau (2013), os sujeitos sempre têm contato com acontecimentos filtrados pela mídia, nunca com o acontecimento bruto em si. Assim, o texto fonte favorece o levantamento de embates, visto que apresenta em suas linhas uma situação/acontecimento que suscita diversas opiniões, principalmente por expor um conteúdo da esfera política, fazendo com que os internautas sejam levados a argumentar a partir de pontos de vista que demarcam posições marcadas por um fio ideológico.

Nessa relação com os perfis de notícias, é possível perceber a incidência de comentários pejorativos nos comentários da notícia postada no perfil CNN Brasil. Esses comentários, em sua maioria, demonstram um tom depreciativo diante do exposto na notícia e das figuras nela evidenciadas, apresentando, assim, um distanciamento em relação a uma ideologia de esquerda.

Nesse contexto, é possível apontar para uma identidade ideológica do próprio perfil de notícias e de seus leitores/comentadores. Nos comentários da notícia do perfil Carta Capital, ocorre uma polarização entre os internautas, que discutem entre si, na defesa de um ponto de vista. Assim, é possível perceber que, nesse perfil, os comentários apresentam-se de forma menos depreciativa e com indícios de uma divisão que expõe duas posições antagônicas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ancorada na teoria dialógica proposta por Bakhtin e o Círculo, nas teorias da argumentação no discurso e na análise do discurso digital, essa pesquisa propôs investigar as relações dialógico-valorativas e polêmicas na construção dos sentidos do gênero comentário *online* sobre notícias, na rede social *Instagram*. Partimos do pressuposto de que o comentário se organiza em uma corrente de enunciados, conforme pontua Santos (2018), sendo um tecnodiscurso frequente na *internet*, além de ser um espaço de materialização de múltiplos sentidos, de interação, de exegese, conforme pontua Paveau (2021). Nesse contexto, o comentário constitui-se como um gênero em que o internauta pode expressar-se “livremente”, um espaço marcado pelo diálogo e pelo direcionamento ao outro, seja ele real ou imaginário, e ainda, pela retomada do discurso outro. Esse gênero permite o desdobramento de interações que manifestam o apoio, o confronto, a exposição de pontos de vista, de debates pacíficos, bem como de debates intensos. Além disso, o gênero comentário *online* propicia a incidência de discussões que têm como ponto de partida o texto fonte, mas que não se limitam a ele.

Nessa perspectiva, a partir de uma metodologia de cunho descritivo e documental, mobilizamos conceitos teóricos que versam sobre o dialogismo em suas diferentes manifestações, tais como o dialogismo interlocutivo e o dialogismo interdiscursivo, além da ancoragem em estudos que versam sobre a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva, a polifonia, os gêneros discursivos, a ideologia, argumentação e polêmica, comentário *online*, dentre outros. Consoante a isso, nos propomos a analisar os comentários materializados na rede social *Instagram*, a partir da Carta Capital e CNN Brasil, tendo em vista sua ancoragem na esfera político-jornalística. Nesse sentido, foram analisados um total de 38 comentários.

Nesse espaço discursivo, os internautas mobilizam discursos outros para tecerem seus pontos de vista, bem como fortalecer o dito. A rede social *Instagram*, ambiente de coleta dos comentários, se constitui como um espaço propício para a incidência de embates discursivos, visto que não existem muitas restrições de publicação, bem como permite a participação de uma quantidade significativa de internautas, que não só se expressam linguisticamente, como também fazem uso de recursos gráficos e visuais, tais como imagens, *emoticons*, dentre outros.

Considerando o *corpus*, delimitamos nesta pesquisa duas categorias de análises. A primeira nomeamos de: “Dialogismo no gênero comentário *online*: uma investigação das relações entre internautas e entre discursos”, nela, centramos com mais afinco nos aspectos

dialógicos em suas diferentes facetas, além dos aspectos ideológicos que constituem a linguagem. A segunda categoria foi intitulada: “Argumentação polêmica: o dissenso no gênero comentário *online*”, nesta focamos mais especificamente na verificação da materialização de embates entre os internautas por meio da interação marcada pela polêmica. A ancoragem dos dados em categorias foi feita por questões metodológicas, para um melhor manuseio do *corpus*. Nesse contexto, não objetivamos propor uma divisão do *corpus*, pois acreditamos que, por tratar-se de uma corrente de enunciados, os comentários formam um emaranhado de sentidos. Fragmentá-los significaria comprometer as relações de sentido neles materializados. Por essa razão, os comentários foram coletados e analisados considerando uma sequência, garantindo a preservação dos sentidos entre uma interação e outra.

Em uma visão geral da relação entre notícia e comentários, foi possível perceber que os internautas usam a notícia como ponto de partida para comentar, sendo considerada como um chamado, um motivo para que estes exponham seus pontos de vista, em outros termos, a voz do texto fonte/notícia ecoa nos comentários. A notícia, enquanto ponto de partida para o início das discussões no gênero comentário *online*, tem seu conteúdo ampliado, logo, a partir dela surgem outras discussões, novos sentidos são acrescentados por meio da mobilização de acontecimentos exteriores à notícia, que constituem a memória dos internautas. Nesse sentido, pensando no tema enquanto um elemento composicional dos gêneros discursivos apontados por Bakhtin (2016), o gênero comentário *online* apresenta uma construção temática variada, tendo em vista que as interações que os inúmeros enunciados expressam partem de uma individualidade de cada internauta, que comenta a partir de uma valoração própria.

As relações que se materializam nos comentários não se dão apenas linguisticamente, ela se evidenciam também por meio das reações que os comentários recebem de outros internautas a partir do ato de curtir, que pode ser interpretado como uma manifestação de apoio, de concordância com o dito, nos comentários analisados em ambas as categorias, é possível verificar claramente essa ocorrência.

Em uma observação geral da primeira e da segunda categoria, é possível perceber que os sentidos são construídos dialogicamente, em uma relação com o exposto na notícia e com outros fios discursivos exteriores. Esses discursos outros, materializados no espaço do comentário *online*, refletem as informações às quais os internautas têm acesso em sua vivência social, constituindo sua valoração. Consoante a isso, os comentários apontam para uma manifestação do dialogismo interdiscursivo, nessa relação entre o discurso veiculado na notícia, os discursos exteriores e as vozes dos internautas. Além disso, as relações dialógicas se dão

também entre os internautas, que mantém entre si uma interação interlocutiva, a partir da interação direta, que se materializa por meio da possibilidade de responder diretamente a um internauta específico, direcionando a ele seu comentário, definindo-se, portanto, o seu interlocutor, muitas vezes marcado por meio da menção ao seu nome.

Nos comentários, o discurso outro é retomado constantemente, materializando uma grande “teia” dialógica, em que os comentários se ligam a outros discursos nesse espaço de interação. Nos comentários analisados, tanto na primeira categoria como na segunda, foi possível constatar que os internautas, em grande recorrência, não expõem o discurso outro se utilizando de uma delimitação de fronteiras linguísticas, o que aponta para a ocorrência da heterogeneidade mostrada não marcada. Essa forma de heterogeneidade pode ser percebida a partir de recursos como o uso da ironia, em que muitas vezes o discurso outro é retomado em forma de ridicularização. Além disso, foi possível constatar a ocorrência da alusão e do discurso indireto. O reconhecimento de fios discursivos outros, que são incorporados aos comentários pelos internautas, só é possível se o leitor tiver tido acesso às informações citadas, bem como a partir da observação do contexto em que o comentário se dá. O não reconhecimento das alusões feitas pelos internautas impossibilita a construção de sentidos em muitos dos comentários analisados, o que faz com que esses sentidos sejam construídos apenas na relação com o discurso outro, bem como nas inferências feitas em relação ao dito e o não dito explicitamente. Além disso, foi possível verificar que a presença da heterogeneidade mostrada marcada se deu apenas a partir do uso de aspas em alguns comentários.

A ironia e o deboche podem ser observados nos comentários de ambas as categorias, materializando-se a partir do uso de *emoticons* que simulam o riso, ou outras reações, além disso, o uso da letra “k” repetidas vezes em sequência também aponta para uma recorrência de aspectos como a ironia, o deboche, a ridicularização do outro.

Os comentários das categorias elencadas possuem em comum a recorrência de menções feitas ao ex-presidente Jair Messias Bolsonaro e, ao então presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, essas figuras políticas são mobilizadas nos comentários, seja em uma atitude de descredibilização ou no intuito de manifestar uma relação de apoio. A menção a essas figuras nem sempre é feita de forma clara, muitas vezes, eles são retomados a partir de termos que os ridicularizam. A essas figuras políticas são associados acontecimentos retomados nos comentários para fundamentar os argumentos dos internautas, demonstrando o envolvimento desses indivíduos em situações apontadas pelos internautas como negativas, ou por eles criticadas. Os comentários, em sua maioria, explicitam posicionamentos políticos que se

associam aos defendidos por Jair Messias Bolsonaro e por Luiz Inácio Lula da Silva, esses aspectos apontam para uma relação de aproximação ou distanciamento dos internautas com ideologias políticas de esquerda ou de direita. Nesse sentido, os internautas comentam a partir de intenções que demarcam a defesa de pontos de vista perpassados pelo aspecto ideológico. Com relação aos aspectos político-ideológicos, foi possível constatar que os comentários são dinâmicos, ocorrendo uma variação entre as posições ideológicas defendidas.

Nos comentários da primeira categoria, observou-se que nos comentários da notícia do perfil Carta Capital, os internautas em sua maioria se colocam em oposição às manifestações, expressando valorações no intuito de desacreditizar, recriminar os envolvidos. Já os comentários da notícia coletada do perfil CNN Brasil, em sua maioria, demonstram apoio às manifestações do dia 8 de janeiro de 2023, eles evidenciam um tom mais pejorativo ao se reportarem aos integrantes da esquerda, os culpabilizando pelos atos da manifestação. Além disso, os internautas desse perfil demonstram uma maior insatisfação com o resultado da eleição, bem como desacreditizam a figura do então presidente.

Na segunda categoria, ao considerar os aspectos político-ideológicos, é possível observar que grande parte dos internautas que comentam na notícia do perfil CNN Brasil demonstram uma certa indignação em relação aos fatos noticiados sobre a recepção de Maduro durante sua visita ao Brasil, denotando, portanto, uma insatisfação expressa nitidamente nos comentários. Nos comentários da notícia coletada no perfil Carta Capital, observa-se uma reação contrária à visita e recepção de Maduro ao Brasil, entretanto com menos recorrência, além disso, diante desses comentários outros surgem, com mais recorrência, enunciando em uma interação responsiva, colocando-se em oposição, expondo argumentos no intuito de apagar o dito pelo outro, apontando contradições que colocam em cena um tom pejorativo em relação à figura do ex-presidente da república, com o intuito de desacreditizá-lo, bem como tentar vencer os argumentos opostos.

Nessa segunda categoria, os comentários são marcados por interações intensas, com a manifestação de um diálogo entre internautas que se inserem na sequência tecendo não apenas um comentário, mas se inserindo na sequência repetidas vezes, exprimindo um diálogo que acontece como na interação face a face, com a materialização de uma alternância entre um comentário e outro, e ainda de uma polarização. Essa atitude é adotada para contradizer, polemizar com o outro, numa tentativa de desacreditizar o argumento do oponente e muitas vezes do grupo ao qual ele faz parte. Assim, ocorre um debate em que proponente e oponente se organizam em posições antagônicas, não chegando a um acordo prévio entre si. Todas essas

ocorrências mencionadas apontam para a manifestação de uma argumentação polêmica nos comentários analisados, com a incidência de aspectos como: o argumento que atua como distorção do ponto de vista, o *argumentum ad hominem*, a desqualificação, a dicotomização, a polarização, dentre outros.

Essa tomada de posição dos internautas em cada perfil aponta para a constituição de uma identidade discursiva dos leitores/comentadores, o ato de posicionar-se seja de modo contrário ao dito na notícia ou em uma relação de apoio, pode estar ligado ao posicionamento ideológico seguido por cada perfil de notícia, que se torna mais evidente ao se observar a manifestação dos internautas no espaço destinado aos comentários. Assim, pode se inferir que no perfil CNN Brasil os comentários são expressos de forma mais pejorativa, em um ataque direto ao atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva, bem como os integrantes da esquerda e seus apoiadores, o que aponta para um distanciamento de uma ideologia de esquerda e uma aproximação com uma ideologia de direita, já que de acordo com Bobbio (1909), esquerda e direita são excludentes, o apoio a uma implica a exclusão de outra ou vice-versa. Nos comentários do perfil Carta Capital, tem-se a apresentação com mais recorrência de uma defesa da figura do então presidente, muitas vezes mascarada pelo ato de colocar em cena uma descredibilização da figura do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Desse modo, neste perfil, os comentários tendem mais para a defesa de uma ideologia de esquerda.

Em resumo, acreditamos que com o desenvolvimento desta pesquisa conseguimos alcançar os objetivos propostos, além de responder aos questionamentos elencados no início do seu desenvolvimento. Assim, pode se afirmar que a construção de relações dialógico-valorativas no comentário *online* se dá a partir das interações entre internautas, que mobilizam discursos outros, reacentuando a seu modo, constituindo suas próprias valorações apreciativas diante da notícia e na relação com outros comentários. O dito e o não dito relacionam-se no comentário *online* a partir de aspectos que são postos linguisticamente e de indícios apontados pelos internautas, que levam a uma relação com o contexto extraverbal. Nos comentários, muitas vezes, as inferências são feitas pelo leitor/interlocutor, que os interpreta a seu modo e reage diante desse dito. Os aspectos polêmicos, assim como os demais apontados acima, são favorecidos pela possibilidade de resposta no gênero, por meio da interação direta com o outro. Os internautas se inserem em debates perpassados pelo ataque ao outro, por meio de argumentos na tentativa de descredibilizá-lo, apagá-lo, transformando o espaço destinado à materialização dos comentários em uma arena de lutas em defesa de pontos de vista.

Este estudo proporcionou a expansão dos nossos conhecimentos acerca do gênero comentário *online* e das relações que o constituem. Contudo, é importante ponderar que este possui algumas limitações, como a ausência do tratamento dos dados em categorias que se aprofundem no estudo acerca de seus aspectos gramaticais, o que aponta para a oportunidade de pesquisas futuras. Além disso, sugerimos que as pesquisas posteriores se concentrem no estudo da violência verbal no gênero comentário *online* e ainda, em temáticas ligadas ao preconceito, ao assédio sexual, visando observar o comportamento dos internautas diante desses temas polêmicos.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Coordenação da tradução: Mônica Magalhães Cavalcante; tradução: Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto... [et. Al.]. – São Paulo: Contexto, 2017. 224 p.
- AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Coordenação da tradução: Eduardo Lopes Pires e Moisés Olimpio-Ferreira; tradução de Angela M. S. Corrêa... [et. Al.]. – 1. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2020. 288 p.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I**: a estilística. São Paulo: Editora 34, 2015 [1934-1936].
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. – 5. Ed. - - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- CATELÃO, Evandro de Melo; OLIVEIRA, Amanda Bueno de. Comentários online e as noções de estereótipo e lugar no quadro da argumentação polêmica. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 29, n. 4, p. 2259-2287, 2021. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/18070>>. Acesso em: 25 de Mai. 2023.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. -2. ed., 4ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2019.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. -2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.
- CIULLA, Alena et al. Ampliação enunciativa em comentários de webnotícia: uma releitura de Paveau à luz dos estudos enunciativos benvenistianos. **Revista Investigações**, Recife, v. 35, n. especial - Linguística de Texto e Análise da Conversação: perspectivas para as Tecnologias digitais -, p. 1 - 31, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/254392>>. Acesso em: 03 de Jul. 2023.
- CUNHA, Dóris de Arruda. C. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. In: **Comentários na internet**. Imperatriz: UDUFMA, 2014, p. 11-22.
- CUNHA, Dóris de Arruda. C. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 116-132, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/5185/5085>>. Acesso em: 03 de Ago. 2023.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo.** – Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação.** 2.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin** / José Luiz Fiorin. – 2. Ed., 6 reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2022. 160 p.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 167-16.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas.** Campinas: Pontes Editores, 2021.

PEREIRA, Maiara Amorim; SERRA, Luís Henrique. Discurso outro e posicionamento ideológico em comentários online: dialogismos no mundo da digitalidade. In: FERREIRA, Cacio José; FRANÇA, Kátia Cilene Ferreira; OLIVEIRA, Rubenil Silva de. (Org.). **Linguagem, Cultura e Discurso.** 01. ed. Campinas: Pontes, 2023a, v. 04, p. 73-94. Disponível em: < https://ponteseditores.com.br/loja3/pontes-editores-home-2__trashed/ebook/linguagem-discurso-e-cultura-volume-iv/>. Acesso em: 02 de Dez. 2023.

PEREIRA, Maiara Amorim; SERRA, Luís Henrique. A Construção dialógica do gênero comentário on-line no facebook. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes; ESPINDOLA, Elaine Baldissera; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes (Org.). **Gêneros Textuais/ Discursivos: Conhecimentos, Linguagens e Culturas.** 01ed. Campinas: Pontes Editores, 2023b, v. 01, p. 832-849. Disponível em: < https://ponteseditores.com.br/loja3/pontes-editores-home-2__trashed/ebook/generos-textuais-discursivos-conhecimentos-linguagens-e-culturas/>. Acesso em: 01 de Dez. 2023.

PEREIRA, Maiara Amorim; SERRA, Luís Henrique. Marcas do dizer em comentários online: tons valorativos e subjetivação no mundo digital. **INTERLETRAS**, Dourados, v. 11, ed. 37. p. 1-18, 2023c. Disponível em: < https://www.unigran.br/dourados/interletras/ed_anteriores/n37/conteudo/artigos/10.pdf?v=375>. Acesso em: 20 de Jun. 2023.

PEREIRA, Maiara Amorim.; SERRA, Luís Henrique. O gênero comentário online: uma análise de sua constituição discursiva. In: VIII COGITE: Colóquio sobre gêneros e textos, Piauí. **Anais do VIII COGITE: Colóquio sobre gêneros e textos.** Teresina: edufpi, 2023d. V.01. p. 01-17. Disponível em: < <https://revistas.ufpi.br/index.php/ancogite/article/view/13923>>. Acesso em: 01 de Set. 2023.

PEREIRA, Maiara Amorim. Um estudo das relações construídas em comentários online no Instagram. In. CONGRESSO INTERNACIONAL DE LETRAS (CONIL), VI, 2023, Bacabal - Ma. **Anais Eletrônicos.** Bacabal, Ma. Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – Campus Bacabal. 2023e. p. 2172-2186. Disponível em: < <https://sites.google.com/ufma.br/anais-e-resumos-do-conil/publica%3%A7%3B5es/anais/anais-vi-conil?authuser=0>>. Acesso em: 20 de Dez. 2023.

PEREIRA, Maiara Amorim.; SANTOS, Eliane Pereira. O discurso outro na construção do gênero comentário online. **Diálogo das Letras**, p. e02318, 2023. Disponível em: <

<https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/4764>>. Acesso em: 05 Set. 2023.

PEREIRA, Maiara Amorim; SERRA, Luís Henrique. O gênero comentário online: pontos de vistas refletidos e refratados. In: V Congresso Internacional de Letras (5.: 2022: Bacabal, MA – on-line) **Anais do V Congresso Internacional de Letras [livro eletrônico]** – 1. ed. – Bacabal, MA: Letraria, 2022. p. 921- 934. Disponível em: <<https://sites.google.com/ufma.br/anais-e-resumos-do-conil/publica%C3%A7%C3%B5es/anais/anais-v-conil?authuser=0>>. Acesso em: 26 de Set. 2023.

PEREIRA, Danielle Ketley de Sousa; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Interação polêmica nos comentários da página do facebook “Quebrando o Tabu”. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10, n. 2, e1849, p. 1-22, maio-ago/2020. DOI: 10.22168/2237-6321-21849.

RAMONET, Ignácio. A explosão do jornalismo na era digital. In: MORAES, Dênis; RAMONET, Ignácio; SERRANO, Pascual. (Org.). **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. Rio de Janeiro: Biotempo, 2013.

SADER, Emir. **O anjo torto: Esquerda (e direita) no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SANTOS, Eliane Pereira dos. **Gênero comentário online: um enfoque axiológico-dialógico do estilo**. 2018. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32293>>. Acesso em: 05 de Jun. 2023.

SANTOS, Eliane Pereira dos. **O gênero comentário online: dimensão social e verbal**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013. Disponível em:https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_75e1a041017164967518d6b65c98a9be. Acesso em: 15 de Mai. 2023.

SERRANO, Pascual. Democracia e liberdade de imprensa. In: MORAES, Dênis; RAMONET, Ignácio; SERRANO, Pascual (Org.). **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. Rio de Janeiro: Boitempo, 2013. p. 54-63.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018. 376 p.